

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JULIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS - UNESP/IGCE
CAMPUS DE RIO CLARO

ENÉAS RENTÉ FERREIRA

"A FORMAÇÃO DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA: O PAPEL
DO ESTADO E DAS AGRO-INDÚSTRIAS DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL
NO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO"

Dissertação apresentada ao Curso
de Pós-Graduação em Geografia-Área
de Concentração em Organização do
Espaço, como requisito para obten
ção do Título de Mestre.

Orientador: Prof.Dr. SILVIO CARLOS BRAY

DEDICO a

Solange e Iahel Manon,
pelos bons e maus mo
mentos que dividimos
durante o trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar registrado meus agradecimentos às pessoas e instituições que colaboraram de maneira direta ou indireta para a execução deste Trabalho e peço desculpas pelas eventuais omissões.

- Ao Professor Doutor Silvio Carlos Bray, que fundamentalmente, confiou em mim, dando a oportunidade e orientação para que o trabalho fosse realizado.
- Ao casal Feres Jorge (in memorian) e Ercy Patrizzi Jorge.
- Ao Edil Julio Cesar Rente Ferreira, pela valiosa colaboração.
- Ao Engenheiro Agrônomo Ms. Davi Guilherme Gaspar Ruas - IAA-PLANALSUCAR, pela liberação dos dados.
- À Professora Doutora Vera Mariza Henriques Miranda Costa, pelas sugestões.
- Às Instituições CAPES, CNPq e PICD, pelas bolsas concedidas.
- Ao Professor Flávio Henrique Mingante Schllitler e Selma Aparecida de Lima, pela revisão ortográfica do trabalho.
- Às secretárias Sonia Maria de Oliveira Rafael e Jussara Arantes Antonio responsáveis pela datilografia e Akemi Shimasaki pelos serviços de desenho.
- À direção do Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais de Presidente Prudente e a chefia do Departamento de Planejamento.
- Aos meus Professores de História e Geografia do 1º e 2º Graus que me deram a oportunidade de conhecer o mundo e as pessoas.

ÍNDICE

| | |
|--|---------|
| TABELAS..... | I |
| FIGURAS..... | III |
| FOTOS..... | V |
| ANEXOS..... | VI |
| SIGLAS..... | VII |
| INTRODUÇÃO..... | pp. 02 |
| OBJETIVOS..... | pp. 08 |
| JUSTIFICATIVAS..... | pp. 10 |
| MÉTODOS E TÉCNICAS..... | pp. 11 |
| 1. A formação da Região Canavieira de Araraquara e a influência das Políticas do IAA..... | pp. 16 |
| 1.1. A fundação das primeiras Usinas no contexto do período cafeeiro..... | pp. 18 |
| 1.2. O início da intervenção do Estado no setor ca navieiro e a expansão dos grupos agro-indus triais..... | pp. 25 |
| 2. O processo de modernização da agro-indústria cana vieira..... | pp. 50 |
| 2.1. O plano de racionalização e seus efeitos na Região Canavieira de Araraquara..... | pp. 52 |
| 2.2. A diminuição da importância e do número de fornecedores de cana..... | pp. 62 |
| 2.3. A modificação do quadro agrícola na área em estudo..... | pp. 71 |
| 2.4. O processo de expansão dos monopólios cana vieiros..... | pp. 83 |
| 2.5. A ampliação do rendimento industrial..... | pp. 89 |
| 3. O Programa Nacional do Alcool..... | pp. 96 |
| 3.1. A primeira fase da implantação do Pró-Alcool (1975/1979)..... | pp. 100 |
| 3.2. A segunda fase de implantação do Pró-Alcool (1980/1985)..... | pp. 101 |
| 3.3. A elevação da produção alcooleira na Região Canavieira de Araraquara..... | pp. 118 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | pp. 132 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | pp. 137 |
| ANEXO (01)..... | pp. 146 |
| ANEXO (02)..... | pp. 149 |

| | |
|-----------------|---------|
| ANEXO (03)..... | pp. 151 |
| ANEXO (04)..... | pp. 157 |
| ANEXO (05)..... | pp. 161 |

TABELAS

01. Comparação entre os Estados de maior produção açucareira e alcooleira do país com a Região Canavieira de Araraquara - safra 1984/85..... pp. 12
02. Propriedades com o cultivo de café no município Araraquara, 1915..... pp. 21
03. Produção Açucareira da Região canavieira de Araraquara - Decênio de 40..... pp. 35
04. Produção Açucareira da Região Canavieira de Araraquara - Decênio de 50..... pp. 42
05. Produção Alcooleira da Região Canavieira de Araraquara - Decênio de 50..... pp. 43
06. Produção Açucareira da Região Canavieira de Araraquara - Decênio de 60..... pp. 47
07. Produção Alcooleira da Região Canavieira de Araraquara - Decênio de 60..... pp. 48
08. Implantação e Fechamento de Usinas no Estado de São Paulo..... pp. 58
09. Cana-de-açúcar moída nas Regiões Canavieiras do Estado de São Paulo: A participação percentual dos Usineiros e Fornecedores nas safras de 1970/71 e 1982/83..... pp. 64
10. Evolução da participação dos fornecedores de Cana nas agro-indústrias da Região Canavieira de Araraquara - 1974/75 a 1984/85..... pp. 66
11. Dados para se obter o Rendimento Industrial das agro-indústrias da Região Canavieira de Araraquara - 1974/75 a 1984/85..... pp. 92
12. Comparação do Rendimento Industrial das agro - indústrias da Região Canavieira de Araraquara com o índice do Estado de São Paulo - 1974/75 a 1984/86. pp. 93
13. Produção Açucareira da Região Canavieira de Araraquara - Decênio de 70..... pp. 105
14. Produção Alcooleira da Região Canavieira de Araraquara

| | |
|---|---------|
| quara - Decênio de 70..... | pp. 106 |
| 15. Comparação dos financiamentos aprovados para Des tilarias anexas e autônomas, nas áreas tradicio nais Canavieiras Paulistas e no Oeste paulista. (Cr\$ 1.000)..... | pp. 111 |
| 16. Produção Alcooleira da Região Canavieira de Arara quara - Meados do Decênio de 80..... | pp. 113 |
| 17. Produção Alcooleira da Região Canavieira de Arara quara - Meados do Decênio de 80 | pp. 114 |
| 18. Programa de Produção e distribuição de alimentos firmado entre Prefeitura Municipal de Américo Bra siliense, SAA, CEAGESP e Usina Santa Cruz..... | pp. 125 |

FIGURAS

01. Primeira Regionalização das áreas canavieiras do Estado de São Paulo IAA/PLANALSUCAR - 1973..... pp. 02
02. Regiões Canavieiras do Estado de São Paulo proposta pelo PLANALSUCAR/IAA..... pp. 04
03. Regiões Canavieiras delimitadas empiricamente no Estado de São Paulo..... pp. 05
04. Capacidade de tancagem de Álcool Anidro e Hidratado das distribuidoras de Petróleo do Estado de São Paulo..... pp. 06
05. Localização das usinas e Destilarias na Região Canavieira de Araraquara - 1917-1985..... pp. 09
06. Participação de Cana Moída própria e de fornecedores às usinas e destilarias da Região Canavieira de Araraquara - 1974-75..... pp. 67
07. Participação de Cana Moída própria e de fornecedores às usinas e destilarias da Região Canavieira de Araraquara - 1984-85..... pp. 68
08. Comparação evolutiva das principais atividades agrícolas na Região Canavieira de Araraquara - 1970/1975..... pp. 73
09. Comparação evolutiva das principais atividades agrícolas na Região Canavieira de Araraquara - 1975/1980..... pp. 76
10. Comparação evolutiva das principais atividades agrícolas na Região Canavieira de Araraquara - 1980/1985..... pp. 78
11. Comparação evolutiva das principais atividades agrícolas na Região Canavieira de Araraquara - 1970/1985..... pp. 80
12. Usina maringá S/A - Complexo agro-industrial..... pp. 84
13. Expansão da área plantada com cana própria nas agro-indústrias da Região Canavieira de Araraquara - 1974/75 - 1984/85..... pp. 87

| | |
|--|---------|
| 14. Financiamento e o número de Destilarias anexas e autônomas aprovadas através da Comissão Executiva Nacional do Alcool..... | pp. 101 |
| 15. Destilaria Lagoa Dourada - Dobrada - SP..... | pp. 103 |
| 16. Estado de São Paulo - Regiões Prioritária e Marginal - Implantação de Destilarias..... | pp. 108 |
| 17. Comparação Evolutiva do Crescimento Açucareiro e Alcooleiro do Estado de São Paulo com a Região Canavieira de Araraquara..... | pp. 116 |
| 18. Capacidade de produção alcooleira na Região de Araraquara (período anterior ao PRÓ-ÁLCOOL)..... | pp. 120 |
| 19. Ampliação de Quotas alcooleiras correspondentes a primeira fase do PRÓ-ÁLCOOL - Região Canavieira de Araraquara - 1975/1979..... | pp. 121 |
| 20. Ampliação de Quotas alcooleiras comparadas a segunda fase do PRÓ-ÁLCOOL - Região Canavieira de Araraquara - 1980/1984..... | pp. 123 |
| 21. Produção alcooleira - Região Canavieira de Araraquara - Extra-Quota verificada na safra 1984/85.. | pp. 124 |
| 22. Capacidade total alcooleira das Destilarias da Região Canavieira de Araraquara - 1984/1985..... | pp. 125 |

FOTOS

01. Foto 01 - Antiga Sede da Fazenda de café, Municí
pio de Américo Brasiliense..... pp. 20
02. Foto 02 - Aspectos parciais da Sede da Usina Ta
moio - Araraquara..... pp. 27
03. Foto 03 - Usina Storani (Américo Brasiliense - De
sativada)..... pp. 60
04. Foto 04 - Vista parcial da Destilaria Autônoma São
Gregório (Ibaté)..... pp. 111

ANEXOS

01. Questionário sobre a modernização da agro-indústria açucareira/alcooleira e aguardenteira do Estado de São PAULO..... pp. 146
02. Formação de novos municípios na Região Canavieira de Araraquara a partir de 1940 - figura 23... pp. 149
03. Produção dos principais produtos agrícolas da Região Canavieira de Araraquara (dados por municípios) - figuras 19 a 22..... pp. 151
04. Contrato particular de arrendamento de Terras - Companhia Agrícola-Contendas..... pp. 157
05. Ofício da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, negando a expansão da Usina Santa Cruz S/A pp. 161

S I G L A S

- APEAGESP** - Associação Profissional dos Engarrafadores de Aguardente do Estado de São Paulo.
- CACEX** - Carteira de Comércio Exterior.
- C.D.P.A.** - Comissão de Defesa da Produção Açucareira.
- CEAGESP** - Companhia de Entrepasto e Armazéns Gerais de São Paulo.
- CENAL** - Comissão Executiva Nacional do Alcool.
- COPERSUCAR** - Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo.
- I.A.A.** - Instituto do Açúcar e do Alcool.
- P.E.P.D.A.C.L.C.** - Programa de Estímulo à Produção e Distribuição de Alimentos Consorciados à Lavoura de Cana-de-Açúcar.
- PLANALSUCAR** - Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar.
- P.N.A.** - Programa Nacional do Alcool.
- P.N.D.** - Plano Nacional de Desenvolvimento.
- PROÁLCOOL** - Programa Nacional do Alcool.
- PROCANA** - Programa de Expansão da Canavicultura para Produção de Combustível do Estado de São Paulo.
- PRO-OESTE** - Plano de Desenvolvimento do Oeste do Estado de São Paulo.
- S.A.A.** - Secretaria da Agricultura e Abastecimento.
- S.I.C.C.T.** - Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia.
- SIFAESP** - Sindicato da Indústria de Fabricação do Alcool no Estado de São Paulo.

INTRODUÇÃO

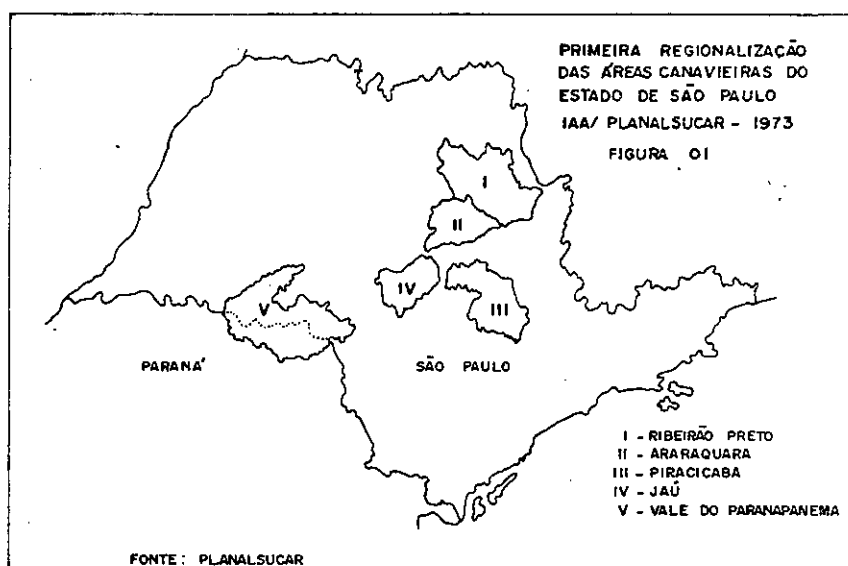
IAA ATRIBUI ÊXITO DO PRÓALCOOL A UM ERRO

Ao falar ontem no Seminário da Copersucar, o presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), José Aprígio Vilela, disse que o êxito do Proálcool pode ser atribuído a um "erro de cálculo" das autoridades brasileiras, que segundo ele no início da década de 70 superdimensionaram a futura demanda de açúcar no mercado internacional. Com isso -afirmou- o IAA financiou um amplo programa de modernização de usinas e lavouras de cana e "a situação seria incontrolável, se não tivesse havido a crise do petróleo. Porém, com a inesperada alta do petróleo, o país pode adotar um programa alternativo de produção de combustíveis líquidos, já contando para isso com a estrutura que havia sido montada para a produção do açúcar"

José Aprígio Vilela - Presidente do IAA
1º Seminário da Copersucar - São Paulo
folha de São Paulo - 26/06/85 - pp. 13

INTRODUÇÃO

As delimitações das regiões canavieiras do Estado de São Paulo, originaram-se de uma necessidade de zoneamento sentida pelas seções técnicas do Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar (Planalsucar), no início da década de setenta. Sobre o assunto RUAS e GEMENTE (1984; 36) diz "embora não haja nenhum registro oficial a respeito, referências bens determinadas sobre as regiões aparecem nos relatórios anuais do Planalsucar, a partir do ano de 1973" (FIGURA 01).



Porém, após o Programa Nacional do Alcool o Planalsucar/IAA propõem uma nova regionalização para o Estado de São Paulo, definindo novas regiões e seus municípios componentes. Assim passamos a contar com mais 2 (duas) novas regiões canavieiras - o Litoral, abrangendo a área Sul-Sudeste do Estado e Arenito, no Noroeste do Estado.

Podemos perceber que a Região

canavieira do Vale do Paranapanema, Ribeirão Preto e Piracicaba sofreram um remodelamento ocupando novas áreas e acompanhando o limite do Estado. As Regiões de Araraquara e Jaú, foram as que poucas modificações tiveram, por estarem encaixadas entre as Regiões de Piracicaba e Ribeirão Preto (FIGURA 02).

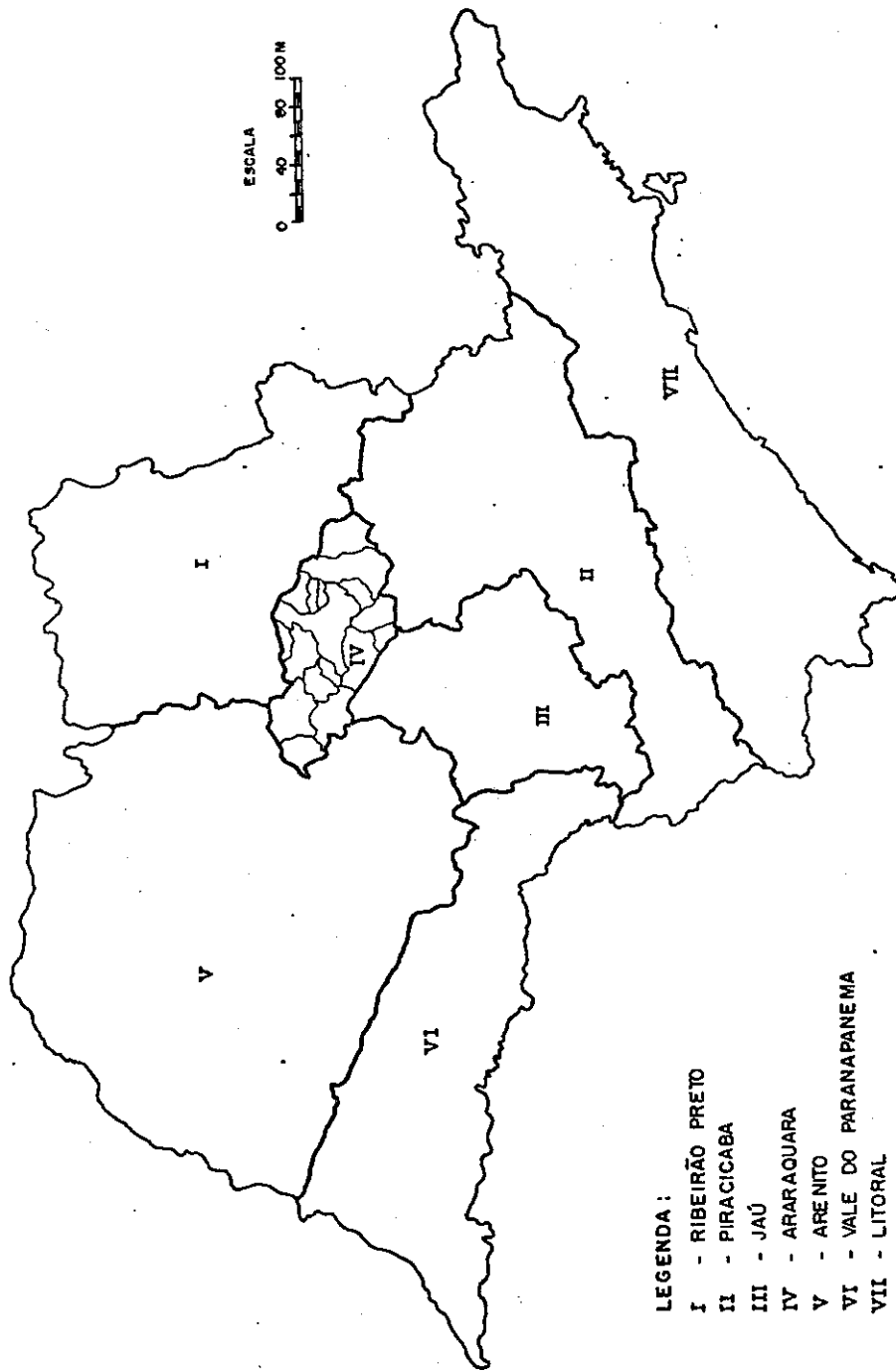
Ressaltando a importância dos estudos empíricos para se delimitar as regiões canavieiras e analisar as relações funcionais, através das conexões entre usinas e propriedades fornecedoras, foram realizados vários estudos no Estado de São Paulo no decorrer da década de 80. BRAY, analisa a região do Vale do Paranapanema, englobando municípios que se localizam no Norte do Estado do Paraná (1980). FERREIRA e BRAY levantam 20 (vinte) municípios que compõem o sub-setor de Araras (1983), e em 1985, BRAY e SAMPAIO analisam o sub-setor de Porto Feliz, ambas fazendo parte da Região canavieira de Piracicaba.

Outro trabalho muito importante foi o realizado por BRAY (1985), desmembrando a Região Canavieira de Catanduva da de Ribeirão Preto e da região Oeste do Estado (ARENITO), visto que a região tem características próprias e independente de ambas (FIGURA 03).

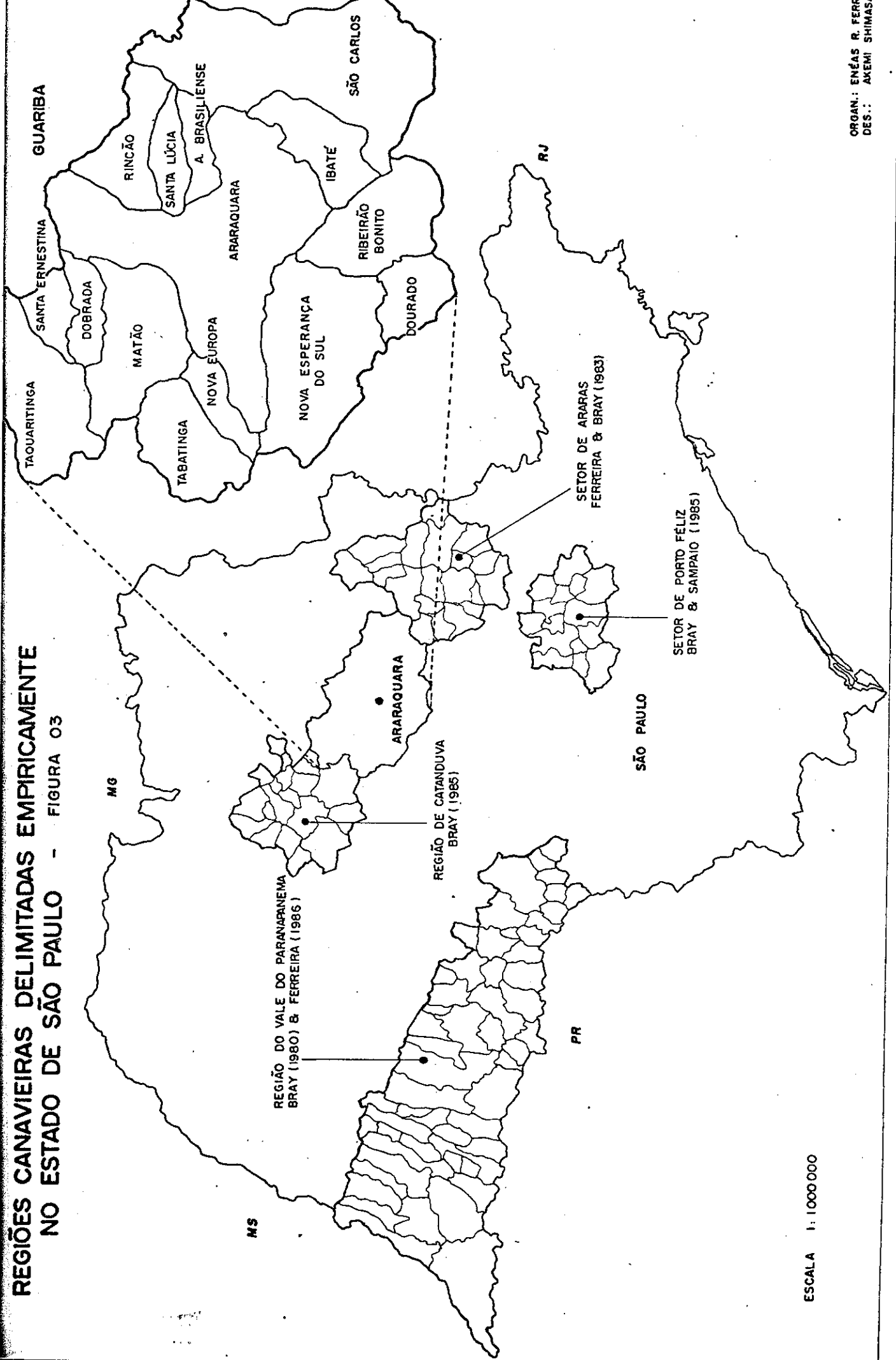
Segundo BRAY, para a delimitação da Região Canavieira de Catanduva, foi fundamental a existência de um posto de armazenamento de álcool, com capacidade de 10.000 m³, no município de Santa Adélia, para onde converge todo o álcool produzido pelas Usinas e Destilarias da região.

Se nos remetermos a FIGURA 04, podemos ter uma visão geral da capacidade de tancagem dos principais centros coletadores de Álcool do Estado de São Paulo, mostrando que as regiões canavieiras do Estado estão ser-

REGIÕES CANAVEIRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO PROPOSTA PELO
PLANALSUCAR/IAA. FIGURA 02



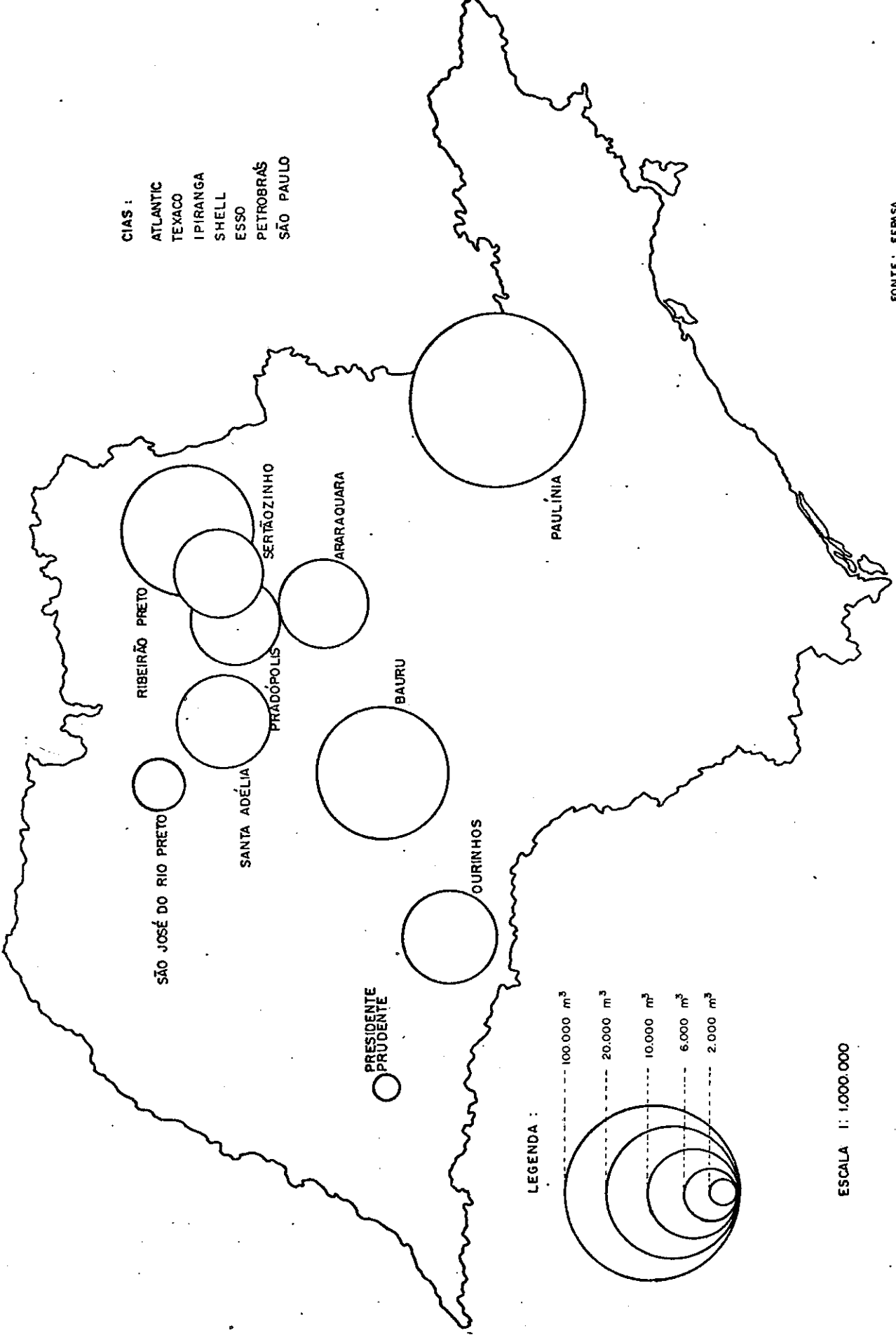
REGIÕES CANAVIEIRAS DELIMITADAS EMPIRICAMENTE NO ESTADO DE SÃO PAULO - FIGURA 03



ESCALA 1: 1 000 000

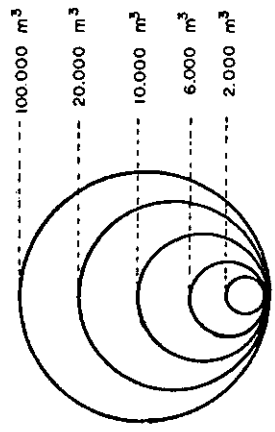
ORGAN.: ENÉAS R. FERREIRA
DES.: AKEMI SHIMAS

CAPACIDADE DE TANCAGEM DE ALCÓOL ANIDRO E HIDRATADO E TANCAGEM DAS DISTRIBUIDORAS DE PETRÓLEO DO ESTADO DE SÃO PAULO FIGURA 04



CIAS :
 ATLANTIC
 TEXACO
 IPIRANGA
 SHELL
 ESSO
 PETROBRÁS
 SÃO PAULO

LEGENDA :



ESCALA 1:1.000.000

vidas por postos de armazenamento das 7 (sete) companhias petrolíferas que atuam no país (Atlantic, Shell, Esso, Texaco, Ipiranga, Petrobrás e São Paulo).

Os depósitos de álcool estão interligados ao sistema rodo-ferroviário do Estado, ora ficando mais próximo da área produtora (Ex: Pradópolis e Ourinhos), ora junto a importantes outras regionais (São José do Rio Preto e Bauru) condicionados ao abastecimento de gasolina, diesel e diesel carburante.

Assim como foi caracterizada a Região Canaveira de Catanduva, existem outras regiões dentro do próprio Arenito (por nós chamado no decorrer do trabalho de Oeste Paulista), como por exemplo, as regiões de Araçatuba e Alta Paulista, cuja instalação de destilarias autônomas foram acentuadas, após o Proálcool, merecendo um estudo mais aprofundado a respeito do processo de regionalização das regiões canavieiras do Estado.

A nossa região canavieira de Araraquara passa a ter algumas modificações em relação à região proposta pelo Planalsucar/Instituto do Açúcar e do Alcool, visto que os dois Institutos consideram alguns municípios, em sua porção Oeste (Itápolis, Borborema e Ibitinga) como na região canavieira de Araraquara, mas em função de coincidirem com a região homogênea predominante. Nós não consideramos esses municípios, pois, Itápolis e Borborema já foram citados no recente estudo de BRAY (1985), fazendo parte da região canavieira de Catanduva (SP). e o município de Ibitinga a cana-de-açúcar não é plantada com fins econômicos para que possamos considerá-lo dentro das conexões usina-propriedades fornecido

ras (FIGURA 03). (N).

Delimitando a região, devido a critérios de relações funcionais através das conexões, propriedades fornecedoras entre as usinas do setor, levantamos 17 (dezesete) unidades agro-industriais no decorrer de sua história, abrangendo um total de 16 (dezesesseis) municípios canavieiros, cujo intercâmbio é intenso nas relações usina / propriedade de fornecedores e propriedade de acionistas.

Finalmente procuramos localizar as agro-indústrias canavieiras (algumas já extintas), que dividimos em 3 (três) grandes grupos: usinas em atividade, usinas desativadas e destilarias autônomas. No todo, a região foi composta por 17 (dezesete) usinas canavieiras, subdivididas em 7 (sete) usinas em atividade (açúcar e álcool; 6 (seis) que foram desativadas ou incorporadas por usinas maiores e 4 (quatro) que compõem o rol de destilarias autônomas direcionadas apenas para a produção de álcool (FIGURA 05).

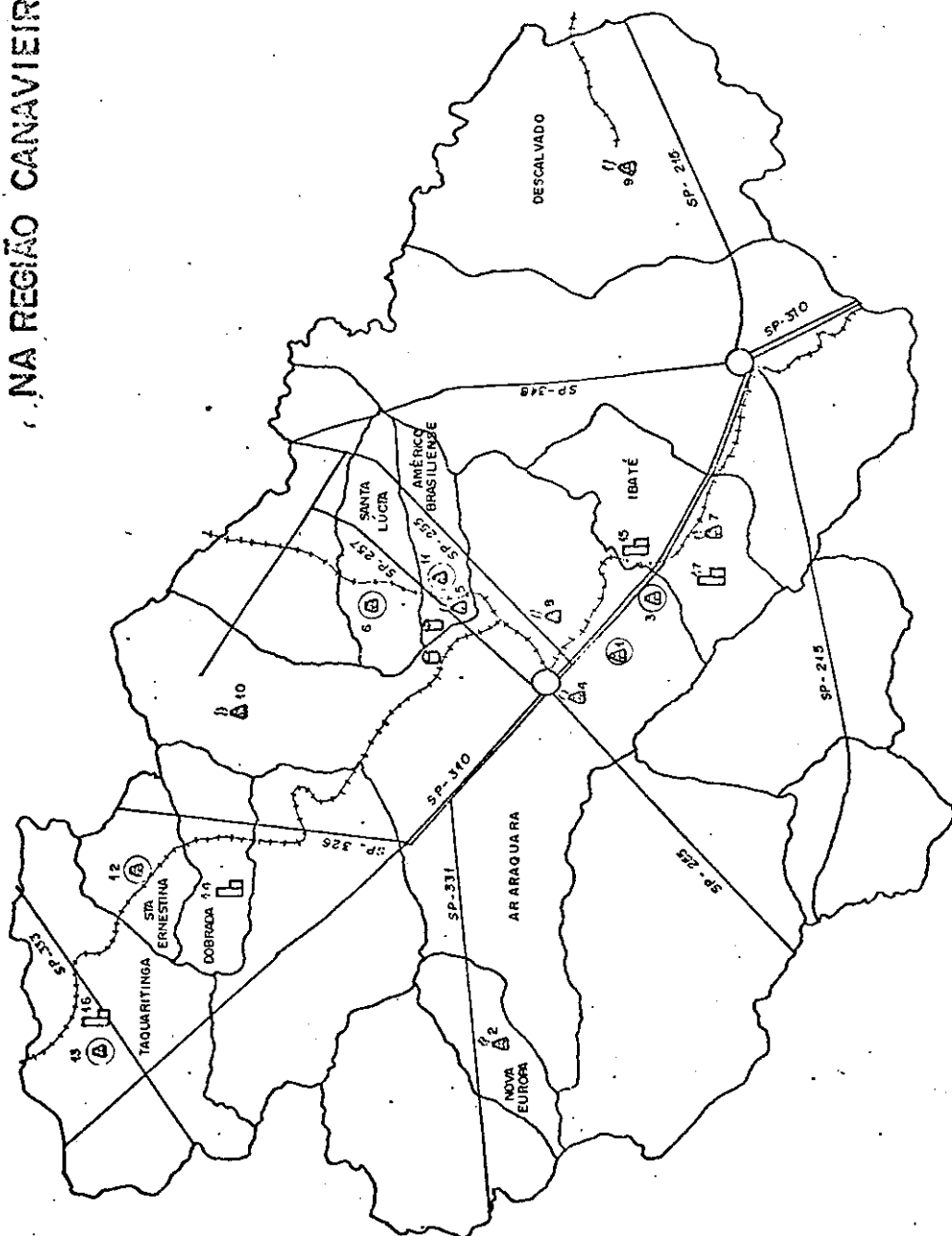
OBJETIVOS

O trabalho foi norteado buscando os seguintes objetivos:

(N). Se compararmos com a micro-região homogênea 242 (SP) Araraquara, estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1968. 401/2), percebemos que dos 17 (dezesete) municípios originais na micro-região, retiramos os municípios de Ibitinga, Itápolis e Borborema e colocamos Taquaritinga e Santa Ernestina, constituindo numa região canavieira mais funcional em vidade dos trabalhos empíricos realizados.

LOCALIZAÇÃO DAS USINAS E DESTILARIAS NA REGIÃO CANAVEIEIRA DE ARARAQUARA - 1.917 - 1.995

FIGURA 05



| USINAS / DESTILARIAS | | DATA DE FUNDAÇÃO |
|----------------------|---------------------------|------------------|
| 1 - | USINA TAMOIO | 1.917 |
| 2 - | USINA SANTA FÉ * | 1.930 |
| 3 - | USINA CHIBARRO | 1.947 |
| 4 - | USINA ZANIN | 1.947 |
| 5 - | USINA SANTA CRUZ | 1.947 |
| 6 - | USINA MARIA IZABEL | 1.947 |
| 7 - | USINA ACUCAREIRA DA SERRA | 1.953 |
| 8 - | USINA MARINGÁ | 1.953 |
| 9 - | USINA IPIRANGA | 1.954 |
| 10 - | USINA SANTA LUIZA | 1.957 |
| 11 - | USINA STORANI | 1.958 |
| 12 - | USINA SANTA ERNESTINA | 1.959 |
| 13 - | USINA CONTENIDAS | 1.964 |
| 14 - | DESTILARIA LAGOA COURADA | 1.979 |
| 15 - | DESTILARIA SÃO GREGÓRIO | 1.982 |
| 16 - | DESTILARIA CONTENIDAS | 1.993 |
| 17 - | DESTILARIA SANTA HELENA | 1.984 |

LEGENDA:

- ▲ USINA
- ◻ USINA DESATIVADA
- ⊞ DESTILARIA AUTÔNOMA
- TERMINAL ALCOOLEIRO (PETROBRÁS)
- RODOVIA
- ++++ FERROVIA

FONTE : DEPTO AGRÍCOLA / USINAS. * USINA SANTA FÉ - EX-USINA ITAQUERÊ.
ORGANIZADO POR : ENÉAS R. FERREIRA / DESENHO : AKENI SHIMASAKI.

ESCALA 1:4.270.000

- delimitar empiricamente a área canavieira de Araraquara através do esforço de relações entre municípios usineiros e fornecedores;
- entender o papel direcionador do Estado brasileiro, através das políticas do IAA e Proálcool e suas influências na área em estudo;
- mostrar a concentração de terras por parte dos usineiros a partir da década de 70;
- averiguar o avanço do capitalismo e da modernização dos setores agrícola e industrial;
- procurar relacionar a cana-de-açúcar com as demais culturas de exportação e alimentícias;
- estabelecer as relações entre usineiros e fornecedores de cana antes e após o Proálcool;
- analisar as modificações ocorridas na área em estudo após o Programa Nacional do Alcool.

JUSTIFICATIVAS

A escolha da região canavieira de Araraquara para tema de estudo, deve-se principalmente a:

- 1) Por ser uma das mais importantes áreas canavieiras do Estado de São Paulo;
- 2) Ainda não foi devidamente estudada apesar de ser uma das mais tradicionais do Estado;
- 3) Com esse trabalho procuraremos dar mais subsídios para uma melhor compreensão da gênese da agro-indústria açucareira paulista.
- 4) Ao compararmos a região canavieira de Araraquara com o Es-

tado de São Paulo e aos demais Estados da Federação, e sua importância torna-se ressaltada no cenário estadual e nacional.

A região araraquarense produziu 6.240.632 sacos de 60 Kg. na safra 1984/85, correspondendo a 5,58% da produção nacional, ficando a mesma, abaixo apenas dos 5 (cinco) maiores produtores de açúcar do país: São Paulo (55,59%), Pernambuco (10,94%), Alagoas (7,84%), Minas Gerais (7,75%) e Rio de Janeiro (6,45%). (TABELA 01).

No tocante à produção alcooleira, a posição da região canavieira de Araraquara é ainda mais significativa, ocupando a região em estudo a terceira posição de maior produtor nacional, com 412.304.000 litros de álcool (safra 1984/85), correspondendo a 4,97% da produção nacional, sendo superada apenas pelos Estados de São Paulo (68,23% do total produzido no país) e pelo Estado do Paraná (5,58%). (TABELA 01).

MÉTODOS E TÉCNICAS

Em nossa pesquisa tínhamos o interesse de executar uma carta, mostrando o domínio das terras canavieiras pertencentes aos grupos locais, além de obtermos informações através de questionários enviados às agro-indústrias canavieiras da região. Porém, apenas as Usinas Maringá e Zanin colaboraram, preenchendo os questionários. Os incidentes ocorridos em 1984, em Guariba (município vizinho de Araraquara), fizeram com que as agro-indústrias canavieiras ficassem arredias a um diálogo mais aberto com as pessoas não

COMPARAÇÃO ENTRE OS ESTADOS DE MAIOR PRODUÇÃO
AÇUCAREIRA E ALCOOLEIRA DO PAÍS COM A REGIÃO
CANAVIEIRA DE ARARAQUARA – SAFRA 1984/85

TABELA 01

| | AÇÚCAR (SACAS 60 kg) | % |
|--------------------------------------|-------------------------|---------------|
| SÃO PAULO (SEM A R.C. DE ARARAQUARA) | 62.184.751 | 55,59 |
| PERNAMBUCO | 12.245.300 | 10,94 |
| ALAGOAS | 8.768.300 | 7,84 |
| MINAS GERAIS | 8.675.383 | 7,75 |
| RIO DE JANEIRO | 7.218.433 | 6,45 |
| OUTROS ESTADOS | 6.521.961 | 5,85 |
| R. C. DE ARARAQUARA | 6.240.632 | 5,58 |
| TOTAL - BRASIL | 111.854.760 | 100,00 |
| | ÁLCOOL (1000 ℓ) | % |
| SÃO PAULO (SEM A R.C. DE ARARAQUARA) | 5.661.725 | 68,26 |
| PARANÁ | 463.465 | 5,58 |
| MINAS GERAIS | 325.518 | 3,92 |
| GOIÁS | 256.115 | 3,08 |
| RIO DE JANEIRO | 218.619 | 2,63 |
| OUTROS ESTADOS | 956.337 | 11,56 |
| R. C. DE ARARAQUARA | 412.304 | 4,97 |
| TOTAL - BRASIL | 8.294.083 | 100,00 |

FONTE : IAA.

pertencentes ao setor (ANEXO 01).

A saída encontrada foi percorrer uma série de órgãos oficiais (IAA, Planalsucar, SICCT (Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia), IEA (Instituto de Economia Agrícola) e Casa da Lavoura), bem como entidades de classes como os Sindicatos e Associações, afim de levantarmos os dados necessários para o trabalho. De antemão, deixaremos registrado a falta de dados sobre arrendamento agrícola para as usinas e melhores detalhes sobre propriedades fornecedoras.

Outra dificuldade que tivemos foi estabelecer critérios para analisarmos o processo de modernização ocorrido na região canavieira de Araraquara. Dos dados comumente utilizados, índices de crescimento de insumos, crédito agrícola, etc..., entretanto não nos foi possível o acesso aos mesmos, pois são controlados pelas empresas agro-industriais do setor canavieiro.

Houve a necessidade de utilizarmos outros tipos de dados, mais específicos da agro-indústria canavieira, afim de obtermos resultados satisfatórios a respeito da modernização. Passamos a considerar como sinônimo de modernização para a canavicultura, dados referentes ao Rendimento Industrial (RI) das agro-indústrias canavieiras; o processo de concentração de Terras; a concentração industrial verificada pós 1970 (Plano de Racionalização da Agro-indústria Canavieira); a diminuição do número de fornecedores de cana-de-açúcar para as agro-indústrias da região e a substituição das culturas alimentícias pelas culturas de exportação.

Com os dados apresentados acima procuraremos encontrar as condições de analisarmos as altera-

ções ocorridas na região canavieira de Araraquara durante os 10 (dez) primeiros anos do Programa Nacional do Alcool; bem como procuraremos mostrar os novos rumos que a região está tomando.

Dentro deste contexto, faremos um levantamento sobre a formação das agro-indústrias canavieiras na região de Araraquara, partindo desde a época da cultura cafeeira. Abordaremos efeitos da criação do Instituto do Açúcar e do Alcool, através da legislação pertinente, contribuição na constituição e fortalecimento dos grupos usineiros locais.

No segundo capítulo será analisado o Programa de Racionalização da Agro-indústria Canavieira, considerado como a fase mais significativa no processo de modernização da cultura canavieira. Será enfocada as consequências do referido programa na região em estudo, dando ênfase às questões da diminuição da participação dos fornecedores de cana; expansão dos grupos canavieiros, diminuição da produção de alimentos de primeira necessidade e finalizando, analisaremos os índices de Rendimento Industrial (RI) por unidade agro industrial.

No capítulo seguinte, trataremos de questões pertinentes ao Programa Nacional do Alcool e suas implicações na área em estudo (incluindo as políticas para conter a produção alcooleira extra-quota). Também serão vistas políticas estaduais direcionadoras da produção alcooleira/Pro Oeste e Pró-Cana .

Após o Programa Nacional do Alcool procuramos mostrar a formação dos novos grupos alcooleiros e as constantes alterações no espaço agrário da região de

Araraquara, principalmente na segunda fase do Programa Nacional do Alcool (1980-1985).

CAPÍTULO HUM

1. A FORMAÇÃO DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA
E A INFLUÊNCIA DAS POLÍTICAS DO IAA

1.1. A fundação das primeiras usinas no contexto do período cafeeiro.

1.2. O início da intervenção do Estado no setor canavieiro e a expansão dos grupos agro-industriais.

1. A FORMAÇÃO DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA E A INFLUÊNCIA DAS POLÍTICAS DO IAA

1.1. A fundação das primeiras usinas no contexto do período do cafeeiro.

Na segunda metade do século XVIII, a cultura canavieira despontava no interior do Estado de São Paulo, numa região que acabou sendo conhecida como Quadrilátero do Açúcar, composta pelas seguintes cidades: Sorocaba, Jundiaí e Campinas, constituindo-se desta maneira no primeiro surto econômico do Estado (PETRONE, 1968; 42).

No primeiro quartel do século XIX, a cana-de-açúcar penetrava na região de Araraquara, surgindo como área de expansão do Quadrilátero do Açúcar, contando com dezesseis fazendas; enquanto Piracicaba e Mogi-Mirim, importantes centros, contavam com sessenta e uma e, vinte e sete fazendas, respectivamente. Com a penetração da atividade canavieira, tivemos a conseqüente valorização das terras: Semarias de Chibarro, Cruzes, Ouro, etc. (CASALECCHI, 1973; 29).

A cana-de-açúcar, juntamente com a criação de gado extensivo predominavam na região ^{de São} até 1860. Com o correr do tempo, obrigados a se expandirem para Oeste, os canaviais prepararam, como no "quadrilátero" a infraestrutura econômica que permitiu depois a rápida penetração dos cafezais (PETRONE, 1968; 225). A cultura cafeeira surgia, assumindo em pouco tempo, posição de lança na economia de todo o Estado. Desta maneira, tratando-se de uma cultura de exportação viria a estrada de ferro, transportando-o para o porto de Santos. Em 1855 o Presidente da Assembléia Legis

lativa da Província afirmava: "O quadro estatístico dos estabelecimentos rurais da Província estima a produção atual de Jundiaí, Campinas, Rio Claro, Mogi-Mirim, Araraquara, Casa Branca, Batatais, dos municípios que têm de aproveitar com a via férrea projetada, em perto de milhão de arrobas de café e açúcar, sendo ainda geralmente reconhecido que os cafezais existentes nos mencionados municípios, excedem de muito os que dão colheita, devendo-se, pois, contar que a produção dos referidos lugares subirá em 2 (dois) ou 4 (quatro) anos a 2 milhões de arrobas (CASALECCHI, 1973; 31).

Assim sendo, em 1835 a Companhia Paulista de Estradas de Ferro chegava em Araraquara, numa época em que a região possuía 671.000 pés de café formados; 24.400 pés de café com 3 (três) anos; 353.000 pés de café com 2 (dois) anos e 667.000 pés de café com 1 (hum) ano (Foto 01).

Em 1915, o município de Araraquara era um dos grandes produtores de café do Estado de São Paulo; contava com 404 (quatrocentas e quatro) propriedades cafeicultoras, totalizando 225.200.000 pés plantados, variando as plantações entre 1.000 e 15.500 pés distribuídas nos povoados de Cesário Bastos, Ouro, Fortaleza (atual Tamoio), Américo Brasiliense, Rincão, Motuca, Itaquerê, Santa Lúcia e Gavião Peixoto (FRANÇA, 1915; 112/117), (Tabela 02), (N).

(N). Das quatrocentas e quatro propriedades cafeeiras, trinta e cinco haviam plantado 209.500.000 pés de café, de um total de 225.220.000 pés, mostrando, desta forma, a elevadíssima concentração da produção em mãos de poucos agricultores.

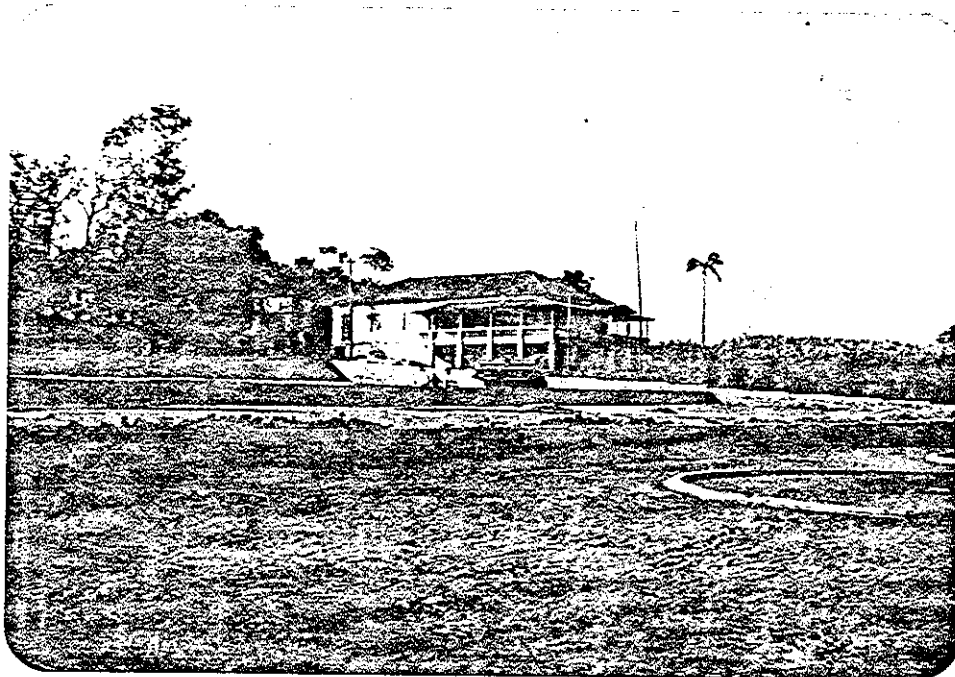


Foto 01. Antiga sede de fazenda de café, atual município de Américo Brasiliense. Em primeiro plano, notamos a permanência de imenso terreiro de café. À direita, o avanço da canavicultura, sucessora da cefeicultura.

Quanto ao avanço da cana-de-açúcar no século XX em São Paulo, esta verifica-se na medida em que o café ia sofrendo sucessivas crises. Do mesmo modo, de 1910 a 1920, seis antigos engenhos foram reativados em Araraquara e São Carlos, devido ao preço do açúcar haver triplicado em relação ao preço vigente entre 1880 a 1910. Também destacamos o fato dos fazendeiros de café optarem por novas terras na região de Marília (Oeste do Estado), deixando terreno livre para a cultura canavieira (LORENZO, 1979; 58/9).

A tese de que as crises do café geravam o avanço da industrialização do açúcar é apoiada

nas colocações de Gileno de Carli (1943, 88) que diz: "Se bem que não tivesse existido em São Paulo uma luta econômica das duas culturas - a do café e a cana-de-açúcar - toda vez que a lavoura cafeeira era atingida pela crise, e elas foram periódicas, melhorava a situação de progresso da lavoura canavieira. Havia maior atração para o produto que tinha a garantia de um mercado interno, quando o café, produto de mercado ex terno, deixava de ser uma fonte de grande riqueza".

PROPRIEDADES COM O CULTIVO DE CAFÉ NO MUNICÍPIO
DE ARARAQUARA - 1915

TABELA 02

| PÉS DE CAFÉ | PROPRIEDADES | TOTAL PÉS DE CAFÉ |
|-------------------------|--------------|----------------------|
| 0 - 10.000 | 170 | 1.019.000 |
| 10.001 - 500.000 | 196 | 13.921.000 |
| 500.001 - 1.000.000 | 001 | 780.000 |
| 1.000.001 - 5.000.000 | 022 | 61.000.000 |
| 5.000.001 - 10.000.000 | 010 | 79.000.000 |
| 10.000.001 - 15.500.000 | 005 | 69.500.000 |
| | TOTAL | 225.220.000 |

FRANCE
FONTE: ALBUM DE ARARAQUARA (112/117).

Por outro lado BRAY (1986) estudando a questão, e apoiado nas colocações de DEAN (1971), procura romper com a análise tradicional de GILENO DE CARLI, e BRAY (1986, 43) coloca: "Para a discussão da questão da formação do capital no setor da agro-indústria açucareira paulista,

procuramos demonstrar que o avanço da cultura canavieira paulista não dependeu das crises sucessivas do café, mas sim do deslocamento contínuo dos lucros dos cafeicultores para o negócio da industrialização do açúcar" (N).

A primeira agro-indústria moderna que foi fundada no município de Araraquara em plena fase expansionista do café, foi o Engenho Central Freitas, conforme SAWYER, que diz: "Este Engenho, situado a duas léguas da Estação Fortaleza na Estrada de Ferro Paulista; seção Rio Claro, na jurisdição de Araraquara, foi fundado pelo Comendador Freitas em 1889, possuindo duas fazendas com 2.950 ha. de cana, mais 600.000 pés de café... ficando a instalação do engenho em 800 contos" (SAWYER, 1908; 58) - (Em 1924 vendido para a família Morgante, adquirindo os nomes de Usina Fortaleza e posteriormente Usina Tamoio). (ver item 1.2.).

A melhora do preço do açúcar, também é confirmada por GILENO DE CARLI, apontando a primeira Guerra Mundial como fator dinamizador da cultura canavieira paulista, sobretudo, pelo fato de ter ocorrido a queda da produção Européia de beterraba neste período, fazendo elevar o preço do açúcar no mercado mundial (CARLI, 1943, 71).

Com a Crise Mundial de 1929 e a conseqüente depressão interna, gerada pela não comercialização do café, grande parte dos entraves da cultura canavieira paulista ficou resolvida. A segunda dificuldade a ser enfren-

(N). Estudo desenvolvido por BRAY (1986) na Usina London (atual Amália), fundada em 1900, município de Santa Rosa do Viterbo(SP), região canavieira de Ribeirão Preto. Seu proprietário foi o cafeicultor Dr. Henrique Santos Dumont.

tada era a concorrência do açúcar fabricado no nordeste do Brasil, até então o maior centro agro-industrial canavieiro do país, responsável pelo abastecimento do mercado interno e pela exportação de açúcar para os países da Europa e América do Norte.

Segundo BRAY (1980, 104/5), "a produção do açúcar paulista continuou a crescer num ritmo acelerado, executando uma política de auto-abastecimento, onde não importaria o açúcar do nordeste. Essa situação da produção açucareira, levou o governo federal a criar a Comissão de Produção Açucareira (C.D.P.A) em 1932, e posteriormente o Instituto do Açúcar e do Alcool (I.A.A.) em 1933, com a finalidade de intervir na economia açucareira do país, através da política de limitação da produção de açúcar, para todos os Estados açucareiros da federação. Essa política afetou profundamente o crescimento da indústria açucareira paulista (estipulando a quota de 2.071.439 sacos) em relação aos Estados açucareiros nordestinos. Esses motivos de ordem geográfica, histórica, econômica, social e política impediram na época o deslocamento da produção açucareira do país, para os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro".

Desde a formação das primeiras agro-indústrias no país (final do século XIX), a produção açucareira não dispunha de diretrizes básicas, predominando certa autonomia por parte dos produtores no tocante a produção e comercialização do produto. Com o Decreto lei número 22.789, em 1933 (criação do IAA), proibiu-se a produção do açúcar mascavo produzido pelos pequenos engenhos, dando prioridade ao açúcar cristal, de fabricação industrial.

SZMRECSÁNYI (1979, 198), aponta

diretrizes básicas que norteariam o IAA em seus primeiros anos:

- i) "assegurar o equilíbrio interno entre as safras anuais de cana e o consumo interno de açúcar, mediante a aplicação obrigatória de uma quantidade de matéria-prima a determinar, no fabrico do álcool;
- ii) formentar a fabricação do álcool anidro, mediante a instalação de destilarias centrais nos pontos mais aconselháveis ou auxiliando as cooperativas de usineiros a se organizarem, como também os usineiros individualmente, na instalação de destilarias ou melhorias das suas instalações existentes".

O IAA procurou manter sobre todos os aspectos, a hegemonia na produção do açúcar nordestino. Todavia, o Centro-Sul paulatinamente esforçava-se em deixar os custos de produção da tonelada de cana tão baixo, até tornar o preço do transporte insignificante, sendo que com essas e outras medidas de incentivo, acabou por levar o Estado de São Paulo aos mais elevados escalões da produção nacional.

1.2. O início da intervenção do Estado no setor canavieiro e a expansão dos grupos agro-industriais.

A região canavieira de Araraquara originou-se de pequenos alambiques e engenhos que serviam às cidades vizinhas; porém, as primeiras agro-indústrias foram implantadas num período anterior à presença do controle estatal na agro-indústria canavieira. Até meados da década de 50 a região cresceu em ritmo lento, existindo duas usinas quando do término da Segunda Grande Guerra.

Sobre a implantação das agro-indústrias canavieiras na região de Araraquara, MÁRCIO COSTA (1973; 62) considera: "com a intensificação do processo de retração do café na década de 30, surgem as usinas de açúcar, a partir dos engenhos de pinga e álcool pré-existentes. Da mesma forma, a "desespecialização" da área, refletindo um fenômeno geral da Economia Paulista, propiciando o desenvolvimento de uma série de "novas atividades" e, a partir delas, a agro-indústria".

Convém salientar que a canavieira cultura em Araraquara aparece como prolongamento da região de Piracicaba; quanto às suas primeiras usinas, Santa Izabel e Tamóio foram implantadas sobre engenhos e alambiques pré-existentes na área (LORENZO, 1979; 51/91).

Também do município de Piracicaba, a firma de Mário Dedini surgiria como empreendimento nacional aliado ao conhecimento técnico do imigrante Europeu, constituindo-se assim na primeira oficina de consertos e reparos de peças para usinas e engenhos do mercado interno. Em 1943, as associações de capitais propiciaram a criação da

Construtora de Destilaria Dedini Limitada - CODISTIL - e em 1948 a Metalúrgica de Assessorios para Usina S/A - MAUSA - que substituíram equipamentos importados, distribuindo-os para todo o mercado nacional (SAMPAIO, 1976; 85/87).

A primeira grande agro-indústria canavieira a formar-se na região de Araraquara foi a Usina Fortaleza S/A (Ex. Engenho Freitas), localizada nas proximidades da Estação Tamoio (nome que depois seria adotado pela agro-indústria). Em 1924 foi adquirida pelo grupo Morgante, chegando a ser considerada uma das maiores usinas do Brasil e a primeira a instalar uma moenda de cana (com seis tornos) em todo o mundo (FERRANTE, 1984; 31).

O grupo Morgante era proprietário da Usina Monte Alegre, município de Piracicaba; da Agrícola Itaquera, grande São Paulo; de um depósito para álcool, na cidade de São Paulo; de uma granja no município de Franco da Rocha e da fazenda Guatapará, município de Ribeirão Preto, atual CELPAC (ÁLBUM DE ARARAQUARA, 1948; s/p).

A Usina Tamoio foi considerada durante muito tempo como agro-indústria modelo no Estado, chegando a existir como pequena cidade, com cerca de 15 mil habitantes, dos quais 10 mil eram fixos, além de uma estrada de ferro com 100 quilômetros em bitola de 1 (hum) metro, percorrendo os 5.000 alqueires de terras cultivadas (Foto 02).

Com o falecimento do Comendador Pedro Morgante em 1941, é constituída nova diretoria: Sr. Fúlvio Morgante, Dr. Renato Morgante, Sr. Lino Morgante, Dr. Alcides Airoso e Sr. Hélio Morgante.



Foto 02 - Aspectos parciais da sede da Usina Tamoio-Araraquara, construída pela família Morgante.

O segundo grupo implantado na região em 1930, foi o de José Carlos de Magalhães, proprietário da Usina Itaquerê. A usina localizava-se no município de Tabatinga, que após o desmembramento municipal passou a pertencer à área territorial de Nova Europa (ver anexo 02).

Na década de 40, a Usina Itaquerê possuía 6.473 ha. de cana própria no município de Tabatinga, perfazendo um total de 10,9% das terras pertencentes ao município. Em relação ao Estado de São Paulo, dos 141.765 hectares de cana plantada, as duas usinas da região de Araraquara, Tamoio e Itaquerê, correspondiam com 9.690 ha. e 6.473 ha. respectivamente, totalizando uma participação superior a 11% da cana plantada em todo o Estado (CARLI, 1941; 137/9).

Entre os principais grupos canavieiros da época destacavam-se: Matarazzo, Alves de Almeida, Nogueira. Os grupos Morgante e Reis Magalhães eram grandes refinadores, comerciantes e atacadistas que dominavam o comércio, a exportação e a refinação do açúcar em São Paulo. Nos anos 30, São Paulo era considerado um Estado "importador" de açúcar, isto, porque os maiores ganhos estavam nas atividades de refino e comércio açucareiro. Desta forma, podemos afirmar que a origem dos capitais investidos no açúcar e no álcool provinham do comércio e cafeicultura. Podemos reforçar tal assertiva ao lembrar-mo-nos que a maioria das usinas de propriedades dos grupos acima mencionados situavam-se na região cafeeira da Araraquarense e Mogiana (RAMOS, 1983; 76).

O Estado de São Paulo em 1940 possuía 80 fábricas de açúcar centrifugado, na maioria de pequeno porte, distribuídas na Depressão Periférica Paulista, destacando-se os municípios de Piracicaba, Santa Bárbara do Oeste, Porto Feliz, Rio das Pedras e Capivari. No Médio Planalto Paulista as principais fábricas localizavam-se em Araraquara, Serãozinho e Santa Rosa do Viterbo.

Uma das questões mais polêmicas desse período foi o Estatuto da Lavoura Canavieira, cujos resultados são divergentes. Entretanto, este Estatuto tinha por objetivo estabelecer a participação mais sistemática dos fornecedores de cana entre a matéria-prima empregada para a fabricação de açúcar e álcool. Sobre o assunto GILENO DE CARLI relata em seu estudo que os fornecedores tinham uma atuação sazonal. Apareciam nos momentos que o mercado açucareiro estava bom e desapareciam nos momentos de crise... e com o passar do tempo os grandes fornecedores eram desestimulados dessa função e atraídos por outras atividades agro-pastoris, devido aos baixos pre

ços pagos pela cana fornecida, principalmente no Estado de São Paulo (CARLI, 1943; 170/216).

Com o Estatuto o governo tinha por objetivo normalizar essa situação (Decreto lei nº 3855 de 21 de novembro de 1941), estabelecendo:

Artigo I. "Para os efeitos deste Estatuto, considera-se fornecedor todo lavrador que, cultivando terras próprias ou alheias, haja fornecido canas a uma mesma usina, diretamente ou por interposta pessoa, durante três ou mais safras consecutivas.

Parágrafo 1º. Na definição deste artigo, estão compreendidos os parceiros, arrendatários, bem como os lavradores sujeitos ao risco agrícola e aos quais haja sido atribuída, a qualquer título, área privada de lavoura, ainda que os respectivos fornecimentos sejam feitos por intermédio do proprietário, possuidor ou arrendatário do fundo agrícola.

Artigo 17. os proprietários ou possuidores de usinas são obrigados a receber dos seus fornecedores a quantidade de cana que for fixada pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, para transformação em açúcar e álcool, de acordo com os dispositivos deste Estatuto.

Artigo 48. as usinas utilizarão, na fabricação de sua quota de açúcar, um volume de cana própria até o máximo de 60% da respectiva limitação.

Parágrafo 1º. a matéria-prima indispensável para a fabricação de outros 40% da quota da usina, será obrigatoriamente recebida dos fornecedores".

O Profº Oriovaldo Queda, analisou o advento do Estatuto da Lavoura Canavieira da seguinte maneira: Embora não concorde que o objetivo último desse documento era a defesa "per si" dos fornecedores, o Estatuto fa

zia parte de uma política mais geral do governo federal, que buscava "paz social no campo" e que procurava a "fixação do homem a terra", que daí por diante seria uma constante no governo Vargas (QUEDA, 1972; 131).

Enquanto o setor estivesse deixado à sua própria sorte, a separação entre a parte agrícola e industrial, no processo de produção açucareira, apresentava-se com vantagens para os usineiros, pois que, a usina via no fornecedor um elemento com o qual poderia dividir os riscos da plantação, concentrando, o usineiro, seus recursos na atividade industrial (RAMOS, 1983; 106).

Como bem pudemos perceber a plantação de cana-de-açúcar era considerada um risco agrícola que o governo tentaria, através do Estatuto, atrair os agricultores para correrem este risco, sobrando para o usineiro, capital a ser investido dos equipamentos industriais (esse tema voltará a ser abordado no capítulo 2.2.)

Quando o capitalismo separa a agricultura da indústria, ele o faz para libertá-la do "domínio asfixiante da atividade agrícola". Visto que a indústria depende da agricultura como fonte de matéria-prima, ela procura subordiná-la às suas necessidades. É dessa forma que o mercado das matérias-primas agrícolas tende a ser dominado pelos compradores industriais, subordinando a oferta dos produtos agrícolas à satisfação de suas próprias necessidades. Essa subordinação dos produtos agrícolas ao consumidor é uma das constantes da expansão do capitalismo industrial (SINGER, 1968 297/9).

Vários fatores contribuíram para a implantação de novas usinas no Estado de São Paulo, se

gundo BRAY (1980. 110/1), "com a Segunda Guerra Mundial(1939/45) ocorreu a interrupção do comércio de cabotagem devido a guerra submarina que dificultou o abastecimento do açúcar no Centro-Sul (na época ainda efetuado em grande parte pelos produtores do nordeste). A demanda insatisfatória que passou a haver, nos principais centros consumidores de açúcar do país acabou determinando a expansão do parque açucareiro e da lvoura canavieira em áreas que antes da Segunda Grande Guerra Mundial importavam a maior parte do produto que consumiam, pois o aumento do consumo interno açucareiro e alcooleiro, notadamente na região Centro-Sul, motivou o Instituto do Açúcar e do Alcool a tomar medidas de incentivo através da abertura de quotas, para a fundação de novas usinas de açúcar nos setores não tradicionais do Centro-Sul a partir da década de 40".

A expansão da cultura canavieira foi intensificada na década de 40, com as resoluções do IAA, promulgando em 21/02/1941 a lei que aumentava de 5 para 20% o teor mínimo de álcool adicionado à gasolina. No ano seguinte, a resolução nº 031, de 24/06/1942 estabeleceu medidas de verdadeiro "plano de economia de guerra", estabelecendo o Plano do Alcool, elevando a indústria alcooleira do país à categoria de "interesse nacional", fixando preços mínimos para o álcool, bem como para matérias-primas destinadas à sua fabricação (SZMRECSÁNYI, 1978; 43).

Medidas complementares foram tomadas pelo IAA, no sentido de ampliar a produção:

- 1942/março - Elevação de 10% nos limites da produção;
- 1942/novembro - Liberação do açúcar extra-quota dos Estados do Sul para usinas que executam o Plano do Alcool;
- 1944/abril - Elevação de 20% nas quotas de produção;

- 1944/abril - Declaração de liberdade de produção pelo período de 5 (cinco) anos, comprometendo-se o Instituto a transformar em álcool ou exportar excessos, da produção açucareira;
- 1945/maio - Criação de quotas para novas usinas, no total de 700 mil sacos nos Estados importadores. Aumento de 800 mil sacos para as usinas já existentes; total do aumento 1500 mil sacos;
- 1945/maio - Criação de quotas de açúcar para destilarias autônomas, estimadas em cerca de 200 mil sacos no Estado de São Paulo;
- 1945/maio - Plano de fortalecimento de adubo pelo IAA;
- 1945/maio - Plano de re-equipamento de maquinário das usinas;
- 1945/junho - Boletim circular, no início da safra a todos os produtores, esclarecendo que a produção continua livre até a safra de 1948/49;
- 1945/agosto - Reajustamento das usinas de quotas inferiores a 20 mil sacos dos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo (LACERDA, 1946; 128).

Em 1947, aproveitando-se dos benefícios oferecidos pelo IAA, implantaram-se quatro novas usinas na região: Chibarro, Santa Cruz, Maria Izabel e Zanin, interessadas na produção de açúcar e álcool para o crescente mercado consumidor, representado pelas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro (Distrito Federal).

Quando esses novos grupos partem para a atividade canavieira, eles determinam o fim do café plantado no final do século passado, propiciando espaço para a cana-de-açúcar, cujo mercado consumidor era próspero e

convidativo.

A Usina Chibarro, localizada no município de Araraquara, propriedade do Grupo Biazzi S/A teve curta duração. Na safra de 1958/59, devido à crescente concorrência entre as usinas e, por ser de pequeno porte, seus proprietários resolvem vendê-la para o Grupo Jamil Jacob, proprietários da Usina São José da Estiva, localizada no município de Novo Horizonte (SP), área onde a cultura canavieira estava em franco desenvolvimento.

A Usina Maria Izabel, localizada na Fazenda Alpes, atual município de Santa Lúcia e propriedade do Dr. Bento de Abreu Sampaio Vidal (Deputado a nível Estadual e Secretário da Agricultura do Estado na primeira República), possuía, desde o final do século passado, uma plantação com 350.000 pés de café em sua fazenda.

Por ocasião de sua morte em 1948, seus herdeiros, Francisco Malta Cardoso e Paulo de Abreu Sampaio Vidal utilizaram os 1.784 alqueires da Fazenda Alpes para o plantio de cana-de-açúcar, destinados à produção de açúcar batido e aguardente, sendo que, em 1951 conseguiram comprar uma quota de 20 mil sacos para a produção de açúcar cristal.

A Usina Santa Cruz, de Pavam S/A iniciou suas atividades no município de Araraquara (após o desmembramento municipal - Américo Brasiliense), logo após o término da II Guerra Mundial, produzindo açúcar e álcool. Na época da fundação, em 1947, o grupo constituído apenas pela família Pavan, entretanto, em 1952, o grupo foi incorporado a uma unidade empresarial possuidora de usinas em Piracicaba e Sertãozinho - Luís/João Ometto (LORENZO, 1979; 93). A ampliação

ção do Grupo Ometto, tem-se realizado sob duas maneiras:

- a) pelo casamento em outras famílias abastadas, formando no vos sub-grupos;
- b) pela associação ou participação de pessoas diversas, sempre minoritárias, exemplo: Sub-grupo Jeronymo/Ometto (extinta Usina São Jerônimo - Cordeirópolis (SP) - (vide FERREIRA, 1983) e Usina Santa Cruz - Ometto e Pavam - sub-grupo Luís/João Ometto) (RAMOS, 1983; 82) (N).

A existência da usina foi funda mental para que ocorresse a formação do município de Américo Brasiliense em 21 de março de 1965, constituindo-se em típica "cidade-dormitório" para bóias-frias, na maioria trabalhadores da Usina Santa Cruz (Plano Diretor de Américo Brasiliense, 4/6)

O novo conselho diretor da Usi na Santa Cruz ficou constituído por: Dr. Luís Ometto, Sr. Antônio Pavam, Sr. Novênio Pavam e Dr. Luiz Antônio Cerra Omet to.

Com o tempo, o grupo foi incorporando propriedades vizinhas à sua primeira fazenda, a San ta Cruz, passando a dominar as seguintes propriedades: Pauli-néia, Santa Maria do Retiro, Maria Mendes, Tucurí, Contendas, Santa Francisca, Apeninos, Monjolo, São Pedro, São José, São Luíz, Iporanga e Monte Verde, constituindo-se até 1974, num total de 7.712 ha. de terras próprias (Revista Araraquara, 1974; 14).

A sexta agro-indústria implanta

(N). O grupo Luís/João Ometto é proprietário das usinas: San tana, Rio Claro; Iracema, Iracemópolis e São Martinho, município de Pradópolis (todas no Estado de São Paulo).

PRODUÇÃO AÇUCAREIRA DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

DECÊNIO DE 40 - SACAS DE 60 KG.

TABELA 03

| USINAS | 40 / 41 | 41 / 42 | 42 / 43 | 43 / 44 | 44 / 45 | 45 / 46 | 46 / 47 | 47 / 48 | 48 / 49 | 49 / 50 | 50 / 51 | PP ME |
|--------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|----------|
| CHIBARRO | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 3.730 | 8.001 | 5.374 | 9.108 | 2 |
| ITAQUERÉ | 78.706 | 78.104 | 72.730 | 97.152 | 66.240 | 57.295 | 102.160 | 90.520 | 83.150 | 106.448 | 96.645 | 84 |
| MARIA IZABEL | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 1.417 | --- | --- | 2.403 | --- |
| SANTA CRUZ | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 23.129 | 32.607 | 32.973 | 49.850 | 13 |
| TAMOIO | 226.872 | 194.974 | 353.113 | 302.725 | 327.376 | 307.434 | 503.810 | 517.116 | 378.036 | 475.620 | 434.046 | 36 |
| ZANIN | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 9.879 | 15.388 | 25.507 | 42.070 | --- |
| TOTAL | 305.578 | 273.078 | 425.843 | 399.877 | 393.616 | 364.729 | 605.970 | 645.791 | 517.182 | 645.922 | 634.122 | --- |

FONTE: IAA e USINAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

da na região de Araraquara foi a Usina Zanin Açúcar e Álcool Ltda, fundada em 01/04/1948 por Caetano Zanin, Antônio Zanin, Francisco José Zanin, Martinho Zanin e Osvaldo Zanin. Através de entrevista com os proprietários da empresa, foram levantados os fatores que possibilitaram ao grupo fixar-se nesse local, entre eles destacamos: a existência de um engenho de aguardente e posição geográfica favorável com vias de acesso rodo-ferroviário, facilitando o escoamento de açúcar no mercado interno.

A Usina inicia sua produção com 346,65 ha. de terras próprias; tendo, na safra 50/51 o total de 1.241, 58 ha. plantados por suas duas empresas: Agro-pecuária São Bernardo Ltda e Agro-pecuária São Paulo Ltda.

Na tabela 03, vemos na região canavieira de Araraquara a produção açucareira do decênio de 40, mostrando as duas maiores usinas, Tamoio e Itaquerê, com produções médias de 365.557 e 84.468 sacos de 60 Kg., respectivamente; já as quatro novas Usinas Chibarro, Zanin, Santa Cruz e Maria Izabel, apresentaram produção média bem incipiente. A produção total na safra 50/51 foi de 634.122 sacos/60Kg. sendo a Usina Tamoio responsável pela produção de 434.046 sacos/60Kg (68,4%).

Para RAMOS (1983; 50/51) "nas safras de 47/48, 48/49 e 49/50 ocorre uma verdadeira concentração técnica já que, embora a produção total fosse cada vez maior, o tamanho médio das usinas foi decrescendo. Isto se deve ao grande salto que dá o número de fábricas entre 1947 e 1950 decorrente, principalmente, de transformação em usinas dos pequenos engenhos montados nos anos de guerra, destinados a suprir a demanda do mercado paulista. O número total das

usinas, que havia crescido a taxa de 5% ao ano entre 1930 e 1945, praticamente dobra entre 1946 e 1952. Este espetacular salto no número de fábricas não ocasionou correspondentes acréscimos na produção total, daí a queda média da produção por usinas".

É importante atentarmos ainda para o seguinte: sobre as indústrias de equipamentos, os anos de guerra e imediato pós-guerra foram anos de crescimento da produção paulista no sentido de ampliação numérica das usinas. Isto representa que a indústria de equipamentos esteve ocupada em fornecer mais, do que produzir maiores plantas. A partir do início dos anos 50, com o menor ritmo de expansão numérica, a Dedini pôde concentrar-se no fornecimento de equipamentos maiores, contribuindo dessa maneira, na elevação do tamanho médio das usinas paulistas (QUEDA, 1972; 109/10).

A expansão da cultura canavieira passou a ter a seguinte configuração no Estado de São Paulo no início do decênio de 50: a tradicional área de Piracicaba na Depressão Periférica e mais duas novas áreas açucareiras/alcooleiras no Planalto Ocidental, destacando-se Ribeirão Preto e Araraquara. Além dessas esboçava-se as áreas de Jaú e do Vale do Paranapanema (BRAY, 1980; 123).

O decênio de 50 foi marcado pela expansão da agro-indústria canavieira. A resolução nº 501/51 do IAA, elevava de 23,2 para 33,4 milhões de sacos de açúcar produzidos no país, com vigência até a safra de 1956/57. O aumento previsto de 10,2 milhões de sacos, compreendia 02 (duas) parcelas: a primeira de 9,3 milhões de sacos destinados a complementar o reajustamento dos limites da produção das usinas, e outra de quase 900 mil sacos, destinados ao atendi-

mento das solicitações de majoração de quota e ao reajustamento para 120 dias do período de moagem das usinas. Para incrementar a produção alcooleira, foi criada uma quota especial de álcool direto, correspondente a 10% da quota geral da produção de açúcar de usina visando suprir a crescente demanda do mercado interno (SZMRECSÁNYI, 1979; 238). Com essas medidas de apoio, a região canavieira de Araraquara passa a contar com mais 3 (três) usinas de açúcar e álcool.

A sétima usina implantada foi a Usina Açucareira da Serra ou Da Serra, em 1953 no município de Ibaté, propriedade de Nello Morgante e Ivo Morgante, possuindo maior planta, portanto, maior capacidade de moagem. Na safra inicial produziram 563.000 litros de álcool e 59.165 sacos/açúcar. Em 58/59 (cinco safras depois) a empresa já era a segunda maior produtora de açúcar da região, com 336.555 sacos de 60 Kg., sendo sua produção superada apenas pela Usina Tamoio.

Com o decorrer dos anos, o grupo fundou a Agro-pecuária Nello Morgante S/A encarregada de administrar as terras da Usina e das propriedades arrendadas.

A Usina Maringá S/A Indústria e Comércio, fundada em 04/09/1953, foi o oitavo grupo agro-industrial canavieiro da região. A empresa é propriedade da família Graciano R. Afonso, também proprietária, na cidade de Araraquara, da Citro Maringá S/A (com essa empresa pretendiam transformar-se em produtores de suco concentrado), Transportadora Bom Retiro S/A, Revenda Autorizada de Veículos Chevrolet e várias empresas cinematográficas na região.

Na safra 60/61 plantaram 1960 ha. de cana-de-açúcar nos municípios de Araraquara, Boa Espe-

rança do Sul, Américo Brasiliense, Santa Lúcia e Matão. Atualmente a empresa está equipada, possuindo 171 caminhões e 131 tratores disponíveis para executar quaisquer tipo de atividade no campo.

No município de Descalvado, ano de 1954, foi fundada a nona usina da região - Usina Ipiranga S/A Açúcar e Álcool. Inicialmente, a Usina pertencia a oito acionistas da região, na sua maioria fornecedores de cana. A fazenda sede do grupo é a Boa Vista Grande (Descalvado, divisa com São Carlos) com 430 alqueires. Com o decorrer dos anos permanecem dois acionistas majoritários: Alzira Barreiro Scatena (grupo Scatena) e Cid Romeu Barros Ltda. A agro-indústria fundou duas agro-pecuárias para se encarregarem da produção agrícola: Guilherme Scatena Agropecuária Ltda. e Rampa Agropecuária Ltda. A totalidade de suas terras estão nos municípios de Descalvado e São Carlos.

Com o rápido crescimento da produção nacional de açúcar, o governo decretou em 20/12/57, sob lei número 1.284, a elevação do contingente global da produção das usinas do país para 46.700.000 sacos, devendo esta ser repartida entre as quotas das usinas, proporcionalmente, à maior produção alcançada por cada uma delas, no quinquênio imediatamente anterior. Desta maneira, acabava o sistema que protegia as indústrias do nordeste brasileiro, oferecendo total vantagem para as agro-indústrias do Centro-Sul do país. Contudo, esta distribuição ficou apenas no papel, sendo que, na realidade, a safra de 1957/58, o consumo interno foi de 33.500.000 sacos/açúcar e a produção de 44.000.000 sacos/açúcar. A única saída encontrada pelo governo federal foi a exportação, na qual o nosso principal cliente era o "Mercado

Vindos de Jundiaí (SP), em meados da década de 50, ex-proprietários de indústrias têxteis, a família Storani resolve mudar de ramo industrial, adquirindo uma propriedade de 700 hectares no município de Araraquara. Atuando vários anos como fornecedores de cana para a Usina Santa Cruz, posteriormente em 1958, iniciam as atividades da Usina Storani.

Segundo o Sr. Emydio Storani "mudamos de ramo industrial porque ficamos com receio da morte de Getúlio Vargas e a desorganização do país... em Araraquara o início foi difícil, nós tínhamos a propriedade e não dispúnhamos de quota para a produção de açúcar, ficamos 10 (dez) anos para conseguir comprar e transferir 3 (três) quotas do nordeste do Brasil para São Paulo, porém no final da década de 50 a produção teve início".

A décima primeira usina implantada na região de Araraquara, foi a Santa Ernestina S/A -1958 município de Dobrada, propriedade do grupo Tonini. Sua sede era a fazenda Santa Eliza e, a empresa, em todo o seu tempo de atuação somente produziu açúcar. Sua produção inicial foi de 71.937 sacos/açúcar e no decorrer das safras aumentou gradativamente sua produção até atingir na década de 70, a quantidade de 300.000 sacos/60 Kg.

A Usina Santa Luiza foi instalada na fazenda Santa Cecília, município de Araraquara, distrito de Motuca, propriedade de Carlos Fernando Malzoni, Roberto Malzoni (diretor Presidente da Usina Itaquerê - atual Usina Santa Fé - Nova Europa), Francisco Sylvio Malzoni e Victor Rocha Leite.

Com o crescimento da empresa, compraram mais duas grandes fazendas, Aquidaban e Laranjeiras, ficando com um total de 11.335 ha., nos municípios de Araraquara e Matão e ainda 5.111 ha. de terras arrendadas nos municípios de Araraquara, Matão e Rincão.

A terceira grande transação empresarial no setor da agro-indústria canavieira da região ocorreu em 1958, quando o grupo Malzoni (Usina Santa Luiza - Araraquara) incorpora a Usina Itaquerê (Nova Europa) - grupo José Carlos de Magalhães - ficando na direção o Sr. Roberto Malzoni. O novo grupo altera o nome da empresa para Usina Santa Fé S/A - Açúcar e Alcool.

No final do decênio de 50, tabelas 04 e 05, possuía a região canavieira de Araraquara 11 (onze) usinas em funcionamento com produção superior a 2.300.000 sacos/60kg.; as maiores produções pertenciam as Usinas Tamoio, Açucareira da Serra e Santa Cruz, respectivamente - 925.925 sacas, 322.020 sacas e 314.435 sacas. No tocante a produção alcooleiras existiam 08 (oito) destilarias anexas às usinas, produzindo 32.700 mil litros de álcool por safra, com as maiores produções pertencentes às destilarias (usinas) Tamoio, Maringá e Santa Cruz, respectivamente, 12.085 mil litros, 7.805 mil litros e 4.016 mil litros (N).

Vários fatores contribuíram para o crescimento das exportações do açúcar brasileiro, entre

(N). Importante lembrar que o álcool tinha consumo restrito ao setor industrial, sendo muitas vezes, considerado pelas agro-indústrias canavieiras como um sub-produto do açúcar, e portanto, pouco aproveitado.

PRODUÇÃO AÇUCAREIRA DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA
DECÊNIO DE 50 — SACAS DE 60 KG.

TABELA 04

| USINAS | 51 / 52 | 52/53 | 53 / 54 | 54/55 | 55/56 | 56 / 57 | 57/58 | 58/59 | 59 / 60 | 60 / 61 | PR MÉ |
|-----------------|---------|---------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|----------|
| AÇ. da SERRA | — | — | 59.165 | 84.651 | 126.083 | 135.010 | 197.800 | 336.555 | 239.250 | 322.020 | 150 |
| CHIBARRO | 12.002 | 16.788 | 12.392 | 9.264 | 8.973 | 10.452 | 17.584 | 20.125 | 23.738 | — | — |
| IPIRANGA | — | — | — | — | 11.949 | 32.028 | 49.365 | 66.420 | 54.954 | 62.209 | 27 |
| ITAQUERÊ | 122.592 | 130.144 | 130.730 | 138.873 | 103.866 | 115.751 | 134.143 | 188.015 | 163.762 | 149.136 | 137 |
| MARIA IZABEL | 1.761 | 151 | 36.080 | 53.857 | 36.847 | 70.233 | 101.706 | 125.222 | 102.441 | 108.180 | 63 |
| MARINGÁ | — | — | — | — | — | — | 33.882 | 76.967 | 57.949 | 50.531 | 25 |
| SANTA CRUZ | 69.057 | 99.933 | 128.356 | 152.020 | 129.134 | 178.438 | 214.042 | 319.331 | 263.201 | 314.435 | 186 |
| SANTA ERNESTINA | — | — | — | — | — | — | — | — | 71.937 | 95.380 | 16 |
| SANTA LUIZA | — | — | — | — | — | — | 4.322 | 9.131 | 16.289 | 44.648 | 7 |
| STORANI | — | — | — | — | — | — | — | 26.247 | 18.116 | 27.840 | 7 |
| TAMOIÓ | 486.794 | 552.426 | 605.616 | 705.174 | 584.066 | 495.302 | 637.362 | 816.192 | 920.070 | 925.925 | 672 |
| ZANIN | 58.313 | 66.004 | 59.377 | 83.416 | 81.350 | 75.915 | 103.639 | 156.563 | 135.475 | 168.067 | 98 |
| TOTAL | 750.525 | 865.446 | 1.031.716 | 1.227.255 | 1.070.319 | 1.113.129 | 1.493.845 | 2.140.768 | 2.067.182 | 2.308.371 | — |

FONTE: IAA e USINAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA.

PRODUÇÃO ALCOOLEIRA DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

DECÊNIO DE 50 - 1.000 LITROS

TABELA 05

| DÉSTILARIAS | 49/50 | 50/51 | 51/52 | 52/53 | 53/54 | 54/55 | 55/56 | 56/57 | 57/58 | 58/59 | 59/60 | P M |
|--------------|-------|-------|-------|-------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| AÇ. da SERRA | — | — | — | — | 563 | 1.418 | 1.363 | 1.269 | 2.301 | 3.484 | 2.419 | |
| PIRANGA | — | — | — | — | — | 1.166 | 446 | 353 | 427 | 465 | 1.030 | |
| ITAQUERÊ | 821 | 956 | 911 | 1.110 | 936 | 954 | 680 | 687 | 750 | 1.040 | 810 | |
| MARINGÁ | — | — | — | — | 8.188 | 7.790 | — | 3.057 | 10.440 | 8.698 | 7.805 | |
| SANTA CRUZ | — | 210 | 271 | 788 | 1.016 | 2.431 | 2.116 | 2.039 | 3.298 | 3.886 | 4.016 | |
| STORANI | — | — | — | — | 900 | — | — | — | — | 3.555 | 3.369 | |
| TAMOIO | 4.594 | 5.227 | 5.704 | 6.538 | 9.699 | 9.933 | 8.568 | 5.643 | 8.372 | 11.858 | 12.085 | |
| ZANIN | 106 | 119 | 80 | 312 | 509 | 1.037 | 828 | 658 | 864 | 1.083 | 1.177 | |
| TOTAL | 5.521 | 6.512 | 6.966 | 8.748 | 21.811 | 24.729 | 14.001 | 13.706 | 26.452 | 34.069 | 32.711 | |

FONTE: IAA e DESTILARIAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA.

eles merecem destaque a Revolução Cubana, com o consequente rompimento das relações entre Cuba e Estados Unidos, resultando na exclusão do açúcar cubano do Mercado Preferencial norte-americano. O Brasil, e uma série de países produtores de açúcar foram diretamente beneficiados, pois receberam a incumbência de preencher a lacuna deixada por Cuba, propiciando grande impulso em suas exportações. A região Centro-Sul, por estar melhor equipada, conseguiu fazer do açúcar brasileiro um produto com preços competitivos no mercado internacional, conseguindo implantar indústrias modernas, com agricultura mecanizada e uma menor utilização de mão-de-obra (ANDRADE, 1976 ; 20/1).

Em abril de 1963, o governo cria o Programa Diretivo para a Política Açucareira e Alcooleira, visando estudar uma forma abrangente de dinamizar a produção de derivados de cana-de-açúcar no Brasil. Este estudo culminou com o Plano de Expansão da Indústria Açucareira Nacional, cujo objetivo era ampliar a produção para 100 milhões de sacos até 1971, das quais, 80 milhões seriam destinados ao abastecimento do mercado interno e 20 milhões para a exportação e a formação de estoque regulador. Estas medidas foram tomadas pelas resoluções 1761 e 1762 de 12/12/1963, sendo que a primeira dispunha sobre os limites dos contingenciamentos dos Estados e das usinas já existentes, enquanto a segunda, estabelecia critérios para a montagem em vários Estados de cinquenta novas usinas (SZMRECSÁYI, 1978; 50).

A partir de 1964, a política de exportação é complementar aos demais mecanismos de intervenção estatal, visto que esses mecanismos são multilaterais e interdependentes, embora atinjam assimetricamente diversos grupos

de interesse.

A política de incentivo ao aumento da produtividade está diretamente vinculada aos incentivos à exportação e à própria internacionalização da economia brasileira. A política de incentivos às exportações provocou a reestruturação dos organismos oficiais e seu reaparelhamento, passando a ser instalada ou modificada numa série de mecanismos e subsídios. Na reorganização da Carteira do Comércio Exterior (Cacex), foram criados os Comitês de Exportação, cujo principal objetivo era dinamizar o comércio brasileiro no exterior (SORJ, POMPERMAYER & CORADINI, 1982; 80).

No tocante a equipamentos industriais, o grupo Dedini teve fundamental importância no processo de expansão e modernização da agro-indústria canavieira paulista, sobretudo, nas décadas de 30/40/50, alicerçando sua posição hegemônica do fornecimento de equipamentos. Somente a partir dos anos 60 é que merece destaque a produção da Zanini - Sertãozinho (SP) - que, junto à Dedini dinamizam o processo de modernização da indústria de equipamentos ligados à canavieira cultura (RAMOS, 1983; 28).

O último grande grupo agro-industrial canavieiro a se localizar na região de Ararquara, foi o grupo Salvagni, proprietários da Usina Contendas, município de Taquaritinga. A fundação do grupo é bem mais antiga, 15 de fevereiro de 1946, trabalhando sempre com a produção de aguardente, sendo seu primeiro Presidente o Sr. Sérgio Schlobach Salvagni.

Em 1964 conseguem pequena quota do IAA para iniciarem a produção de açúcar e álcool; chegando a produzir 115.946 sacos/60 kg/açúcar, considerada como a

maior produção nas cinco safras que o grupo havia produzido.

Entretanto, a situação de euforia acaba por modificar-se; quando em 1964 a queda do preço do açúcar no mercado internacional, aliado a uma super produção das usinas nacionais, começam a desequilibrar todo o setor usineiro do país. A saída encontrada pelo IAA foi o decreto lei nº 4870 de 01/12/1965, que em seus 78 (setenta e oito) artigos fixaram diretrizes para o impasse.

As principais regulamentações versavam:

Artigo 1º. a parcela da produção destinada às exportações passavam a constituir um "contingente móvel nacional, a ser atribuído, em cada safra, nos respectivos planos de comercialização, às regiões mais indicadas";

Artigo 1º/§/8º. caberá ao IAA, nos Planos Anuais de Safra, estabelecer o mínimo indispensável de produção para as duas safras subsequentes (66/67 e 67/68), tendo em vista a projeção do consumo do mercado interno e os compromissos internacionais do Brasil;

Artigo 5º. autorizava o Instituto a fixar nos seus Planos de safra "uma quota de retenção de 20% da produção nacional de açúcar, para constituição de um estoque regulador do abastecimento dos centros consumidores, estabilização dos preços no mercado interno e cumprimento de acordos internacionais;

Artigo 7º. designava a região Norte/Nordeste como área prioritária para exportação, até o momento que sua produção pudesse ser absorvida pelo próprio mercado interno. (SZMRECSÁNYI, 1979; 273/277/278).

Observando as tabelas 06 e 07 , correspondentes à produção açucareira e alcooleira da região

PRODUÇÃO AÇUCAREIRA DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA
DECÊNIO DE 60 - SACAS DE 60 KG.

TABELA 06

| USINAS | 61 / 62 | 62/63 | 63/64 | 64/65 | 65 / 66 | 66 / 67 | 67 / 68 | 68 / 69 | 69/70 | 70 / 71 | PRO MÉD |
|-----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|
| AÇ. da SERRA | 337.430 | 315.826 | 380.898 | 421.800 | 771.330 | 448.678 | 449.545 | 582.846 | 646.100 | 582.846 | 493 |
| CONTENDAS | --- | --- | --- | 34.750 | 105.150 | 60.672 | 115.946 | 39.875 | --- | --- | --- |
| IPIRANGA | 92.523 | 95.811 | 82.000 | 74.682 | 147.929 | 104.111 | 154.262 | 161.714 | 141.641 | 200.000 | 125 |
| ITAQUERÊ | 164.100 | 160.116 | 159.450 | 131.251 | 224.506 | 160.670 | 158.606 | 120.582 | 113.552 | 205.319 | 159 |
| MARIA IZABEL | 122.385 | 84.681 | 80.380 | 99.777 | 124.968 | 104.989 | 140.719 | 98.507 | 122.941 | 138.478 | 111 |
| MARINGÁ | 140.341 | 133.500 | 169.617 | 214.267 | 234.221 | 194.024 | 193.232 | 217.551 | 200.317 | 435.530 | 213 |
| SANTA CRUZ | 367.100 | 334.080 | 383.350 | 532.300 | 804.000 | 476.620 | 476.028 | 615.665 | 613.887 | 615.665 | 521 |
| SANTA ERNESTINA | 78.490 | --- | --- | 35.372 | 128.294 | 99.091 | 154.434 | 170.171 | 268.380 | 215.180 | 143 |
| SANTA LUIZA | 54.505 | 40.404 | 215.600 | 47.391 | 86.772 | 86.466 | 154.260 | 124.065 | 108.741 | 200.168 | 111 |
| STORANI | 58.027 | 51.586 | 45.910 | 68.750 | 97.557 | 78.875 | 111.019 | 93.370 | 87.384 | --- | --- |
| TAMOIO | 775.692 | 731.550 | 795.686 | 695.010 | 1.132.426 | 935.643 | 998.242 | 861.560 | 691.193 | 1.167.100 | 878 |
| ZANIN | 180.504 | 153.325 | 138.960 | 147.819 | 265.495 | 183.817 | 183.519 | 203.190 | 134.836 | 237.937 | 182 |
| TOTAL | 2.371.097 | 2.100.879 | 2.451.851 | 2.503.169 | 4.122.648 | 2.933.656 | 3.289.812 | 3.289.096 | 3.128.972 | 3.998.223 | --- |

FONTE: IAA e USINAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA.

PRODUÇÃO ALCOOLEIRA DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

DECÊNIO DE 60 - 1.000 LITROS

TABELA 07

| DESTILARIAS | 60/61 | 61/62 | 62/63 | 63/64 | 64/65 | 65/66 | 66/67 | 67/68 | 68/69 | 69/70 | 70/71 | PFF ME |
|--------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-----------|
| AÇ. da SERRA | 6.040 | 4.837 | 4.797 | 5.658 | 4.055 | 10.647 | 10.769 | 20.413 | 12.305 | 8.259 | 18.162 | 9 |
| CONTENDAS | — | — | — | — | — | 738 | 729 | 446 | — | — | — | — |
| ITAQUERÊ | 1.190 | 1.440 | 1.240 | 1.760 | 1.200 | 1.788 | 1.055 | 1.393 | 800 | 1.220 | 1.910 | 1 |
| IPIRANGA | 830 | 852 | 1.025 | 1.484 | 1.531 | 1.982 | 3.314 | 2.810 | 757 | 2.045 | 3.044 | 1 |
| MARINGÁ | 5.020 | 5.312 | 2.669 | 4.833 | 5.276 | 11.743 | 16.267 | 18.129 | 9.179 | 4.789 | 11.854 | 8 |
| SANTA CRUZ | 3.950 | 3.430 | 2.655 | 4.759 | 4.284 | 9.131 | 17.900 | 14.225 | 6.815 | 6.164 | 12.425 | 7 |
| SANTA LUIZA | 213 | 490 | — | — | — | 341 | 779 | 1.037 | 104 | — | 181 | — |
| STORANI | 1.868 | 622 | — | 1.222 | 470 | 900 | 824 | 846 | — | 855 | — | — |
| TAMOIO | 11.146 | 7.552 | 6.140 | 9.858 | 6.398 | 12.045 | 10.900 | 9.851 | 6.799 | 6.533 | 8.502 | 8 |
| ZANIN | 1.415 | 1.707 | 910 | 1.580 | 1.465 | 2.875 | 5.428 | 4.237 | 1.425 | 1.755 | 3.460 | 2 |
| TOTAL | 31.672 | 26.242 | 19.436 | 31.154 | 24.679 | 52.190 | 67.965 | 73.387 | 38.184 | 31.620 | 59.538 | — |

FONTE : IAA e DESTILARIAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

canavieira de Araraquara, percebemos que a produção açucareira das usinas tiveram desempenho fora do normal, nas cinco primeiras safras do decênio de 60, visto o grande volume de exportações relativa ao açúcar, finalizando o quinquênio com uma produção de 4.000.000 sacas de 60 kg., numa quantidade de 12 (doze) unidades agro-industriais em atividade. A produção alcooleira apresentava-se constante, não conseguindo expressivos acréscimos no decênio de 60 (produção média de 40.000.000 litros).

Os efeitos do decreto lei nº 4870 de 1965, na região em estudo, tiveram reflexos imediatos sobre a produção açucareira que sofreu uma retração de mais de 1.000.000 sacas, em cada um dos 5 (cinco) anos de safras seguintes. As usinas só voltariam a atingir a produção de 4.100.000 sacas na safra 1971/72 (ver tabela 13).

CAPÍTULO DOIS

2. O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRO-INDÚSTRIA
CANAVIEIRA

- 2.1. O plano de racionalização e seus efeitos na região canavieira de Araraquara.
- 2.2. A diminuição da importância e do número de fornecedores de cana.
- 2.3. A modificação do quadro agrícola na área em estudo.
- 2.4. O processo de expansão dos monopólios canavieiros.
- 2.5. A ampliação do rendimento industrial.

2. O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRO-INDÚSTRIA CANAVIEIRA

2.1. O plano de racionalização e seus efeitos na região canavieira de Araraquara.

O decênio de 70 foi marcado por profundas modificações tanto a níveis internos como externos, provocando sensíveis alterações no setor agro-industrial canavieiro nacional. O processo de modernização não se restringiu apenas à agro-indústria canavieira, contudo, ela foi mais percebida e sentida nas culturas de exportação (café, laranja e soja). IANNI faz a seguinte colocação: foi constatado que os gastos com mão-de-obra assalariada e com animais. Essa pode ser mais uma indicação da crescente mecanização dos processos de trabalho na agro-indústria açucareira. A expansão das atividades produtivas, relacionadas com o preparo da terra, o plantio, o trato, a fabricação do açúcar, o transporte e a comercialização desse produto, propiciou o uso mais generalizado de máquinas e equipamentos, de fertilizantes e defensivos, e do crédito, todos indícios do desenvolvimento das forças produtivas e modernização da produção do mundo agrário. (IANNI, 1984; 42/3).

As metas estabelecidas para a modernização da agricultura fizeram parte do contexto desenvolvimentista reinante no país no início da década de 70, estando refletidas no I Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND), contidas em item específico intitulado - Estratégias Agrícolas - fixando entre outras medidas:

- 1). na região Centro-Sul - desenvolver agricultura moderna, de

base empresarial, que alcance condições de competitividade em todos os principais produtos;

2). modernizar as estruturas de comercialização e distribuição mediante criação de estruturas especializadas de transportes- "Corredores de Exportação"- associadas à modernização dos principais portos e programas de crédito aos produtores rurais;

3). à industrialização de produtos agrícolas para reduzir os efeitos da entressafra, e permitir a conquista de novos mercados no país e exterior (I PND, 1971; 24).

Com essas normas estabelecidas pelo Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento, fica claro o caminho que a agricultura brasileira tomaria pós 1970. Evidenciando modernização nos setores de equipamentos e maquinários, voltados para a melhoria dos índices de produtividade agrícola, visando primariamente a exportação de produtos industrializados ou "in natura", merecendo destaque o açúcar que desempenharia significativo papel.

A primeira medida de envergadura do IAA, no campo agrônômico foi o ato nº 11/69, de 27/05/1969, estabelecendo o Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-açúcar (PLANALSUCAR), passando a contar com a Coordenadoria Geral no Laboratório Agro-Industrial de Piracicaba, 2 (duas) Coordenadorias Regionais no Nordeste, Rio Largo (AL) e Carpina (PE). No Sudeste implantam a Coordenadoria Regional de Campos (RJ) e a Estação Experimental de Araras (SP). (SZMRECSÁNYI, 1979; 293/4).

Visando modernizar o setor agro-industrial canavieiro, em 27/08/1971, o Decreto-lei nº 1186 criou o Programa de Racionalização da Agro-indústria Açú

careira. Estes programas ofereciam prioridades ao financiamento da fusão e da racionalização das empresas agro-industriais canavieiras, bem como, a implantação de armazéns e modernização dos portos de Maceió, Recife e Santos (SZMRECSÁNYI, 1979, 291).

O planejamento agro-industrial no Brasil olhava, ainda, o Programa de Melhoramento do Planalucar como instrumento de "melhoria da qualidade da matéria-prima" e de "racionalização da produção".

Sobre os Decretos destacamos:

-Artigo 2º. O limite global de produção a ser o somatório de dois contingentes regionais, correspondentes à soma das quotas das usinas situadas, respectivamente, nas regiões Norte / Nordeste e Centro-Sul, ao invés, da soma dos limites globais dos Estados produtores, como vinha sendo a norma, até então. Desta forma, possibilitou o crescimento da produção dos Estados e das usinas que realmente tinham melhores condições.

-Artigo 4º. Os usineiros teriam condições necessárias para alcançar maiores índices de produtividade e reduzir seus custos de produção. Tais objetivos deveriam ser atingidos através das economias de escalas decorrentes da concentração empresarial, via absorção de quotas de outras usinas e fornecedores, mediante as economias externas proporcionadas pela realocação dos estabelecimentos agro-industriais em áreas mais favoráveis. Esta fusão seria possível dentro de uma mesma região geo-econômica (SZMRECSÁNYI, 1979; 296/8). É importante salientar que em todas as transações seria indispensável o aval do presidente do IAA.

Para a execução do Programa de Racionalização da Agro-Indústria Açucareira, MENDES, um dos

autores desse programa, propôs a necessidade de eliminar as pequenas usinas de açúcar do país (consideradas as mais ineficientes do sistema), como também uma quantidade muito grande de pequenos fornecedores de cana, considerados "marginais" do ponto de vista econômico. E justifica - sendo os pequenos usineiros e pequenos fornecedores em maior número no país, numa distribuição de frequência onde a variável principal é o custo de produção, eles são os mais numerosos. Frequências mais elevadas atraem ou fazem com que a média, mediana e moda caminhem em direção a elas. Os pequenos produtores, mais numerosos, determinam que os preços tendam a ser maiores; as reivindicações e as pressões eram maiores para se darem preços, que na verdade eram médios, mas estavam sustentando produtos marginais, usineiros ou fornecedores de cana (MENDES, 1978; 114/5).

No que diz respeito à eficiência das usinas, o Decreto lei nº 1186, relativo à fusão, incorporação e realocização de usinas de açúcar em todo o país, representa a medida mais recente no sentido de obtenção de economia de escala condizentes com o propósito de eficiência que caracteriza a política governamental (IANNI, 1984; 49).

O princípio básico da lógica dessa "racionalidade" implícita na organização e exercício do poder, é que as bases, tanto sócio-econômicas quanto político - institucionais, já estão dadas. Ao se optar por determinado tipo de capitalismo e, empenhando-se o Estado em sua viabilização, as questões que poderiam emergir, portanto, requereriam tomadas de posições e decisões; estas são exclusivamente questões referentes a "desajustes" e "estrangulamentos" de seu funcionamento. Esse tipo de racionalidade foi assumido não

apenas pela tecnoburocracia estatal, mas pelo conjunto das organizações privadas (SORJ, POMPERMAYER & CORADINI, 1982; 71).

As exportações brasileiras atingiram em 1972, a quantia de 2335 mil toneladas métricas, com valor de 404 milhões de dólares, correspondendo a 17,3% do total do açúcar comercializado no Mercado Mundial. Este "boom" deve-se a fatores conjunturais de grande número de países, indo desde o rearranjo da produção de açúcar, em função das quotas estabelecidas pelo Acordo Internacional de 1968, até o declínio da produção cubana de açúcar, como também, da redução das colheitas de beterraba dos países da Europa Ocidental durante a safra de 1971/72. Contudo, os preços continuavam em alta, e no ano de 1974, as exportações brasileiras atingiram o ápice de US\$ 1.100 milhões, sendo que a participação brasileira no mercado internacional foi de 10,3%, mostrando sensível queda em relação ao ano de 1972, expressando uma recuperação por parte dos países produtores de açúcar (MELLO & FONSECA, 1981; 18).

Neste período de euforia, o Brasil chegou a ser o primeiro exportador mundial de açúcar, ultrapassando a produção cubana. Como os preços pagos aos produtores pelo IAA, do açúcar exportado, eram inferiores ao preço real da venda, foi estabelecido o Fundo Especial de Exportação (decreto lei nº 1266, de 26/03/1973), dispondo sobre o melhor destino a ser dado ao saldo do referido fundo (SZMRECSÁNYI, 1979; 303).

Segundo SZMRECSÁNYI (1978; 69)" os preços pagos aos produtores pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (por lei, o único exportador) eram inferiores aos valores médios por eles recebidos, e o IAA conseguiu formar (gra-

ças também à conjuntura favorável das vendas externas) saldos vultosos para o seu Fundo Especial de Exportação. Com esses saldos, o Instituto do Açúcar e do Alcool procurou dinamizar ainda mais esse fundo, através de empréstimos para usinas, além do reforço à infra-estrutura de exportação, como também os benefícios aos programa de pesquisa do Planalsucar".

Sobre os efeitos do Fundo de Exportação, ANDRADE (1981, 77) tem a seguinte opinião: "O reequipamento industrial das usinas e a relocalização para áreas diversas, menos disputadas e de terras mais baratas, provocou naturalmente, a concentração de renda, de vez que os empréstimos eram feitos a juros negativos e com período de carência ponderável fazendo expandir a cana-de-açúcar por áreas anteriormente dedicadas às culturas alimentares.

O financiamento do IAA era concedido em bases extremamente favoráveis para a empresa do sub-setor: ausência de correção monetária, juros baixos, longo prazo de pagamento, etc. Tais condições foram tornadas muito mais favoráveis pelo ato 03/74, que extinguiu o subsídio dos juros nos financiamentos para expansão das áreas de canaviais das usinas e dos fornecedores de cana. Posteriormente, por decisão do Conselho Monetário Nacional, recursos do Fundo de Exportação passaram a ser aplicados no pagamento de subsídios para aquisição de fertilizantes, cujos preços haviam crescido em demasia, devido à alta dos preços do petróleo, e ao financiamento para instalação de destilarias anexas às usinas de açúcar (SZMRECSÁNYI, 1979; 404/5).

Fatores conjunturais externos vieram aniquilar as pretensões brasileiras, de firmar-se como país produtor de açúcar. A queda do preço do açúcar foi consi

derada como consequência do Brasil ter perdido o Mercado Preferencial norte-americano em 31/12/1974, bem como da perda do Acordo Açucareiro da Comunidade Britânica, que tornou-se sem efeito quando do ingresso da Grã-Bretanha no Mercado Comum Europeu (Apud SZMRECSÁNYI, 1979; 306).

O Plano de Racionalização da Agro-Indústria Açucareira teve grande repercussão em todo o Estado de São Paulo, vindo a ser o principal responsável, na década de 70, pelo encerramento de 23 (vinte e três) usinas de cana-de-açúcar por todo o interior do Estado, contra apenas 04 (quatro) novas usinas implantadas no mesmo período (TABELA 08)

TABELA 08

IMPLANTAÇÃO E FECHAMENTO DE USINAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

| | ANTES DE 40 | DÉCADA 40 | DÉCADA 50 | DÉCADA 60 | DÉCADA 70 |
|-------------|-------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Implantação | 33 | 49 | 21 | 04 | 04 |
| Fechamento | — | 03 | 05 | 05 | 23 |

FONTE : IAA

Os efeitos do Plano de Racionalização da Agro-Indústria Açucareira foram sentidos na região araraquarense. Além das incorporações já efetivadas no decorrer de sua história, Usinas Chibarro, Santa Cruz e Santa Fé, ocorreram cinco outras, concentrando-se substancialmente o quadro agro-industrial regional.

A primeira grande incorporação industrial nesta segunda fase, ocorreu no final de 1969, quando a Usina Contendas (Taquaritinga) - família Salvagni, cuja produção era considerada pequena, vendeu sua parte fabril e

quota açucareira para a Usina São Geraldo (Sertãozinho), família Simioni. Cabe salientar que a família Salvagni permaneceu com a sua agro-pecuária, ressurgindo com o Programa Nacional do Alcool como destilaria Autônoma (ver capítulo 3).

Em 1969, acontecia uma das maiores incorporações da história do setor agro-industrial canavieiro paulista. O grupo Morgante detentor de 6% do parque industrial canavieiro paulista, proprietários de duas usinas, Tamoio (Araraquara) e Monte Alegre (Piracicaba), é incorporado pelo Grupo Silva Gordo, proprietário do extinto Banco Português, na época, recém iniciante no setor canavieiro. RAMOS (1983, 91) faz o seguinte comentário: "O Grupo Silva Gordo durante as safras (70/71, 71/72 e 72/73) foi o segundo maior grupo açucareiro do Estado paulista, pois que havia comprado cinco usinas, sendo duas do Grupo Morgante (Tamoio e Monte Alegre) e as três do Grupo Société, nacionalizado em 1969 (Piracicaba, Porto Feliz e Raffard). Tal entrada do Grupo Silva Gordo na produção açucareira fazia parte de uma estratégia do Grupo proprietário do Banco Português do Brasil, que queria tornar-se em pouco tempo num dos maiores, senão o maior, grupo açucareiro do Brasil. Mas isso não foi possível, provavelmente por problemas financeiros, o Grupo vende as Usinas Porto Feliz e Raffard para os proprietários/sócios da COPERSUCAR, em 1973 e vende a Usina Monte Alegre para os irmãos Ometto / Grupo Dedini em 1975. Pela difícil localização da Usina Piracicaba (área central da cidade) ela é fechada e sua quota transferida para outras usinas do Grupo; a Tamoio, em Araraquara (SP) e a Tupy, no Estado de Goiás".

Outra pequena agro-indústria que desaparece de cenário industrial paulista é o Grupo Sto-

rani, com produção média na década de 60, de 76.942 sacos/açúcar. A incorporação realizada no ano de 1970 pelo Grupo Graciano R. Afonso, de Araraquara, proprietário da Usina Maringá, que é o novo responsável pela empresa.

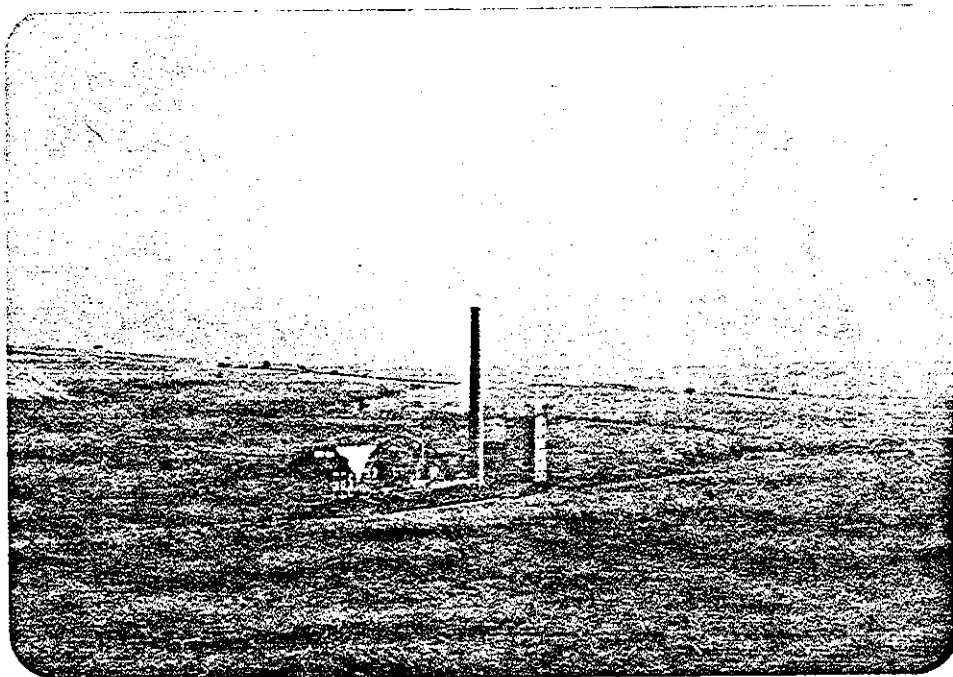


Foto 03. Usina Storani (Américo Brasileiro) - encampada e desativada pela Usina Maringá no final da década de 60.

Na década de 70, a Usina Maria Izabel, município de Santa Lúcia, pertencente ao Grupo Malta Cardoso e Sampaio Vidal, com produção média na década anterior de 111.783 sacos/açúcar - foi incorporada pelo grupo Ometto/Pavan (Usina Santa Cruz, Américo Brasileiro), pertencente ao Grupo Luiz/João Ometto (Usinas São Martinho, Santana e Iracema). Houve a incorporação do setor industrial e das quotas de produção de açúcar, permanecendo a Fazenda Alpes em mãos

de seus proprietários (setor agrícola).

Analisando todo o processo de concentração técnica e os reflexos dos decretos números 1186 e 1266 no Estado de São Paulo, sem dúvida os usineiros paulistas ficaram com as maiores partes dos recursos destinados a "modernização" e ampliação das usinas brasileiras (RAMOS, 1983; 70).

A última grande fusão existente na região Canavieira de Araraquara, decorrente do Decreto Lei nº 1186, ocorreu no município de Dobrada, Usina Santa Ernestina, ano de 1974, quando o Grupo Tonini é incorporado pelo Grupo Lauro Corona, também proprietários da Usina Bonfim em Guariba. Devido à proximidade das duas usinas, a direção da Usina Bonfim resolveu extinguir a parte industrial da Usina Santa Ernestina, agregando-a a Usina Bonfim.

2.2. A diminuição da importância e do número de fornecedores de cana.

A questão do fornecimento de cana-de-açúcar para as usinas é um assunto bastante polêmico no meio agro-industrial canavieiro do Brasil. Com a publicação do Estatuto da Lavoura Canavieira, em 21/11/41, Decreto lei nº 3.855 a categoria dos fornecedores de cana é reconhecida oficialmente. Em uma de suas principais deliberações, fixava o Estatuto que o limite da cana-de-açúcar entregue às usinas sobre a incumbência dos fornecedores, i.e., 60% de cana própria e 40% de fornecedores.

Entretanto, o raciocínio não é tão simplista como se apresenta. De acordo com RAMOS (1983, 122) "com o passar dos anos percebeu-se que o Estatuto da Lavoura Canavieira foi fundamental para a expansão da agro-indústria açucareira paulista. Nesse caso, o usineiro ficava menos comprometido com a produção de matéria-prima e dos riscos, e procurava deliberar os recursos financeiros, principalmente para os equipamentos industriais. Por outro lado, sendo a preocupação voltada mais para o setor industrial, passou a ocorrer uma ampliação contínua do número de usinas, graças ao incentivo do IAA".

A partir de 1970, o momento econômico era outro, as agro-indústrias entravam no auge do Plano de Racionalização da Agro-indústria Canavieira, Decreto lei nº 1186, ou seja, estavam sendo retiradas do mercado industrial todos os grupos tidos como pequenos ou anti-econômicos. Sobre a questão dos fornecedores, o IAA deixava de prefixar as quotas de cana entregue às usinas, passando a atuar

segundo o critério de autorização da produção, assim, não mais existiria a obrigatoriedade dos 40% de cana entregue pelos fornecedores, uma vez que este dispositivo nunca fora cumprido, evidenciando gradativa exclusão da categoria dos fornecedores no cenário agrário nacional (N). (FERREIRA & BRAY, 1984; 144/145).

Seguindo este raciocínio e tomando por base a TABELA 09, podemos perceber o que ocorreu após 1970, quando da não obrigatoriedade de quotas de cana de fornecedores para os grupos agro-industriais canavieiros. Até 1970 o Estado de São paulo possuía algumas regiões que mantinham aproximadamente 40% de cana de fornecedores (Ribeirão Preto/Sertãozinho e Araraquara); outras como Piracicaba, Jaú e Catanduva, a participação de fornecedores era acima do previsto, as quotas dos fornecedores ficavam muito aquém, 29,1 e 32%, respectivamente (TABELA 09).

Na safra 1982/83 a situação já se encontrava muito diferente; de todas as regiões canavieiras do Estado, a única que permanecia no limite de 40% para fornecedores, era a região de Piracicaba, tida como a mais tradicional das regiões, sofrendo, portanto, poucas modificações e não recebendo nenhuma destilaria autônoma após o Programa Nacional do Alcool. As demais sofreram profundas transformações, sendo que das regiões tradicionais do Estado, a de Araraquara foi a que mais sentiu a diminuição dos fornecedores, ficando

(N). Recomendamos as obras de Oriowaldo Queda (1972) e Pedro Ramos (1983), citados na bibliografia, onde a viabilidade do Estatuto da Lavoura Canavieira é exhaustivamente discutido.

CANA-DE-AÇÚCAR MOÍDA NAS REGIÕES CANAVIEIRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO : A PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DOS USINEIROS E FORNECEDORES NAS SAFRAS DE 1970 / 71 E 1982 / 83

TABELA 09

| REGIÕES | 1970 / 71 | | 1982 / 83 | |
|--------------------------|-----------|--------------|-----------|--------------|
| | PRÓPRIA | FORNECEDORES | PRÓPRIA | FORNECEDORES |
| PIRACICABA | 56,1 | 43,9 | 57,0 | 43,0 |
| RIB. PRETO / SERTÃOZINHO | 61,2 | 38,8 | 70,4 | 29,6 |
| ARARAQUARA | 67,5 | 32,5 | 81,3 | 18,7 |
| JAÚ | 57,8 | 42,2 | 70,5 | 29,5 |
| CATANDUVA | 48,2 | 51,8 | 78,2 | 21,8 |
| V. DO PARANAPANEMA | 70,9 | 29,1 | 77,1 | 22,9 |
| OESTE PAULISTA | 68,0 | 32,0 | 93,4 | 6,6 |

FONTE : ORPLANA
IAA

nessa ocasião com 18,7% de cana entregue por estes, sofrendo uma queda no período 1970/83 de 13,5%, só sendo superada pela novíssima região do Oeste Paulista (6,6 % cana entregue por fornecedores), constituída em quase sua maioria por destilarias autônomas recém implantadas (pós 1975 - Programa Nacional do Alcool).

Comprovando essa situação, temos os dados referentes à participação de fornecedores de ca

na nas agro-indústrias da Região Canavieira de Araraquara, num intervalo das últimas dez safras realizadas (1974/75 a 1984/85) Dos grupos tradicionais, apenas a Usina Santa Cruz aumentou a participação de fornecedores, elevando em mais de 26 (vinte e seis) o seu quadro (113); dos demais sete grupos tradicionais da região, todos tiveram o seu número de fornecedores diminuídos, devido aos elevados custos de produção da cana-de-açúcar, ou então à pressão dos usineiros para a compra de suas propriedades. Nos grupos novos passou a existir participação efetiva dos fornecedores, no intuito de facilitar a produção de matéria-prima para os primeiros anos de atividade da empresa (repete-se o mesmo fato do início das usinas de açúcar e o Estatuto da Lavoura Canavieira - 1940). O destaque fica por conta da Destilaria São Gregório, pois, ficando próximo à extinta Usina Tamoio, acabou ficando com grande parcela de seus fornecedores (TABELA 10).

Observando as figuras 06 e 07 , percebemos a evolução ocorrida na participação da cana moída própria e de fornecedores na Região Canavieira de Araraquara num período de 10 (dez) anos safras, correspondendo às safras entre 1974/75 e 1984/85. Na safra 1974/75, de um total de 3.348.227 t. de cana moída, 2.133.872 t. são canas próprias (63,7%), notando-se equilíbrio entre as canas próprias e a dos fornecedores. Usinas como Tamoio, Zanin, Santa Cruz e Santa Luiza estão praticamente sobre a média de 60%; outras como Santa Fé, Açucareira da Serra e Maringá, as canas próprias es tão com porcentagem bastante elevadas, respectivamente 81%, 73% e 79% e, finalizando com a Usina Ipiranga, nesta os forne cedores contribuem com a maior parcela de cana moída (56%) - (FIGURA 06).

EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DOS FORNECEDORES DE CANA
 NAS AGRO-INDÚSTRIAS DA REGIÃO CANAVIEIRA-ARARAQUARA
 1.974 / 75 a 1.984 / 85

TABELA 10

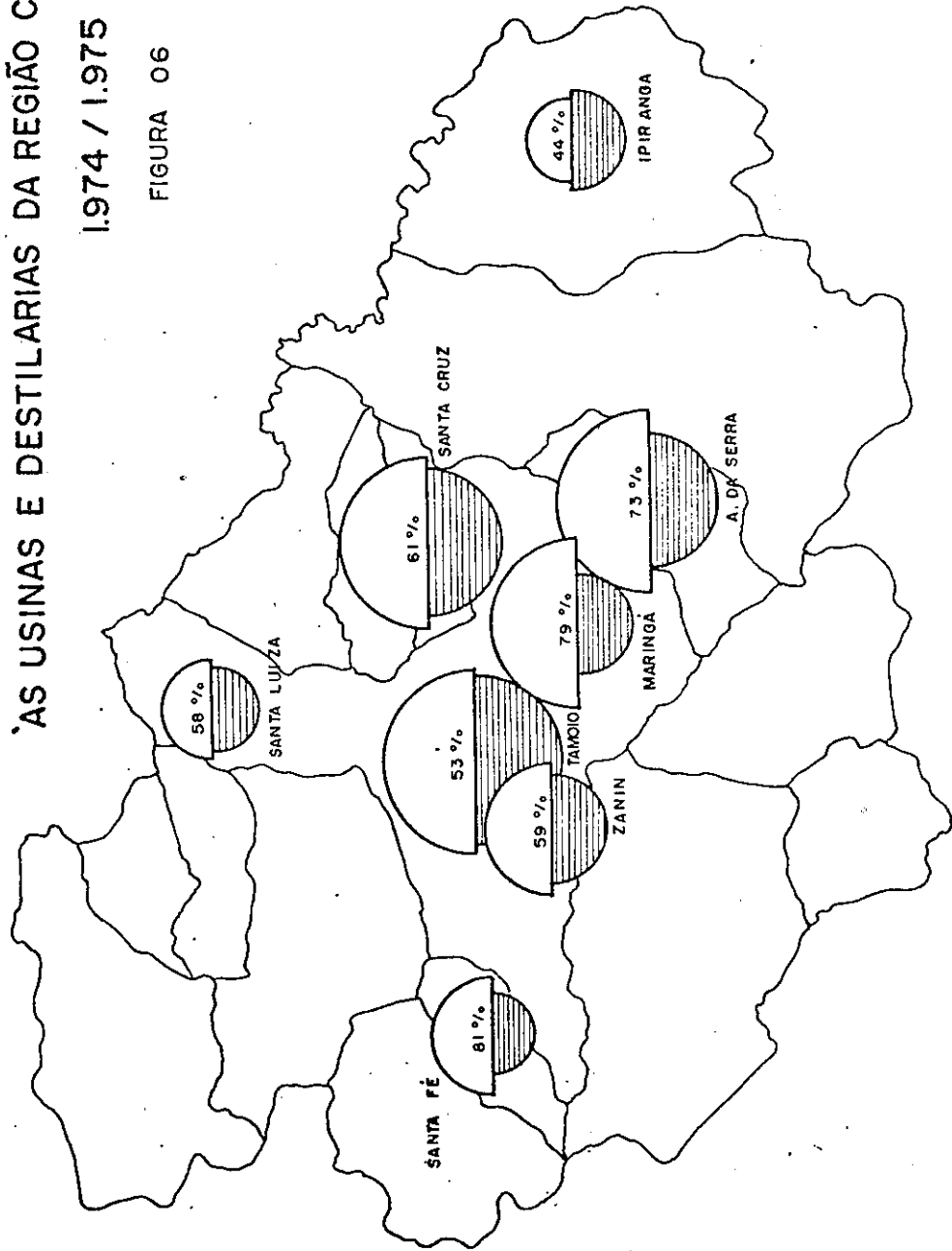
| AGRO-INDÚSTRIAS | 1.974 / 75 | 1.984 / 85 | VARIAÇÃO |
|-----------------|------------|------------|----------|
| AÇ. da SERRA | 72 | 46 | - 26 |
| IPIRANGA | 18 | 10 | - 08 |
| LAGOA DOURADA | — | 12 | + 12 |
| MARINGÁ | 50 | 19 | - 31 |
| SANTA CRUZ | 87 | 113 | + 26 |
| SANTA FÉ | 85 | 28 | - 57 |
| SANTA LUIZA | 25 | 13 | - 12 |
| SÃO GREGÓRIO | — | 188 | + 188 |
| TAMOIO | 326 | — | - 326 |
| ZANIN | 59 | 45 | - 14 |
| TOTAL | 722 | 474 | - 248 |

FONTE: COOPERATIVA DOS FORNECEDORES DE CANA DE ARARAQUARA.

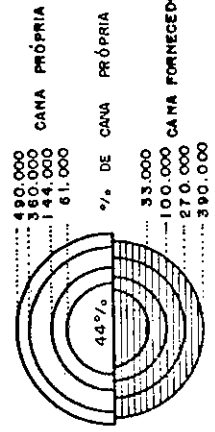
**PARTICIPAÇÃO DE CANA MOÍDA PRÓPRIA E DE FORNECEDORES
 DAS USINAS E DESTILARIAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA**

1.974 / 1.975

FIGURA 06



Em toneladas:



ESCALA 1 : 1.270.000

No segundo período (FIGURA 07), temos a posição da safra 1984/85, cuja região passou a contar com mais três destilarias autônomas recém implantadas. A região possui um contingente de 8.491.832 t. de cana moída, cabendo às canas próprias 6.680.412 t., correspondendo a 78,6% do total da cana entregue para os usineiros, ou seja, 14,6% a mais do que na safra 1974/75. Assim temos: Santa Fé 93%; Maringá 89%; Açucareira da Serra 87%, Ipiranga 85%, Santa Luiza 84%, Zanin 80% e Santa Cruz 75% (participação da cana própria às usinas). Já no caso das destilarias autônomas, por estarem em início de atividade, numa região em que o preço da terra é muito elevado e, concomitantemente precisam de capital para instalar a agro-indústria e investir na produção de matéria-prima, a participação da cana entregue às destilarias é mais equilibrada; por exemplo: Contendas 58%, lagoa Dourada 60% e São Gregório 52%, de cana própria e acionistas (N).

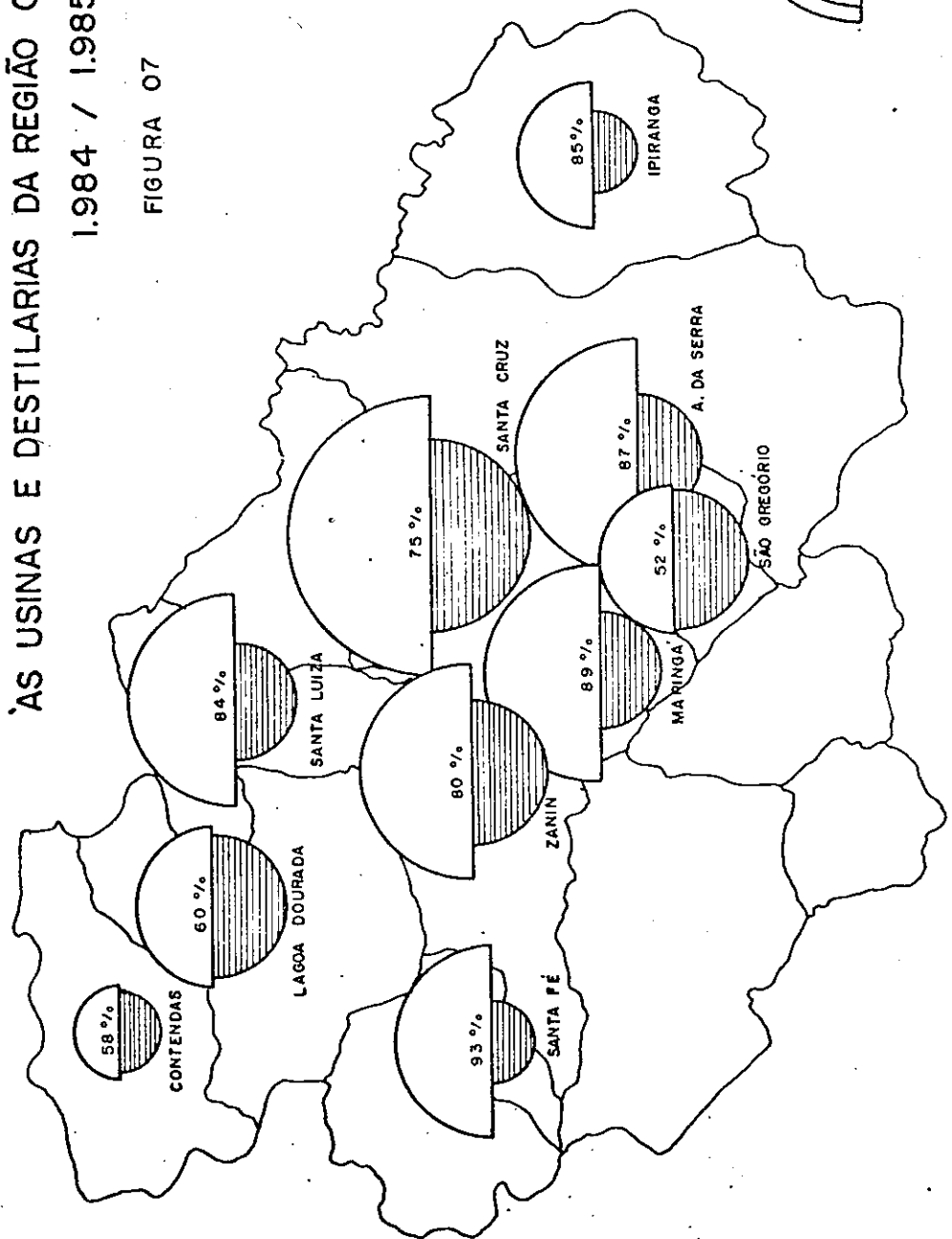
Para discutir a questão dos fornecedores de cana na região, existe a Associação dos Fornecedores de Cana de Araraquara, como órgão de defesa da categoria dos fornecedores e lavradores de cana-de-açúcar, abrangendo mais de 14 (quatorze) municípios da região, atuando desde 27 de julho de 1952. Seus principais objetivos são: unir a classe dos fornecedores de cana e articular o intercâmbio com as demais associações do Estado; facilitar a aquisição de produtos destinados à lavoura de cana, criando para este fim seção especial ou cooperativas de créditos e consumo, e promo

(N). Esses dados representam a versão oficial dos fatos, entretanto é de conhecimento geral que existem propriedades de famílias de acionistas que entram na usina como sendo cana enviada por fornecedores. Esse fato diminui ainda mais a participação dos fornecedores.

PARTICIPAÇÃO DE CANA PRÓPRIA E DE FORNECEDORES NAs USINAS E DESTILARIAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

1.984 / 1.985

FIGURA 07

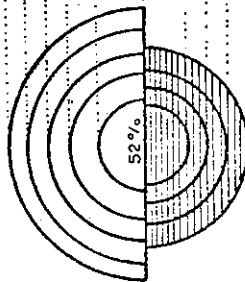


Em toneladas:

| | |
|-------|-----------|
| | 1.700.000 |
| | 997.000 |
| | 640.000 |
| | 267.000 |
| | 61.000 |

% DE CANA PRÓPRIA

| | |
|-------|---------|
| | 41.000 |
| | 135.000 |
| | 240.000 |
| | 570.000 |



ESCALA 1:1.270.000

FONTE: TRABALHO DE CAMPO.

ORGANIZADO POR: ENÉAS R. FERREIRA / DESENHO: AKEMI SHIMABAKI

ver o desenvolvimento cultural do associado.

Com a progressiva diminuição dos fornecedores de cana às usinas e destilarias da região, o número de associados dessa entidade vem diminuindo, não ultrapassando o número de 400 (quatrocentos) em 1985, prevalecendo, de maneira geral, os grandes fornecedores, visto que os pequenos e médios diminuem com o constante "assédio" dos grandes usineiros, ou então, pelas dificuldades financeiras que atravessam.

2.3. A modificação do quadro agrícola na área em estudo.

A região Canavieira de Araraquara, já abordada anteriormente, está composta de 16 (dezesesseis) municípios canavieiros, sendo que se levarmos em consideração as principais atividades agrícolas no período de 1970 a 1985, podemos fazer vários tipos de análise sobre a agricultura no contexto regional.

Os dados obtidos no Instituto de Economia Agrícola (SP) foram agrupados de duas maneiras distintas. No primeiro grupo eles são vistos mais em função dos municípios (como nosso objetivo é ter uma visão geral, esses dados serão utilizados em menor frequência, encontrando-se à disposição do leitor no (ANEXO 03.)

Através dos dados, também fizemos figuras representativas de dois quinquênios consecutivos, correspondentes aos anos de 1970/1975, 1975/1980 e 1980/1985, tendo em sua vertente horizontal as principais culturas alimentícias e na vertente vertical a quantidade de hectares ocupados pelas referidas culturas. Além das principais atividades agrícolas da região, achamos ainda, importante ressaltar a colocação dos dados sobre áreas de pastagens e matas, desta última, incluindo matas naturais, reflorestamentos e vários tipos de cerrado.

De antemão podemos traçar algumas linhas sobre a cultura alimentícia, de maneira a termos, de um lado, culturas voltadas para a exportação ou altamente mecanizadas, destacando-se os casos da cana-de-açúcar, citrus, café e soja; do outro lado, temos culturas de subsistências ou tradicionais, visto que são tratadas na sua maior parte sem os

insumos e implementos que se fazem necessários (algodão, arroz, milho, feijão, amendoim e mandioca).

Os insumos modernos são fortemente subsidiados, as condições de lucratividade das culturas ditas modernas (justamente porque utilizam maiores proporções de insumos modernos) são maiores; ainda porque, sendo quase sempre produtos de exportação e/ou de transformação industrial (cana, café, soja, trigo, etc...), têm sempre uma evolução de preços relativamente mais favorável do que as culturas tradicionais, que são basicamente dos produtos de alimentícios. Não é coincidência, portanto, verificar que as culturas "modernas" têm uma lucratividade maior que as tradicionais (SILVA, 1982; 30).

Ao mesmo tempo, a maior parte da produção de alimentos básicos ficou intocada pelas inovações tecnológicas que transformaram a agricultura de exportação. Na maioria dos países latino-americanos, a produção de alimentos básicos estagnou em relação ao crescimento populacional, provocando escassez, aumentos de preços e crescente dependência da importação de alimentos (BURBACH & FLYNN, 1982; 89).

Ao analisarmos a FIGURA 08 referente aos dados comparativos de 1970 a 1975, notamos que as culturas de maior progressão na região foram as culturas de cana-de-açúcar e citrus, que de um total de 72.662 e 33.481 ha em 1970, atingiram a meta de 102.781 e 68.667 ha em 1975, respectivamente. Desta maneira o aumento ocorrido foi de 41% para a cana-de-açúcar e 103% para a cultura de citrus, perfazendo um total de 65.305 ha à mais.

A realidade é que a agroindús

COMPARAÇÃO EVOLUTIVA DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES AGRÍCOLAS NA REGIÃO
CANAVIEIRA DE ARARAQUARA - 1970/1975 (em hectares)

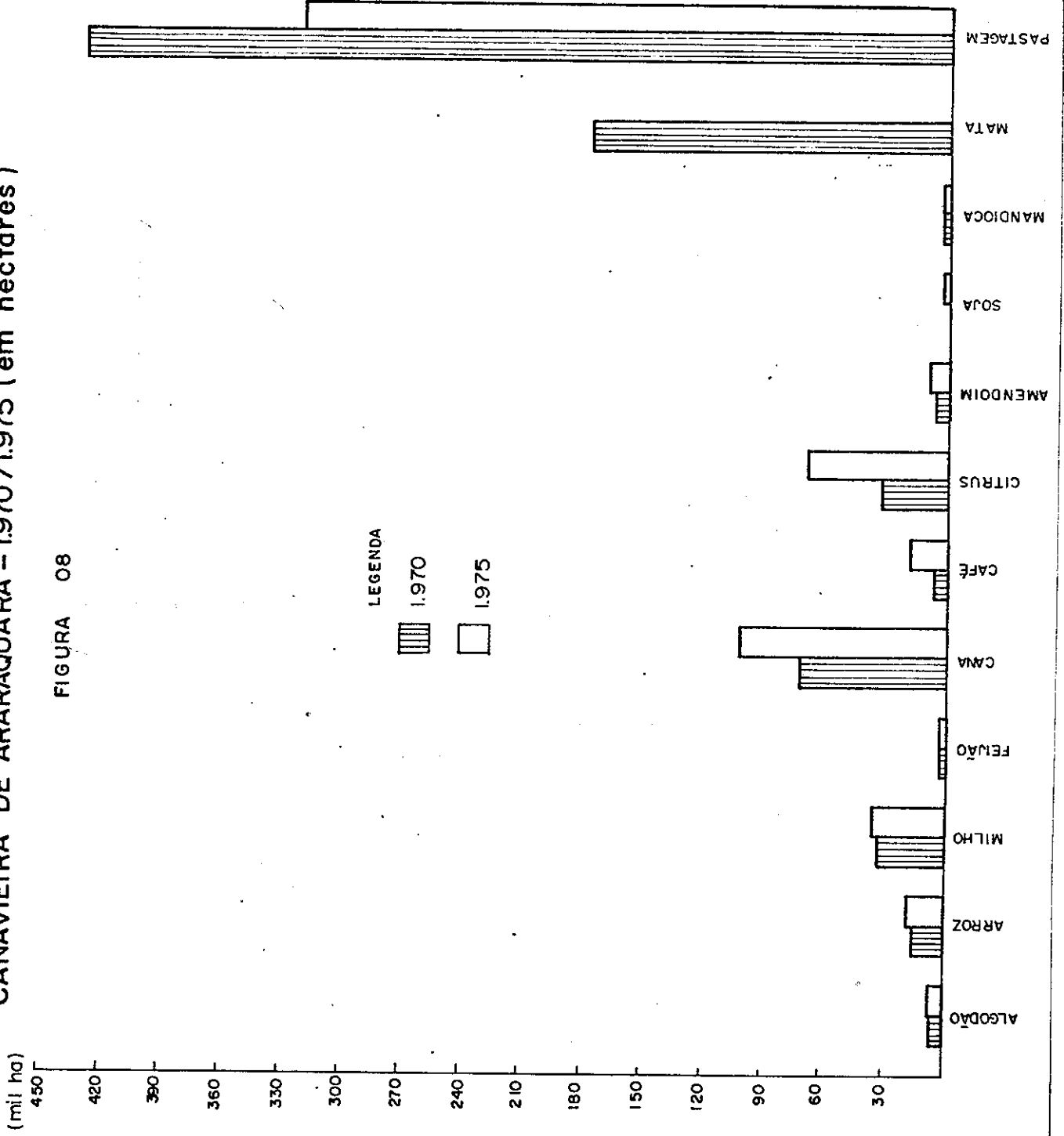


FIGURA 08

tria, longe de ser uma solução, apenas vem agravando o problema da fome, pois tem como consequência não apenas a modernização da agricultura, mas também a transferência de um determinado modelo de desenvolvimento econômico e de relações sociais para o Terceiro Mundo. Como tal, a agro-indústria apenas exacerba as desigualdades sociais que, dissemos antes, constituem as verdadeiras causas da fome (BURBACH & FLYNN, 1982; 14/5).

Sobre as demais culturas, apenas o feijão e a mandioca não obtiveram significativos aumentos em áreas plantadas no período (1970/1975). Temos: café 9922 ha a mais, milho 2.682 ha a mais, arroz 1.874 ha a mais, amendoim 1.234 ha a mais, algodão 923 ha a mais e a cultura da soja (recém implantada) com 2.595 ha.

Temos a destacar ainda, os dados de pastagens e matas da região. Sobre a área de pastagem a região possuía em 1970, 430.270 ha e em 1975 essa quantidade diminuiu para 320.709 ha, representando uma redução de 109.561 ha ou 25% da área primitiva. Quanto as áreas de matas, em 1970 eram de 178.358 ha, porém os períodos posteriores deixam de ser apurados pelo Instituto de Economia Agrícola, só voltando a serem registrados no início da década de 80, permitindo-nos uma comparação com os dados de 1985.

No segundo período -1975 a 1980 passa a haver um predomínio marcante de cultura canavieira, visto sua ocupação ter sido ampliada de 102.781 ha para 164.545 ha em 1980. Esse período corresponde aos 5 (cinco) primeiros anos do Programa Nacional do Alcool, perfazendo essa cultura o índice de 64%, ou seja, 23% a mais do que no quinquênio anterior (1970/1975). A cultura de citrus apresentou um crescimento mais modesto nesse período, 68.667 ha para

84.748 ha em 1980, correspondendo a uma ampliação da área plantada em 23% (quinquênio anterior a ampliação foi de 103%) (FIGURA 09).

As culturas de algodão, milho, café, amendoim e mandioca permaneceram com as suas áreas praticamente estagnadas, mostrando que, se de um lado não haviam crescido, por outro, não diminuíram.

Modificações sofreram as culturas de arroz e soja. Enquanto o arroz apresentou uma queda de área plantada em 4.646 ha nos cinco anos safras, a cultura sojeira apresentou significativo aumento de 112%, passando de 2.595 ha para 5.507 ha em 1980.

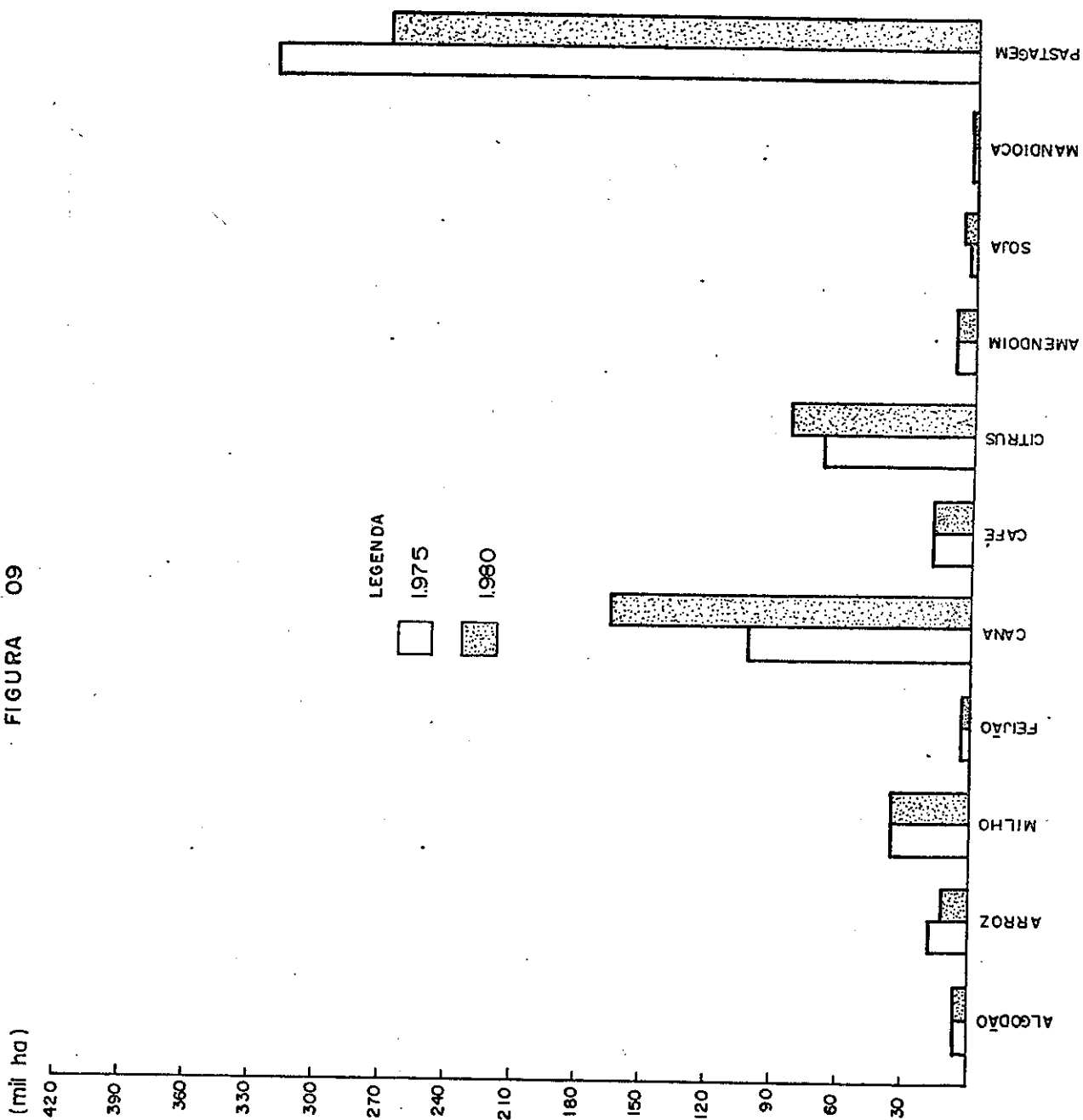
Um mecanismo que afeta diferencialmente a grande e a pequena produção é a fixação ou tabelamento de preços dos produtos agrícolas através dos organismos governamentais. Os produtos vitais para o balanço de pagamentos do país, como o café e a cana-de-açúcar, são privilegiados de forma a assegurar sua produção com boa margem de rentabilidade, enquanto os preços dos principais alimentos podem ser tabelados num nível baixo, pois sabe-se que o abastecimento estará assegurado pela "pequena produção" (SILVA, 1982; 39/40)

A área de pastagem que no quinquênio anterior tinha retratação de 25%, no período de 1975 / 1980 acaba sofrendo nova redução de 18%, passando de 320.709 ha para 270.705 ha, correspondendo menos 50.004 ha de pastagens. Acreditamos que esta redução de área de pastagem tenha sido ocupada pelas culturas de cana-de-açúcar, citrus e soja, pois juntas, tiveram uma ampliação de 80.757 ha nesse período.

Analisando o último período (FI

COMPARAÇÃO EVOLUTIVA DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES AGRÍCOLAS NA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA - 1.975/1.980 (em hectares)

FIGURA 09



GURA 10), que representa os anos de 1980 a 1985 referente a cultura canavieira, notamos que ela passa por um processo de equilíbrio, verificando-se uma ampliação de apenas 8.809 ha (5%), portanto, atingindo a soma de 173.350 ha de cana plantada.

Já a citricultura, que no período anterior (1975/1980) obtivera um crescimento de 23%, no atual quinquênio (1980/1985) cresce mais 28%, atingindo 108.758 ha representando uma variação de mais 24.000 ha de citrus plantados na região (laranja, Limão e Tangerina).

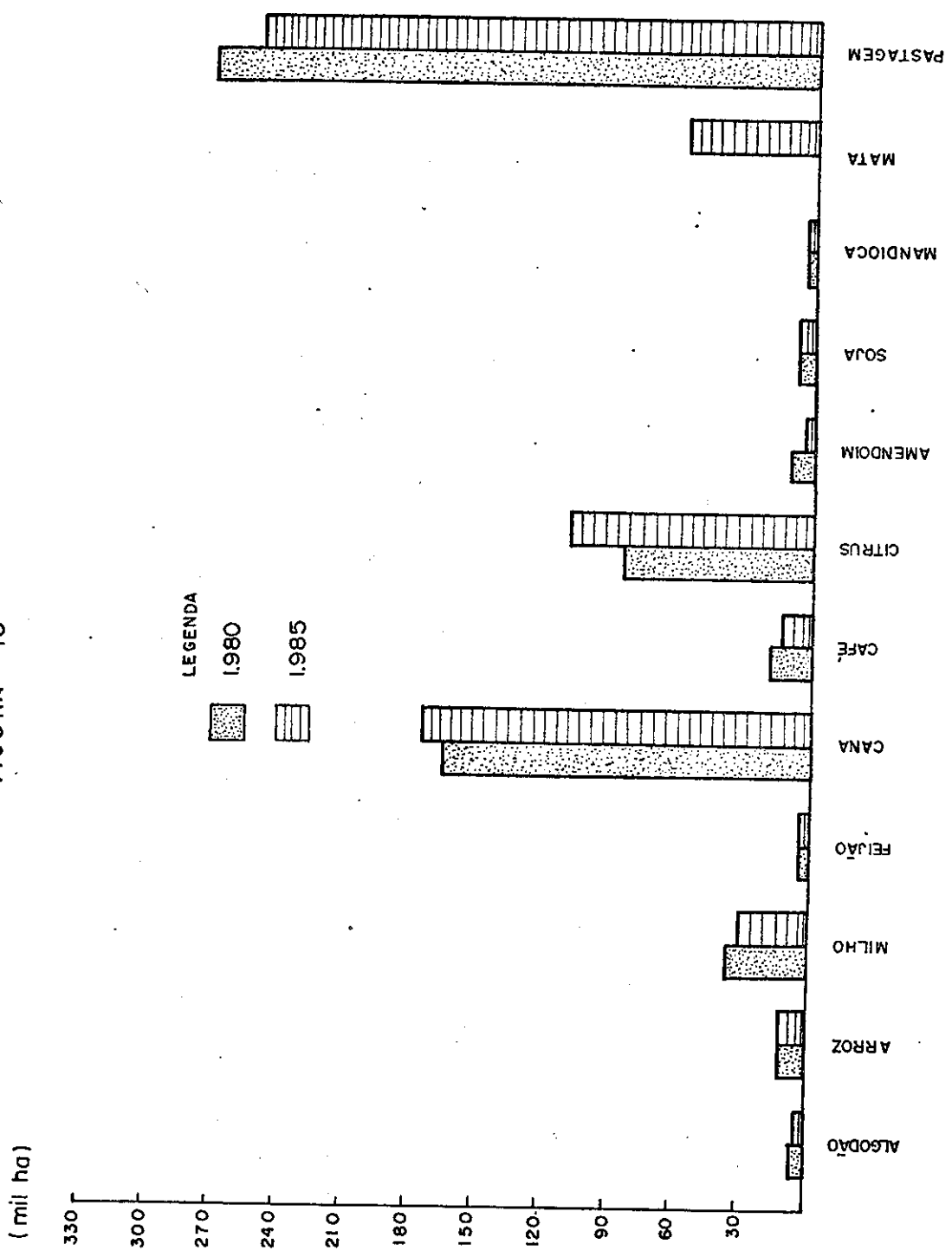
Para as demais culturas alimentícias, notamos uma tendência geral de redução de área plantada: algodão -34%, milho -18%, feijão -184%, café -40% e amendoim -125%. Mantiveram-se estáveis no período as culturas de arroz (12.432 ha), soja (5.450 ha) e mandioca (1.600 ha).

Em sua maior parte, o setor de exportação foi o que registrou maior modernização. Ao mesmo tempo, a produção de alimentos básicos para o mercado local continua sendo o setor mais atrasado. Fica, em sua maior parte, a cargo de pequenos agricultores de subsistência, cuja terra é menos fértil, e não tem praticamente acesso aos créditos e programas governamentais que transformaram o resto da agricultura (BURBACH & FLYNN, 1982; 110).

Paralelamente a uma crescente demanda por alimentos básicos, assiste-se quase que a uma expulsão das culturas de subsistência do Estado de São Paulo. Estas passam a ser substituídas por outras atividades mais rentáveis cujos retornos possibilitam a aplicação do capital diretamente na sua produção (soja, cana-de-açúcar, laranja) - (SILVA, 1982, 85).

COMPARAÇÃO EVOLUTIVA DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES AGRÍCOLAS NA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA - 1.980/1.985 (em hectares)

FIGURA 10



Para as áreas de pastagens e de matas a diminuição também é representativa. A área de pastagem regrediu mais de 22.567 ha, ou seja, mais 9% do total anterior, restando 248.138 ha de áreas de pastagem na região. Os dados referentes à área de matas, passam a ser novamente difundidos pelo Instituto de Economia Agrícola. A região canavieira de Araraquara, que em 1985 dispunha de 57.322 ha., comparada aos 178.356 ha que a região possuía em 1970, a redução verificada é de 121.036 ha, correspondendo a uma diminuição de 211% da área de matas num período de 15 (quinze) anos de atividade econômica.

Finalizando, temos a FIGURA 11 mostrando a variação global dos últimos 15 (quinze) anos da agricultura na região canavieira de Araraquara. Os resultados vieram concretizar as expectativas prévias que tínhamos, bem como, confirmar uma tendência na agricultura brasileira, de mostrada através do processo de modernização que vem ocorrendo mais acentuadamente em algumas culturas voltada para o mercado externo.

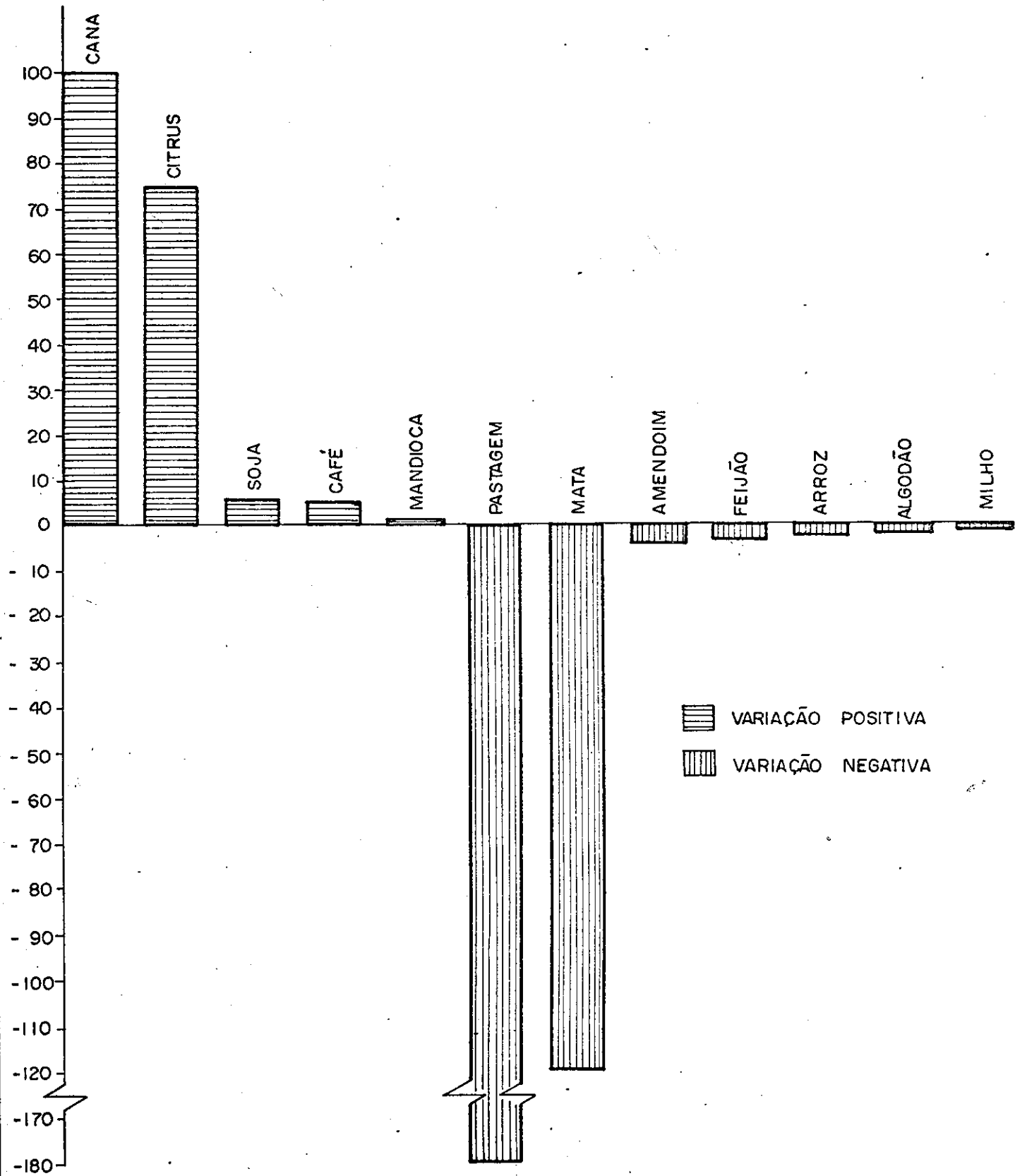
As culturas que mais se desenvolveram nesse período foram: cana-de-açúcar, citrus, café e soja. A cana-de-açúcar teve uma ampliação de 100.000 ha no período de 15 anos na região de Araraquara. Logo a seguir temos a cultura de citrus com ampliação de área plantada em 75.000 ha. Com índices bem mais inferiores de crescimento, temos as culturas do café e da soja, girando em torno de 5.000 por cultura; e por último a variação positiva da cultura de mandioca, que em 1985 tinha 1.600 ha plantados sobre os 884 ha de 1970.

Para as culturas em retração, as maiores perdas foram o amendoim e o feijão. Em 1970 eles de

1970 - 1985 (em hectares)

mil hectares

FIGURA II



tinham, respectivamente, 6.266 e 3.701 ha e em 1985 passaram a ter 2.480 e 670 ha, respectivamente, acarretando ambos uma diminuição de 6.817 ha plantados.

Perdas com índices menores, no entanto, significativas, tiveram o arroz, algodão e milho. Sobre as duas primeiras culturas verificou-se gradativa retração no período (1970/85) de 2.694 ha para o algodão e 2.372 ha para o arroz. Já o caso do milho é diferente, visto ser a terceira cultura mais representativa na região (31.000 ha), sua oscilação acaba por ser frequente, ora ultrapassando essa média, ora diminuindo, porém não sofrendo profundas alterações (devido grande criação de aves no município de Descalvado).

Se fizéssemos um gráfico colocando apenas as culturas de subsistências, veríamos uma curva ascendente no período 1970/75, essa curva permaneceria constante no período entre 1975 a 1980, representando estabilidade na área de plantio; no terceiro período (1980/85) a curva decresceria a níveis inferiores aos de 1970.

Restando ainda a análise das áreas de matas e pastagens do período global de 15 (quinze) anos. Verificamos que ambas sofreram redução de 303.168 ha, dando margem para que cheguemos a seguinte observação: o avanço das culturas de exportação na região canavieira de Araraquara ocorreu mais em substituição às áreas de pastagens e matas, do que nas áreas de culturas de subsistência, cujas dimensões já eram reduziíísimas em 1970 e, durante o período analisado tiveram uma perda não superior a 12.000 ha.

Observando a agricultura brasileira, percebemos uma dolorosa modernização em alguns produtos específicos, dando mostra de um "capitalismo de fachada", que

pode ser resumido em alguns grandes empreendimentos, na sua maior parte sustentados artificialmente pelos subsídios esta tais diretos (álcool, trigo, incentivos fiscais) e indiretos (crédito rural, facilidades para abatimento no imposto de ren da), ficando patente uma modernização induzida através de pe sados custos sociais e que só vinga pelo amparo do Estado(SIL VA, 1982; 40/66).

As alterações ocorridas especi- ficamente na região canavieira de Araraquara, coincidem com as de BRAY (1985), em sua recente pesquisa realizada na região canavieira de Catanduva (SP), na qual o mesmo conclui que na região estudada, a cana-de-açúcar, a citricultura e cafeicul- tura, têm tomado o espaço das áreas de pastagens e que as cul- turas alimentícias sofreram retração, muito mais explicada pe- ^{- PROGRAMA BASICO -} la falta de apoio governamental (estímulos e programas de apoio). O referido autor ressalta ainda, que o espaço destina- do para as culturas alimentícias era muito pouco expressivo na região de Catanduva, diminuindo inda mais pós 1970, ao passo que a canavicultura e a citricultura tiveram aumentos expressivos (BRAY, 1985; 120/1).

2.4. O processo de expansão dos monopólios canavieiros.

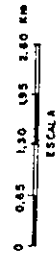
Através das análises realizadas sobre a dinâmica do crescimento verificado nas agro-indústrias da região canavieira de Araraquara, existem dois mecanismos pelos quais a expansão se efetuou. O primeiro modo predominou num período que podemos classificá-lo como sendo anterior ao Programa Nacional do Alcool. O princípio do mecanismo consistia em pressionar os pequenos produtores a deixarem suas terras, sendo inúmeras as formas usadas. Fortemente amparados pela atual política de crédito, os usineiros têm partido para uma aquisição sistemática das terras vizinhas às suas propriedades originais. Todavia, o elevado preço das terras não chega a ser um grande problema, dada a possibilidade que o usineiro têm de desviar parte dos financiamentos recebidos para a sua aquisição.... a única opção que resta aos pequenos produtores, ilhados no meio dos canaviais das usinas, é vender suas terras, aproveitando os preços altos e comprar maiores extensões em regiões mais distantes (SILVA, 1982; 85/6).

Podemos exemplificar o mecanismo observado acima, através de nosso exemplo sobre a Usina Maringá (FIGURA 12), que obteve crescimento no período anterior a 1970 em seus arredores, direção Norte/Nordeste e Sul, apresentando uma distância máxima da Usina de 23 (vinte e três) quilômetros.

A partir de 1970 com o Programa de Racionalização e, posteriormente, com o Programa Nacional do Alcool, as usinas iniciaram uma busca constante de novas propriedades agrícolas, começando a disputá-las com vários outros grupos usineiros da região ou também com representantes

USINA MARINGÁ S/A
COMPLEXO AGRO-INDUSTRIAL

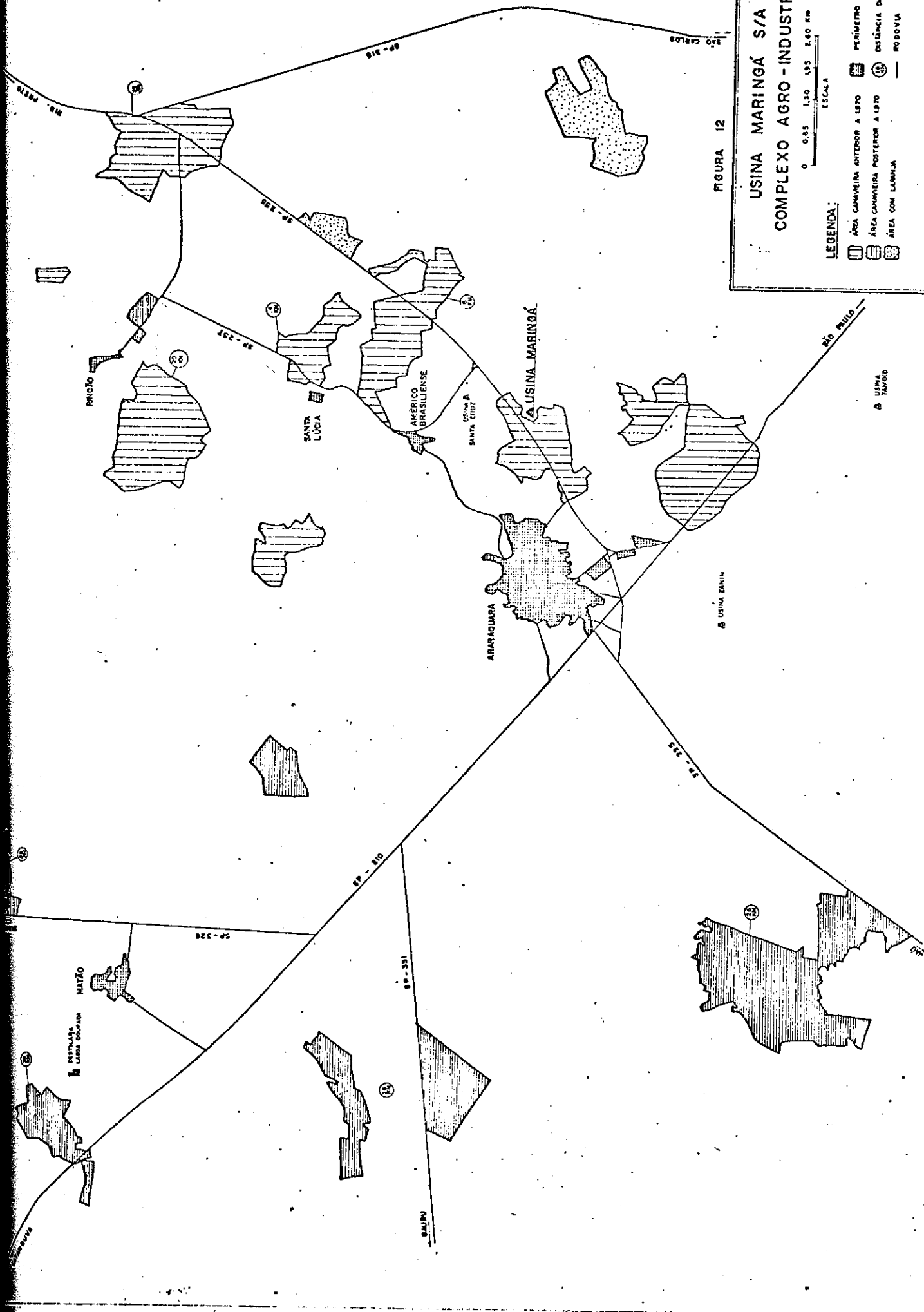
FIGURA 12



LEGENDA:

- ÁREA CAMBIEIRA ANTERIOR A USO
- PERÍMETRO URBANO
- ÁREA CAMBIEIRA POSTERIOR A USO
- DISTÂNCIA DA USINA
- RODOVIA

DESE. ENGEN. ENVIARETI



das indústrias cítricas, fazendo com que a elevação e valorização das terras fosse uma constante.

Se de um lado, a intervenção do Estado na agricultura, tanto no que se refere a instrumentos mais específicos como crédito ou subsídios, quanto às políticas de caráter mais geral, evoluiu no sentido de seu crescimento acelerado, por força das próprias necessidades da acumulação, de outro, o apoio seletivo é o que define a intervenção oficial na agricultura. Através disso são selecionados os produtos e os produtores, isto é, as condições técnicas e sociais em que se realiza a produção e seu incremento... a seletividade dos financiamentos e subsídios torna-se evidente quando, por exemplo, o Sistema Nacional de Crédito Rural - incluindo todos os bancos privados e oficiais atinge apenas de 10 a 20% dos produtores agrícolas. Segundo levantamentos do Banco do Brasil, 80% dos produtores brasileiros trabalham sem crédito governamental. Entre os 20% que o usam, entretanto, a distribuição é muito desigual. Em 1976, ano da última estatística disponível no Banco do Brasil, dos 83% dos contratos receberam 18% dos recursos totais do crédito agrícola, apenas 1% dos contratos absorvia 39% (CORADINI, 1981; 49/50).

O segundo modo de crescimento dos grupos canavieiros vem ocorrendo pós 1970. Surge, quando os grupos acionistas das usinas passam a adquirir novas terras usando dois critérios básicos: proximidade de rodovias pavimentadas, permitindo o transporte da cana por caminhões pesados; e prioridade por terrenos planos, facilitando a mecanização intensiva (N).

(N). Sobre o assunto ver FERREIRA (1983), quando é tratado o caso de expansão da Usina São João, Município de Araras(SP)

Neste sentido a empresa pode efetuar imediatamente a compra da propriedade, dependendo da sua disponibilidade de capital, ou então, formalizar contrato de parceria agrícola por um período de 5 (cinco) anos safras e ao término deste, efetuará a transação (ANEXO 04).

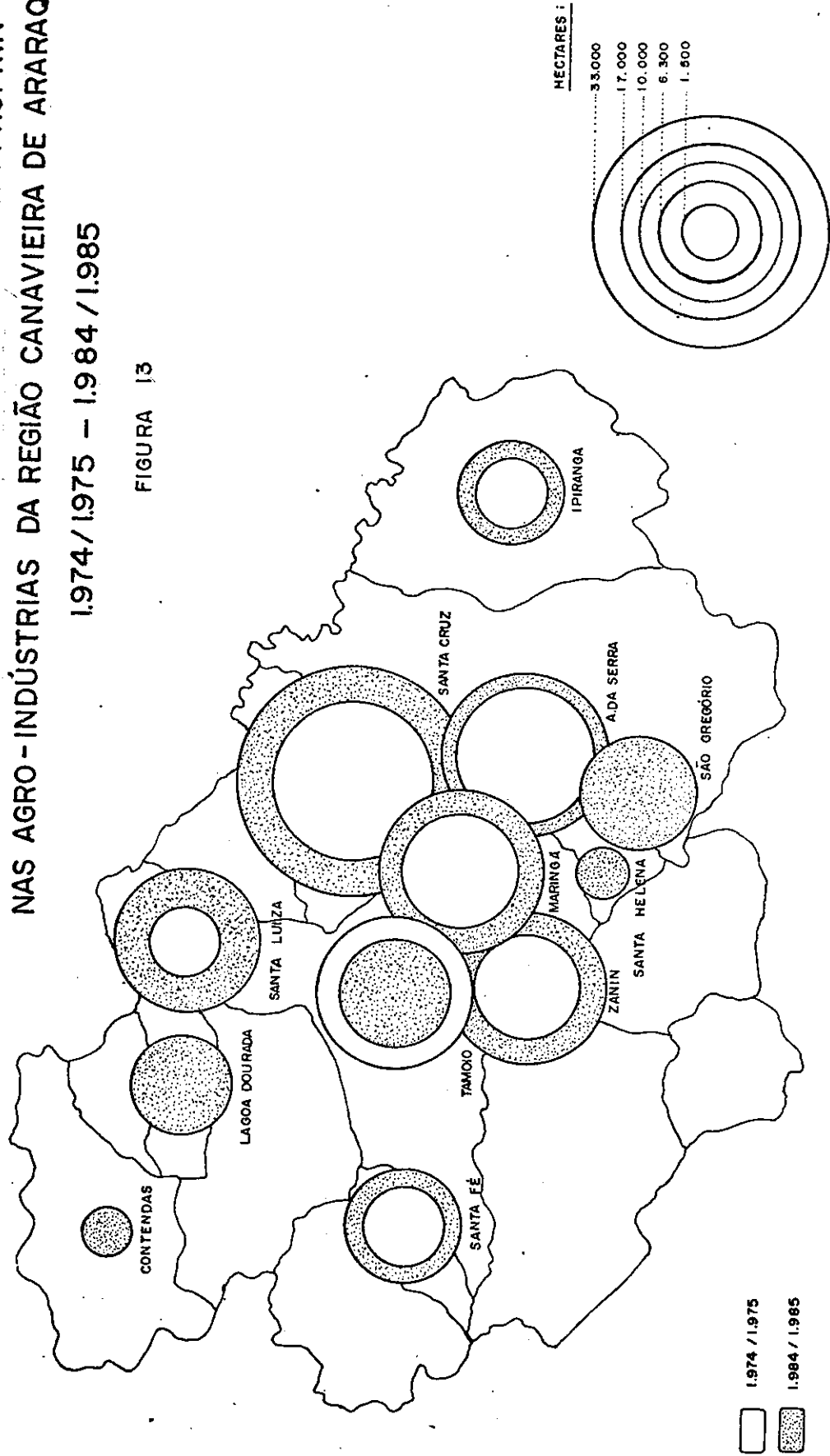
Com esse instrumento da política de modernização ^{criadas} ^{as} criadas com ações para que o proprietário de terras assuma também, embora muitas vezes de forma parcial, o papel do "repassador", dada a facilidade que tem de dispor de dinheiro a baixo custo. Todavia, as avaliações realizadas sobre a política de crédito rural enquanto instrumento de modernização, indicam que parte desses recursos foram investidos pelas grandes propriedades em reserva de valor, principalmente na compra de mais terras (SILVA, 1982; 39).

Voltando ao nosso exemplo da Usina Maringá (Araraquara), a empresa adquiriu propriedades em distâncias superiores a 40 Km da sua sede, nas proximidades das rodovias SP-255-310-331 e 326. Porém, concomitantemente os usineiros passam a trabalhar com o valor médio do deslocamento, estabelecendo que as grandes distâncias são compensadas pelas pequenas (FIGURA 12).

Analisada a expansão da canavieira num período de 10 (dez) anos/safras (FIGURA 13), correspondente aos dez primeiros anos após a implantação do Pró-álccol no país, verifica-se uma grande expansão em áreas pertencentes às usinas e destilarias na região canavieira de Araraquara. Os grandes grupos canavieiros, em média, dobraram a sua área cultivada neste período, p.e., a Usina Santa Cruz passou de 16.014 ha para 33.312 ha; Açucareira da Serra, de 10.239 ha para 17.318 ha; Maringá, de 8.674 ha para 15.086 ha

EXPANSÃO DA ÁREA PLANTADA COM CANA PRÓPRIA
 NAS AGRO-INDÚSTRIAS DA REGIÃO CANAVEIEIRA DE ARARAQUARA
 1.974/1.975 - 1.984/1.985

FIGURA 13



Zanin, de 6.703 ha para 14.213 ha; Santa Luiza, de 3.154 para 12.550 ha (proporcionalmente o grupo de maior crescimento) ; Santa Fé, de 4.022 ha para 8.275 ha; e Ipiranga, de 3.212 ha para 6.630 ha. Merece destaque a Usina Tamoio, que devido às suas dificuldades empresariais foi o único grupo com área plantada em retração - de 14.288 ha para 7.111 ha no mesmo período. No caso das novas destilarias, pelo fato de suas atividades serem bastante recentes, não foi possível obtermos o parâmetro de crescimento, ficando registrado apenas a área atual.

A estratégia da modernização conservadora tem por objetivo o aumento da produção e da produtividade agropecuária mediante a renovação tecnológica, i.e., a utilização de métodos, técnicas, equipamentos e insumos, sem que seja trocada ou grandemente alterada a estrutura agrária. Essa orientação está voltada para a viabilização e implantação da empresa rural capitalista no campo... esta opção, se enquadra perfeitamente no chamado "modelo econômico brasileiro", capitalista, associado, dependente, concentrador, exportador e excluyente. O mais grave da opção por este caminho é o fato de que agora ela se ajusta também à estratégia agrícola mundial liderada pelo complexo agro-industrial (BRUM, 1983; 79/80).

2.5. A ampliação do rendimento industrial.

Nesta última etapa do capítulo-modernização da canavicultura na região canavieira de Araraquara - apresentamos, como um dos mais importantes índices o Rendimento Industrial (RI). A comparação também foi feita entre as safras de 1974/75 e 1984/85, abrangendo as 8 (oito) usinas (destilarias anexas) e as 3 (três) destilarias autônomas da região. Os dados referentes às destilarias autônomas passam a ser trabalhados na safra 1984/85, pois a maioria das destilarias autônomas tiveram sua fundação após 1980; também existe o caso da Usina Tamoio S/A (Araraquara), cujos dados vão aparecer apenas na safra de 1974/75, por motivos de falência empresarial.

O Rendimento Industrial é a maneira de se obter o desempenho médio de uma agro-indústria canavieira no decorrer de uma safra. É, portanto, a melhor maneira de se saber se a agro-indústria vem conseguindo retirar uma quantidade maior de açúcar da cana. Em outras palavras, o processo consiste em transformar os três subprodutos da cana (açúcar, álcool e mel residual), em um único índice - o açúcar -, para obtermos - quilos de açúcar por toneladas de cana esmagada (N).

(N). Uma infinidade de variáveis influenciam o Rendimento Industrial, segundo RAMOS (1983) temos -"quanto aos aspectos industriais lembram que o rendimento industrial é afetado por: a) Fatores qualitativos-entre os quais cabe destacar: 1) declínio das variedades (diminuindo a resistência a moléstia, o que a faz ter menor teor de sacarose, novas pragas); 2) sistema de corte, carregamento e transporte (distância e volume podem fazer ultrapassar o período crítico de 48 (quarenta e oito) horas entre o corte e a extração); 3) queima do canavial (perda de açúcares por exudação tanto no campo como no processo de lavagem). b) Fatores Quantitativos: 1) efeito da mecanização agrícola (agrega materiais estranhos à industrialização, o que eleva o peso e cria problemas no processamento); 2) composição da produção industrial (usos diversos do caldo extraído, o que obriga (cont...))

Em relação à fórmula empregada para encontrarmos o rendimento industrial, seguimos a orientação de RUAS & GEMENTE (1984), que desenvolveram estudos para todas as regiões canavieiras do Estado de São Paulo.

$$A + \frac{L - R \times A}{R P} \times 1.000$$

$$RI - \frac{\quad}{C}$$

onde:

RI - Rendimento Industrial, em quilos de açúcar por t./cana;

A - Toneladas de açúcar produzidos;

L - Litros de álcool produzidos;

R - Quantidade de álcool residual, em litros por t./açúcar;

(R- constante - 116,67)

RP - Relação de paridade técnica entre o açúcar e o álcool, em litros de álcool por t./açúcar (RP- constante 679).

C - Toneladas de cana esmagada.

Sobre a fórmula, acreditamos me recer detalhes especiais os seguintes fatores:

R - álcool residual que sobra da fabricação do açúcar, ou me lhor dizendo, o restante da garapa que não se transformou

transformações); 3) extensão da safra (quanto maior o período de moagem mais difícil se torna a integração momento/melhor de corte e moagem.

Quanto aos aspectos agrícolas os autores falam dos "Fatores de caráter natural", entre os quais mencionam: a) fatores edafo-climáticos; b) sistema de pesquisa e desenvolvimento (pesquisa básica, de manutenção e de práticas culturais); c) técnicas de produção - (formação de viveiros, manejo dos canaviais, adubação, tratos, preparo do silo e plantio). É interessante notar que os autores incluem nos fatores agrícolas um item que denominam de "processamento", referente a perdas na extração, tratamento do caldo, leveduras selecionadas, dimensionamento inadequado dos canaviais, má conservação das estradas vicinais, várias frentes de trabalho, tudo contribuindo para a inversão da sacarose e infecção. Como se vê, torna-se até complicado querer separar entre si aspectos agrícolas e industriais. Essas considerações também revelam o quanto influi no rendimento industrial a tecnologia empregada".

em açúcar, é reaproveitado na fabricação do álcool (recuperando-se 116,67 litros de álcool por tonelada de açúcar produzido);

RP- relação de paridade entre açúcar e álcool, ou seja, uma tonelada de açúcar equivale a 679 litros de álcool.

Em termos de rendimento industrial levamos em consideração a produção, tanto de açúcar como de álcool, tendo sido, estes dois produtos, transformados em equivalente açúcar cristal "standart", de acordo com a relação oficial de paridade técnica entre ambos - consideramos uma produção de 40.74 litros de álcool para cada saco de 60 quilos de açúcar, e uma produção de 7 (sete) litros de álcool residual por saco de 60 quilos de açúcar (RUAS & GEMENTE, 1984; 31).

Para obtermos o rendimento industrial na região canavieira de Araraquara, nas safras de 1974/75 e 1984/85, necessitamos de dados que nos possibilitem fazer comparação entre os períodos. Os dados são apresentados por unidades agro-industriais, referindo-se a cana esmagada (toneladas), produção de açúcar (sacos de 60 Kg) e produção de álcool (1.000 litros) - (TABELA 11).

Os resultados obtidos são verdadeiramente expressivos: entre as 8 (oito) usinas e 3 (três) destilarias autônomas da região (tínhamos em 1974/75, apenas as usinas em funcionamento), obtivemos RI de 97,2 Kg de açúcar por t. de cana esmagada, enquanto o índice do Estado de São Paulo foi de 94,98 Kg de açúcar por tonelada de cana esmagada (TABELA 12).

As usinas que mais se destacaram acima do RI regional (97,2 Kg), foram: Tamoio (109,0 Kg), San

DADOS PARA SE OBTER O RENDIMENTO INDUSTRIAL DAS AGRO-INDÚSTRIAS
DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

1974/75 A 1984/85

TABELA II

| USINAS / DESTILARIAS | CANA MOÍDA (t) | | AÇÚCAR SACA 60 kg | | ÁLCOOL (1000 l) | |
|----------------------|------------------|-------------|-------------------|------------|-----------------|-----------|
| | 1974 / 75 | 1984 / 85 | 1974 / 75 | 1984 / 85 | 1974 / 75 | 1984 / 85 |
| TAMOIO | 860.933,9 | — | 1.605.822 | — | 9.592 | — |
| ZANIN | 276.889,6 | 1.034.680 | 445.525 | 920.833 | 2.718 | 43.660 |
| SANTA FÉ | 206.977,8 | 579.259 | 300.011 | 346.250 | 1.456 | 30.021 |
| SANTA CRUZ | 707.053,2 | 2.314.804 | 1.285.094 | 2.116.666 | 6.747 | 105.740 |
| SANTA LUIZA | 125.715,2 | 859.223 | 200.480 | 917.450 | — | 33.005 |
| MARINGÁ | 347.823,3 | 1.056.765 | 596.260 | 655.783 | 5.800 | 61.028 |
| DA SERRA | 700.949,2 | 1.075.156 | 1.080.964 | 1.083.650 | 9.145 | 37.700 |
| IPIRANGA | 155.625,3 | 297.088 | 242.373 | 200.000 | 1.781 | 16.890 |
| SÃO GREGÓRIO | — | 432.294 | — | — | — | 40.960 |
| CONTENDAS | — | 134.970 | — | — | — | 9.900 |
| SANTA HELENA | — | — | — | — | — | 2.440 |
| LAGOA DOURADA | — | 435.694 | — | — | — | 30.960 |
| TOTAL DA REGIÃO | 3.381.967,5 | 8.219.936 | 2.068.873 | 6.240.632 | 37.239 | 412.304 |
| TOTAL - SP | 34.982.708 | 111.887.030 | 40.755.397 | 68.425.383 | 401.862 | 6.074.029 |

FONTE : PLANAL SUCAR.

COMPARAÇÃO DO RENDIMENTO INDUSTRIAL DAS
AGRO-INDÚSTRIAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA
COM O ÍNDICE DO ESTADO DE SÃO PAULO

1974/75 A 1984/85

TABELA 12

| USINAS/DESTILARIAS | 1974/75 | 1984/85 | VARIAÇÃO |
|----------------------------|---------|---------|----------|
| TAMOIO | 109,0 | — | — |
| ZANIN | 96,5 | 105,4 | + 8,9 |
| SANTA FÉ | 86,9 | 103,7 | +16,8 |
| SANTA CRUZ | 106,2 | 112,7 | + 6,5 |
| SANTA LUIZA | 93,1 | 107,1 | +14,0 |
| MARINGÁ | 100,1 | 112,5 | +12,4 |
| DA SERRA | 92,5 | 100,1 | + 7,6 |
| IPIRANGA | 93,4 | 102,1 | + 8,7 |
| SÃO GREGÓRIO | — | 108,5 | — |
| CONTENDAS | — | 111,1 | — |
| SANTA HELENA | — | — | — |
| LAGOA DOURADA | — | 103,6 | — |
| RENDIMENTO INDUSTRIAL(RCA) | 97,2 | 106,7 | + 9,5 |
| RENDIMENTO INDUSTRIAL(SP) | 94,9 | 103,6 | + 8,7 |

FONTE : PLANALSUCAR.

ta Cruz (106,2 Kg) e Maringá (100,1 Kg).

Já na safra de 1984/85, entraram em atividade as 3 (três) destilarias autônomas da região, associando-se a grande melhoria técnica propiciada pelo Programa Nacional do Alcool, não apenas restringindo-se às destilarias autônomas, mas abrangendo as destilarias anexas.

Passamos a ter o RI regional em 1984/85 de 106,7 Kg, superior ao RI do Estado, que na época havia sido de 103,6 Kg. A região canavieira de Araraquara também cresceu proporcionalmente mais que o Estado nos 10 (dez) anos analisados, visto que obteve crescimento de 9,5 Kg, passando de 97,2 para 106,7 Kg ao passo que o Estado de São Paulo a variação foi de 8,7 Kg, passando de 94,9 para 103,6 Kg.

Sobre as três destilarias anexas que tiveram um RI superior ao da região na safra 1974/75 (Tamoio, Santa Cruz e Maringá), temos em 1984/85 5 (cinco) agro-indústrias a conseguir realizar esse feito. Superior ao RI regional (106,7 Kg) temos as usinas: Santa Cruz (112,7 Kg), Maringá (112,5 Kg) e Santa Luiza (107, 1 Kg); contando ainda com mais duas destilarias autônomas, Contendas (111,1 Kg) e São Gregório (108,5 Kg).

Entre as agro-indústrias de melhor aprimoramento técnico no período estudado, temos a Usina Santa Fé, com variação positiva de 16,8 Kg de açúcar por tonelada de cana; Santa Luiza, com 14,0 Kg e Maringá com 12,4Kg/açúcar/tonelada (TABELA 12).

Para finalizar, gostaríamos de situar a região canavieira de entre as demais regiões canavieiras do Estado de São Paulo. Segundo o trabalho de RUAS & GEMENTE (1984), realizando o estudo sobre o rendimento

to industrial nas várias regiões canavieiras do Estado, no período de 1977/78 e 1982/83, a região de Araraquara teve um RI médio no período de 98,79 Kg, ficando na terceira posição do Estado, superada apenas pela região canavieira de Ribeirão Preto (RI - 101,65 Kg) e pela região canavieira de Jau (RI-99,67 Kg) (RUAS & GEMENTE, 1984; 41/42/43).

CAPÍTULO TRÊS

3. O PROGRAMA NACIONAL DO ÁLCOOL

3.1. A primeira fase da implantação do Proálcool
(1915-1979)

3.2. A segunda fase da implantação do Proálcool
(1980-1985)

3.3. A evolução da produção alcooleira na região
canavieira de Araraquara.

3. O PROGRAMA NACIONAL DO ÁLCOOL

Juntamente à política de exportação de açúcar, a década de 70 foi marcada pela política de apoio à produção do álcool anidro carburante, decorrente da conjuntura petrolífera mundial e do malogro da produção brasileira de açúcar. Em 14 de novembro de 1975 foi criado o Programa Nacional do Álcool, pelo Decreto lei nº 76.593, visando expandir a produção de álcool, através da implantação de destilarias que utilizassem a cana-de-açúcar, mandioca e outros vegetais como matéria-prima; promover a gradativa mistura de 20% de álcool para a indústria química, em substituição aos derivados de petróleo e carvão (ANDRADE, 1981; 80).

A crise açucareira e a energética, a partir de 1973, em consequência da elevação do preço do petróleo, levaram usineiros paulistas - através do Sindicato da Indústria de Fabricação do Álcool no Estado de São Paulo (SIFAESP) e a Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de São paulo (COPERSUCAR) - a proporem ao Governo Federal aumento da produção alcooleira para mistura carburante e aproveitar a capacidade ociosa instalada nas destilarias anexas. A ociosidade das destilarias anexas em São Paulo na safra 1973/74 era de 400 milhões de litros de álcool, correspondendo a 90% da capacidade ociosa das destilarias existentes no país (BRAY, 1983; 07).

Nessa conjuntura, as pressões dos grupos usineiros tradicionais - em face à crise que adentrava no sub-setor - juntamente com os interesses dos fabricantes de equipamentos industriais do ramo, e reforçados pela integração da indústria automobilística, levaram o Governo Fede

ral a fundar o Programa Nacional do Álcool (PNA) no final de
1975.

3.1. A primeira fase da implantação do Proálcool (1975-1979).

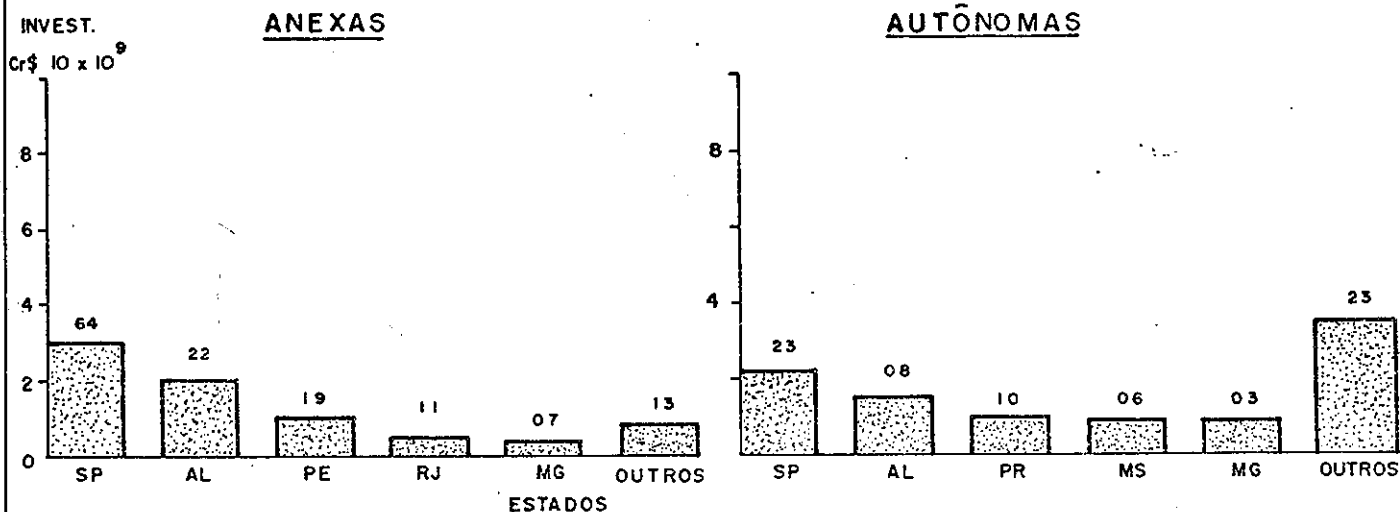
Com a criação do Programa Nacional do Alcool procurou-se resolver o problema do usineiro, bem como dos fabricantes de equipamentos industriais do ramo, dando início no final de 1975 ao processo de implantação de novas destilarias anexas e autônomas no Estado. Sobre o assunto RAMOS (1983;232) diz: "O que queremos dizer é que um plano de implicações tão importante na economia brasileira acabou sendo para atender especialmente os interesses dos grandes produtores do sub-setor em estudo (usineiros e produtores de equipamentos 'tradicionais') e, por isso mesmo, enquanto não fossem equacionados os problemas decorrentes dos interesses de outros setores envolvidos (exemplo da indústria automobilística, que demorou muito para se integrar), aquele plano não se firmaria efetivamente".

A partir de 1976, o álcool anidro carburante deixou de ser apenas um subproduto do açúcar, passando a ocorrer intensificação de seu fabrico diretamente da cana-de-açúcar. Nesta fase inicial do PNA, o Estado de São Paulo recebeu em torno de 30% do total dos financiamentos destinados aos demais Estados da Federação, como também as destilarias anexas às usinas tradicionais do açúcar e álcool, receberam mais investimentos do que as novas destilarias autônomas. Esse fato, pode ser explicado através da infra-estrutura existente nas tradicionais usinas paulistas no fabrico do álcool e quanto ao problema da crise que atingiu o sub-setor (BRAY, 1983; 09) (FIGURA 14).

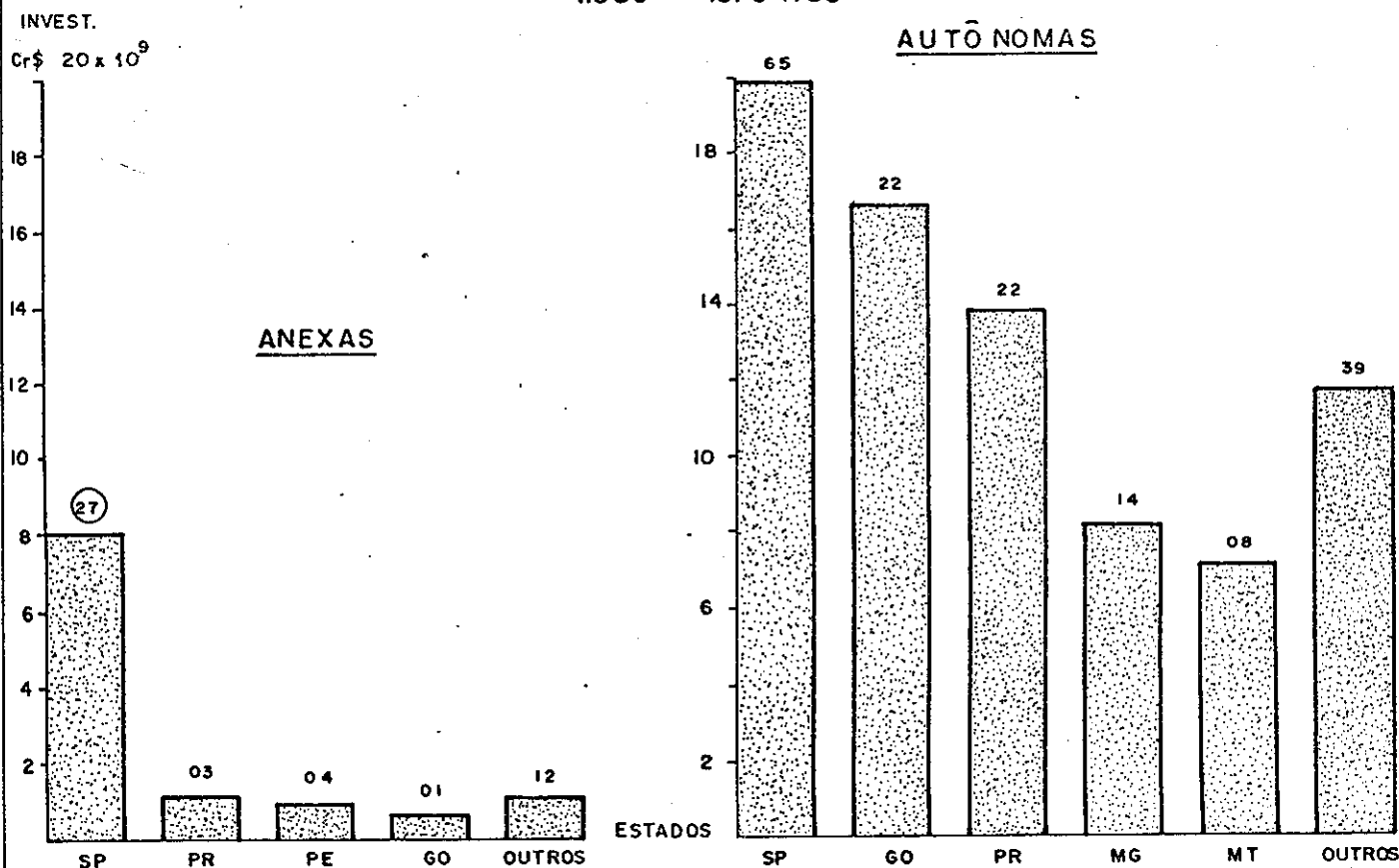
Na FIGURA 14, na primeira fase (1975/1979) percebemos claramente os maiores investimentos nos

FINANCIAMENTOS E O NÚMERO DE DESTILARIAS ANEXAS E AUTÔNOMAS APROVADOS ATRAVÉS DA COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL DO ALCOOL
 FIGURA 14

1ª FASE
 1975 - 1979



2ª FASE
 1.980 - 18/04/83



27 - NÚMERO DE DESTILARIAS

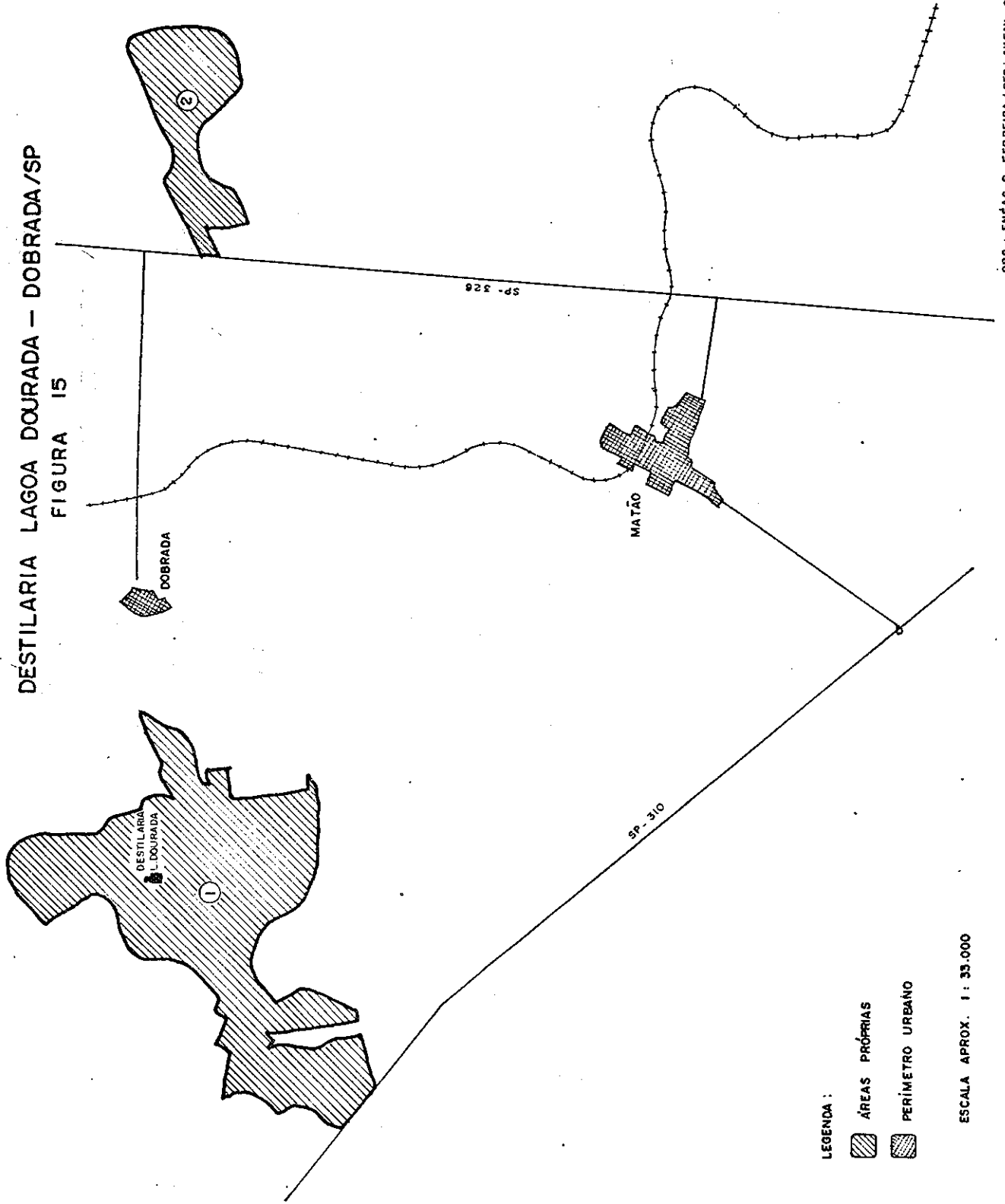
Estados de grande tradição canavieira (SP, AL, PE e RJ), notadamente receberam investimentos em destilarias anexas aos grandes grupos agro-industriais, confirmando a tendência protecionista do Plano Nacional do Alcool. Em relação às destilarias autônomas (1ª fase) os dois maiores produtores nacionais aparecem como grandes beneficiários (SP e AL), havendo certa alternância nos Estados seguintes, diminuindo a participação de Pernambuco e Rio de Janeiro e ampliando a participação do Paraná e Mato Grosso do Sul.

Na primeira fase do Proálcool a estimativa era atingir a produção nacional de 3,0 bilhões de litros/álcool; na segunda fase (1980/85) a meta estipulada foi para 10,7 bilhões de litros/álcool), o equivalente a 170 mil barris de petróleo/dia.

A primeira destilaria autônoma a se instalar na região canavieira de Araraquara foi a Lagoa Dourada S/A Alcool e Derivados, município de Dobrada, em 24 de setembro de 1979 (final da primeira fase do Proálcool). Proprietários vindos de Rio das Pedras (região canavieira de Piracicaba-SP), a família Miori já possuía profundo conhecimento do meio canavieiro, visto serem diretores da Riopedrense S/A Agro-Pastoril, engarrafadora do aguardante de mesmo nome, além de participarem da direção da APEAGESP (Associação Profissional dos Engarrafadores de Aguardente do Estado de São Paulo), em Piracicaba (FIGURA 15).

Do capital inicial de Cr\$ 8.000.000 em 1979, atingiram, em 1984 Cr\$ 60.000.000, mas pretendem ampliar essa soma para Cr\$ 1.042.913.868, afim de modernizarem a destilaria, adquirirem maquinários e novas propriedades, que atualmente perfazem 4.864,80 ha; além de disporem de 1.642,70

DESTILARIA LAGOA DOURADA - DOBRADA/SP
FIGURA 15



LEGENDA :

- ÁREAS PRÓPRIAS
- PERÍMETRO URBANO

ESCALA APROX. 1 : 35.000

ha de propriedades arrendadas nos municípios de Dobrada, Matão, Taquaritinga e Itápolis.

No final da década de 70 (TABELA 13), apresentaram-se muitas modificações na região canavieira de Araraquara, havendo na produção açucareira predomínio nos primeiros cinco anos safras, referentes ao grande volume-produção endereçado ao mercado exterior, existindo um rendimento constante nos últimos cinco anos safras da década. No que tange à produção alcooleira, a região de Araraquara apresentava a mesma produção da década passada até a safra 1976/77 (51.274.000 litros), entretanto, a partir do Proálcool a produção elevar-se-ia continuamente, findando o período com 228.974.000 litros/ano. As Grandes modificações no setor agro-industrial foi o direcionamento da Usina Santa Luiza (Motuca-Araraquara) para a produção efetiva de álcool, a implantação da destilaria autônoma Lagoa Dourada e a ampliação das demais destilarias anexas. (TABELA 14).

PRODUÇÃO AÇUCAREIRA DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA
DECÊNIO DE 70 - SACAS DE 60 KG.

TABELA 13

| USINAS | 71/72 | 72/73 | 73/74 | 74/75 | 75/76 | 76/77 | 77/78 | 78/79 | 79/80 | 80/81 | PRC MÉC |
|-----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|
| AÇ da SERRA | 777.637 | 777.363 | 1.115.020 | 1.080.964 | 895.420 | 869.682 | 1.000.690 | 920.500 | 1.005.516 | 1.005.833 | 94,4 |
| IPIRANGA | 200.000 | 211.758 | 272.159 | 242.373 | 259.700 | 342.370 | 404.011 | 217.255 | 175.033 | 174.133 | 23,2 |
| MARIA IZABEL | 157.854 | 13.134 | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| MARINGÁ | 473.315 | 676.751 | 651.447 | 596.260 | 503.992 | 718.590 | 951.825 | 805.463 | 427.367 | 714.950 | 65,1 |
| SANTA CRUZ | 615.665 | 1.049.714 | 1.491.570 | 1.285.094 | 1.197.400 | 1.541.750 | 1.905.035 | 1.470.000 | 1.350.583 | 1.800.250 | 1.370 |
| SANTA ERNESTINA | 208.422 | 220.676 | 386.860 | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| SANTA FÉ * | 205.319 | 217.391 | 317.229 | 300.011 | 286.641 | 393.482 | 430.000 | 377.627 | 237.550 | 309.500 | 30,7 |
| SANTA LUIZA | 200.021 | 211.758 | 254.266 | 200.480 | 252.215 | 231.134 | 331.770 | 353.000 | 537.000 | 743.150 | 33 |
| TAMOIO | 1.321.370 | 1.485.571 | 1.650.670 | 1.605.822 | 1.382.602 | 1.414.470 | 1.673.437 | 1.300.000 | 1.039.600 | 1.069.417 | 1.39 |
| ZANIN | 237.937 | 351.962 | 458.120 | 445.525 | 429.220 | 572.035 | 940.600 | 671.600 | 589.667 | 951.333 | 56 |
| TOTAL | 4.397.540 | 5.216.078 | 6.597.341 | 5.756.529 | 5.207.190 | 6.083.513 | 7.637.368 | 6.115.445 | 5.362.316 | 6.768.566 | --- |

FONTE: IAA e USINAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA * SANTA FÉ - EX-USINA ITAQUERÊ.

PRODUÇÃO ALCOOLEIRA DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

DECÊNIO DE 70 - 1.000 LITROS

TABELA 14

| DESTILARIAS | 71/72 | 72/73 | 73/74 | 74/75 | 75/76 | 76/77 | 77/78 | 78/79 | 79/80 | 80/81 | PROJ MÉD |
|---------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|-------------|
| AÇ. da SERRA | 19.360 | 17.018 | 11.305 | 9.145 | 9.169 | 9.861 | 14.640 | 18.786 | 23.153 | 21.000 | 15.3 |
| IPIRANGA | 2.280 | 2.105 | 2.613 | 1.781 | 1.791 | 1.820 | 2.587 | 9.091 | 12.962 | 13.400 | 5.0 |
| LAGOA DOURADA | — | — | — | — | — | — | — | — | 3.318 | 9.115 | 1.0 |
| MARINGÁ | 8.213 | 10.122 | 7.434 | 5.800 | 5.326 | 8.681 | 27.031 | 32.054 | 43.268 | 34.889 | 18. |
| SANTA CRUZ | 13.617 | 14.379 | 10.575 | 6.747 | 9.871 | 12.760 | 32.637 | 63.633 | 72.000 | 66.000 | 30. |
| SANTA FÉ * | 3.487 | 4.561 | 3.248 | 1.456 | 878 | 3.117 | 6.143 | 8.005 | 19.218 | 23.011 | 7.0 |
| SANTA LUIZA | 206 | — | — | — | — | — | 7.547 | 20.304 | 22.847 | 22.506 | 7.3 |
| TAMOIO | 9.110 | 11.210 | 27.524 | 9.592 | 10.118 | 11.390 | 23.340 | 18.870 | 16.580 | 15.393 | 15.3 |
| ZANIN | 3.450 | 3.535 | 2.822 | 2.718 | 2.605 | 3.645 | 10.700 | 18.750 | 27.400 | 23.660 | 9.9 |
| TOTAL | 59.723 | 62.930 | 65.521 | 37.239 | 39.758 | 51.274 | 124.625 | 189.493 | 240.746 | 228.974 | |

FONTE : IAAE DESTILARIA DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA .

* SANTA FÉ - EX-DESTILARIA ITAQUERÊ.

3.2. A segunda fase de implantação do Proálcool (1980-1985)

Com o segundo choque do petróleo em 1979, o preço do barril passou de US\$ 12 para US\$ 18. A partir desse contexto, a Comissão Executiva Nacional do Álcool (CENAL) traçou o objetivo de quadruplicar a produção de álcool até 1985, estabelecendo a segunda fase do PNA.

Dentro desse novo contexto, o Estado de São Paulo parte para a expansão da agricultura em seu domínio, através do PROESTE (PROCANA).

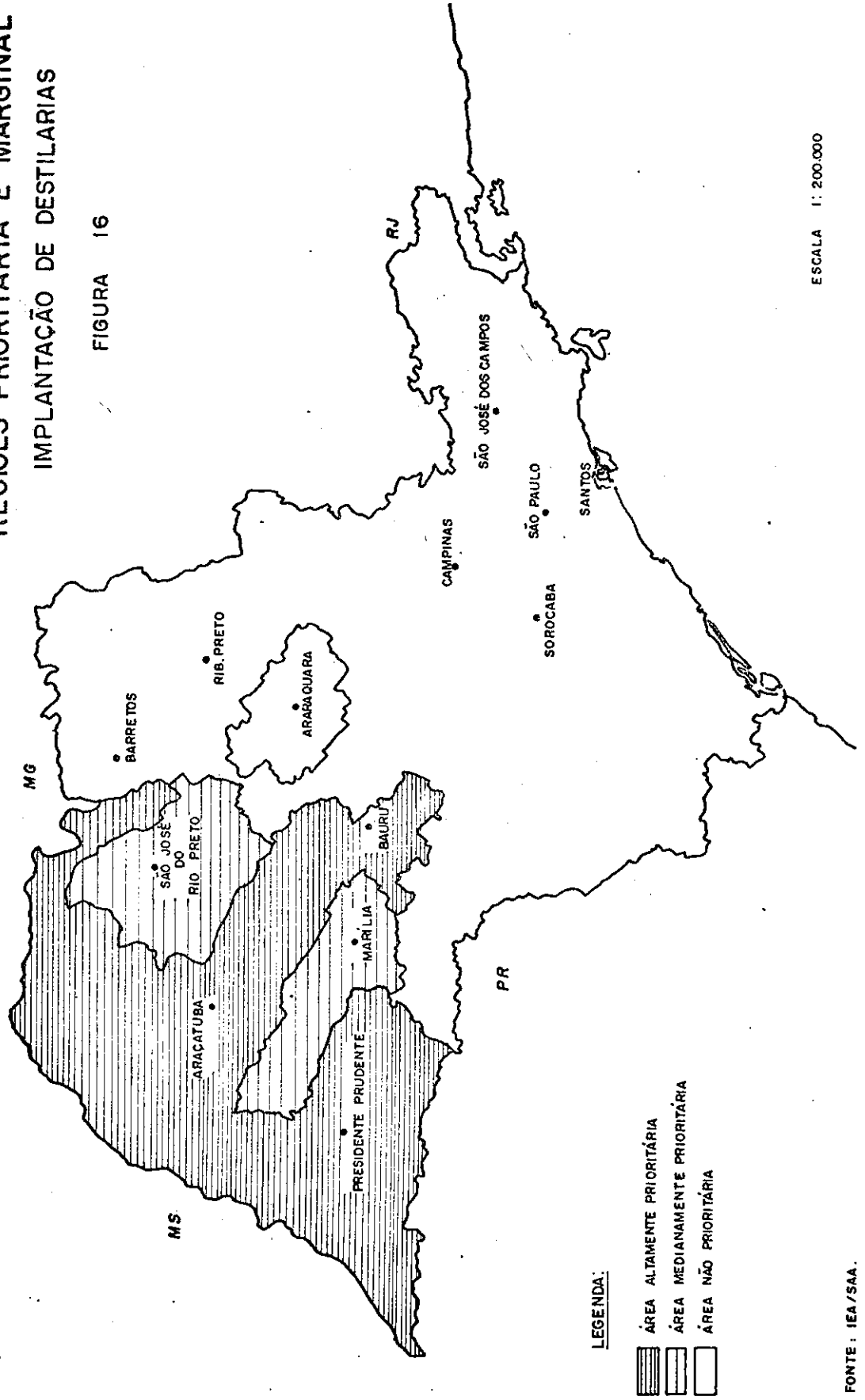
O Programa denominado "Bases Para um Plano de Desenvolvimento do Oeste do Estado de São Paulo - PRO-OESTE", desenvolvido pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento, procurou deslocar os recursos do CENAL para o Oeste do Estado de São Paulo (PROCANA), tendo como meta alcançar "o equilíbrio econômico regional".

Assim sendo, podemos perceber através da **FIGURA 16.**, as áreas do Oeste Paulista com prioridade máxima (regiões de Presidente Prudente, Araçatuba e Bauru); com média prioridade (regiões de São José do Rio Preto e Marília), ficando o restante do Estado, área totalmente não prioritária (incluindo a região de Araraquara). Em outras palavras isto quer dizer, que todos os projetos de novas destilarias ou ampliação das já existentes, localizadas na região altamente prioritária seriam imediatamente aprovados; na região medianamente prioritária, aprovados dependendo de estudo; quanto ao restante do Estado, os projetos dificilmente seriam aprovados.

Com a elaboração de um Plano a favor da região Oeste Paulista, a Secretaria da Agricultura pretendeu atingir os seguintes objetivos:

ESTADO DE SÃO PAULO REGIÕES PRIORITÁRIA E MARGINAL IMPLANTAÇÃO DE DESTILARIAS

FIGURA 16



LEGENDA:

- ▨ ÁREA ALTAMENTE PRIORITÁRIA
- ▬ ÁREA MEDIANAMENTE PRIORITÁRIA
- ÁREA NÃO PRIORITÁRIA

ESCALA 1: 200.000

FONTE : IEA/SAA.

- aproveitamento da infra-estrutura existente, sem necessidade de investimentos públicos adicionais para a sua consecução;
- inversão do fluxo migratório, face à criação de empregos diretos e indiretos, necessários à consolidação do programa;
- interiorização do desenvolvimento pelo fortalecimento das economias regionais; e
- preservar e ampliar a oferta de alimentos, bem como, manter a expressiva participação do setor agropecuário na pauta de exportações (PRO-OESTE, 1980; 02).

Através dessas propostas principais, o documento do Pro-oeste (1980, 03) diz: "A Secretaria da Agricultura e Abastecimento preocupada com a possibilidade de expansão desordenada da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo e a conseqüente ocupação das terras utilizadas para a produção de alimentos, resolveu promover ação visando orientar à instalação daquela cultura destinada à produção de álcool em regiões onde a cana-de-açúcar representará a melhor opção para a sua expansão no Estado de São Paulo ..."

Foi através desses objetivos do PRO-OESTE que formalizou-se o "Programa de Expansão da Canavieira cultura para a Produção de Combustível", beneficiando produtores locais ou que ali se instalarem para dedicarem-se ao cultivo da cana-de-açúcar como matéria-prima básica à produção do álcool.

Na justificativa do PRO-OESTE, ficou demonstrado que o estudo realizado sobre a expansão da área cultivada com cana-de-açúcar no período de 1975/1979, permitiu observar que, no caso da agricultura paulista, as áreas para o cultivo de "energético" vinha substituindo áreas com

outras culturas, principalmente nas DIRA'S de Campinas e Ribeirão Preto. Entretanto, até 1985 - final da segunda fase do PNA - de acordo com o PROCANA, teria que se implementar a instalação de novas destilarias autônomas, e a canavicultura deveria ser implantada em áreas não tradicionais canavieiras do Estado. Além desses aspectos, até o final de 1979, de acordo com TABELA 15, os investimentos foram mais sentidos nas destilarias anexas das áreas tradicionais do Estado, sobretudo, se levarmos em consideração o elevado número de usinas anexas beneficiadas (49), além do montante em capital. Na segunda fase (1980/1983), após o PRO-OESTE e o PROCANA o quadro de investimentos no Estado de São Paulo foi modificado, observou-se investimentos realizados nas destilarias autônomas, estes chegando a ser superiores às demais áreas tradicionais do Estado.

Na região canavieira de Araraquara - 1982 - a segunda destilaria autônoma foi a São Gregó-rio S/A Indústria e Comércio - localizada no município de Ibaté, divisa com o município de Araraquara. Antonio Donato, presidente a três mandatos da Associação dos Fornecedores de Cana-de-Açúcar da Região de Araraquara, e seus irmãos são os proprietários. Anteriormente eram os maiores fornecedores da Usina Açucareira da Serra (Ibaté) e resolveram direcionar a produção para a própria destilaria, passando desta maneira, Antonio Donato a defender concomitantemente os interesses dos fornecedores e usineiros, visto ser o lídimo representante das duas classes (N).

(N). Antonio Donato foi quem saudou o presidente do I.A.A., José Aprígio Brandão Vilela, representando ambas as classes, no ato de seu empossamento.

TABELA 15

COMPARAÇÃO DOS FINANCIAMENTOS APROVADOS PARA DESTILARIAS ANEXAS E AUTÔNOMAS NAS ÁREAS TRADICIONAIS CANAVIEIRAS PAULISTAS E NO OESTE PAULISTA (Cr\$ 1.000)

| | 1975 - 1979 | | | | 1980 - 1983 | | | |
|--------------------|--------------------|-----------|--------------------|-----------|--------------------|-----------|---------------------|-----------|
| | ANEXAS | DEST | AUTÔNOMAS | DEST | ANEXAS | DEST | AUTÔNOMAS | DEST |
| OESTE PAULISTA | 165.853,1 | 5 | 1.754.012,9 | 13 | 29.149,5 | 1 | 15.306.556,0 | 33 |
| ÁREAS TRADICIONAIS | 2.818.839,8 | 49 | 535.333,0 | 7 | 7.414.362,2 | 23 | 4.707.501,0 | 21 |
| TOTAL | 2.984.692,9 | 54 | 2.289.345,9 | 20 | 7.443.511,7 | 24 | 20.014.057,0 | 54 |

FONTE : CENAL.

Localizada na fazenda 4R em Ibaté, a empresa possuía 800 alqueires formados, contando com 188 fornecedores de cana, anteriormente, na sua maioria, fornecedores da extinta Usina Tamoio, com propriedades nos municípios de Araraquara, São Carlos e Ibaté (FOTO 04).

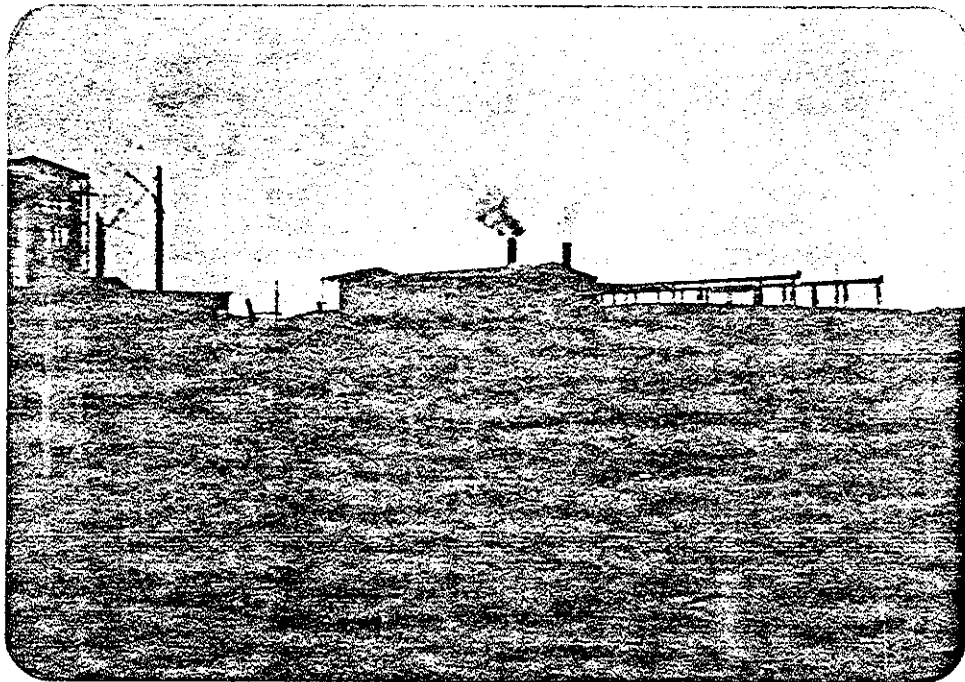


Foto 04. Vista parcial da moderna destilaria autônoma São Gregório município de Ibaté.

A Cia Agrícola Contendas, município de Taquaritinga, extinta Usina Contendas, atuante na década de 60, ressurgiu nos anos 80, como destilataria autônoma dispondo de Cr\$ 43.220.000 e contraindo empréstimo via Proálcool de Cr\$ 172.878.000, estando na direção Ernesto Salvagni, detentor de mais de 50% das ações da empresa. A destilataria operou nas safras de 83/84 e 84/85 com produção média de 8.451.000 litros de álcool, dispondo de uma capacidade de 90.000 l/dia, sendo na sua maioria extraído dos seus 1.543,96 ha de terras cultivadas.

A quarta e última destilataria autônoma da área foi a Santa Helena, município de Ibaté, propriedade de Ildo Valério. A empresa tem seu início com pequeno sítio herdado de 60 ha, sendo que em 1968 compraram 542 ha da fazenda Santa Helena e, posteriormente, foram adquirindo mais 314 ha da fazenda São Carlos, perfazendo um total de 916 ha a produzir e fornecer cana-de-açúcar para as Usinas Da Serra e Tamoio. Em 1978 resolveram instalar uma fábrica de aguardente num projeto de 30.000 l/dia, transformada, em 1981, em destilataria autônoma, em reunião da Secretaria da Indústria Comércio Ciência e Tecnologia (SICCT), órgão responsável em julgar os projetos pertinentes ao setor agro-industrial canavieiro - reunião do dia 11/02/1982.

Além das terras próprias (916ha) a destilataria conta com 5 (cinco) fornecedores num total de 674 ha e 42.285 toneladas de cana ao ano, necessárias na complementação da produção da empresa.

Analisando as TABELAS 16 e 17, verificamos a variação ocorrida nas produções açucareiras e alcooleiras da região canavieira de Araraquara até meados do

PRODUÇÃO AÇUCAREIRA DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA
MEADOS DO DECÊNIO DE 80 (SACOS DE 60 Kg)

TABELA 16

| | 1.981 / 82 | 1.982 / 83 | 1.983 / 84 | 1.984 / 85 | PRODUÇÃO MÉDIA |
|--------------|------------|------------|------------|------------|-------------------|
| AÇ. da SERRA | 1.069.167 | 1.155.833 | 1.216.667 | 1.083.650 | 1.131.329 |
| IPIRANGA | 187.983 | 193.892 | 192.696 | 200.000 | 193.643 |
| MARINGÁ | 642.600 | 738.500 | 715.090 | 655.783 | 687.933 |
| SANTA CRUZ | 1.537.667 | 1.800.917 | 1.980.042 | 2.116.666 | 1.858.823 |
| SANTA FÉ | 360.400 | 327.059 | 398.833 | 346.250 | 358.135 |
| SANTA LUIZA | 833.600 | 961.000 | 952.200 | 917.450 | 916.062 |
| TAMOIO | 1.096.600 | 147.639 | — | — | |
| ZANIN | 838.967 | 929.333 | 920.850 | 920.833 | 902.496 |
| TOTAL | 6.566.984 | 6.251.173 | 6.376.378 | 6.240.632 | |

FONTE : IAA - USINAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA .

TABELA 17

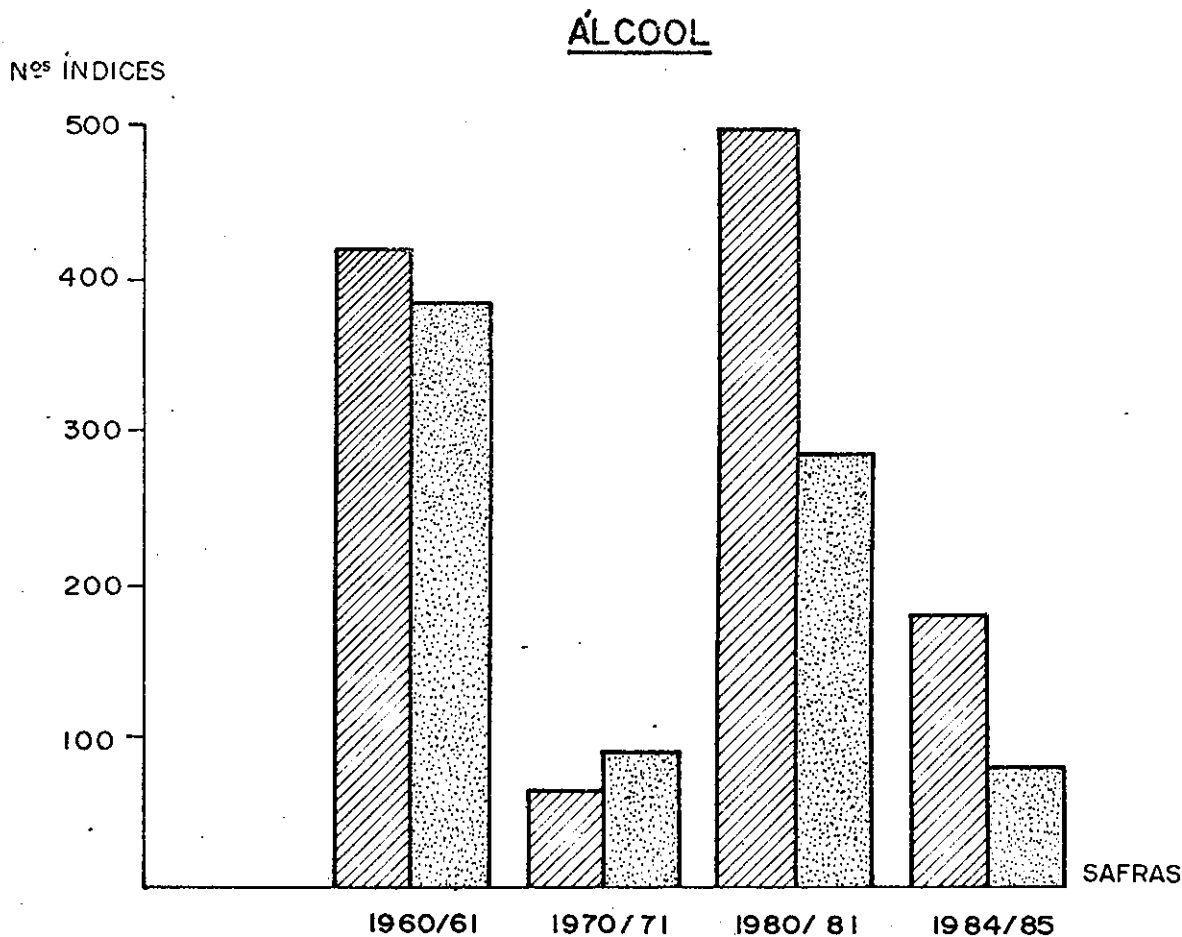
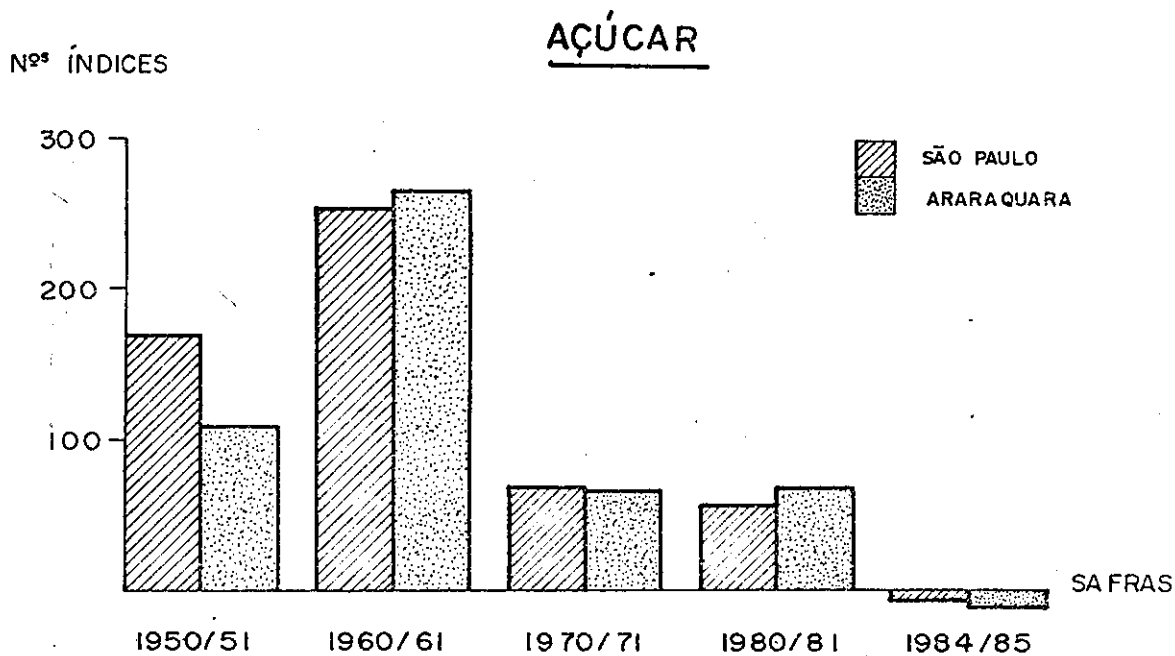
| | 1.981 / 82 | 1.982/83 | 1.983/84 | 1.984/ 85 | PRODUÇÃO MÉDIA |
|---------------|------------|----------|----------|-----------|-------------------|
| AÇ.da SERRA | 19.731 | 21.185 | 29.847 | 37.700 | 27.116 |
| CONTENDAS | — | — | 7.002 | 9.900 | 8.451 |
| PIRANGA | 13.402 | 17.113 | 20.600 | 16.890 | 17.001 |
| LAGOA DOURADA | 13.135 | 16.190 | 27.530 | 30.960 | 21.954 |
| MARINGÁ | 25.900 | 41.596 | 60.957 | 61.028 | 47.370 |
| SANTA CRUZ | 74.270 | 95.860 | 113.695 | 105.740 | 97.391 |
| SANTA FÉ | 21.258 | 24.539 | 33.020 | 30.021 | 27.209 |
| SÃO GREGÓRIO | — | 16.509 | 30.036 | 40.960 | 29.168 |
| SANTA HELENA | — | — | — | 2.440 | 2.440 |
| SANTA LUIZA | 23.500 | 30.176 | 28.688 | 33.005 | 28.842 |
| TAMOIO | 17.445 | 4.381 | — | — | |
| ZANIN | 23.880 | 34.350 | 38.700 | 43.660 | 35.147 |
| TOTAL | 232.521 | 301.899 | 390.075 | 412.304 | |

decênio de 80. A produção açucareira sofreu decréscimo neste período, devido ao desestímulo para a produção açucareira não só na região, mas em todo o Estado (FIGURA 15); também, devido-se ao fato da região ter perdido a produção da Usina Tamoio que entrou em colapso financeiro e não mais funcionou a partir da safra 1983/84. Com a produção alcooleira ocorreu o contrário, apresentando esta, desenvolvimento sem precedentes na região em estudo, contando com quase o dobro de produção em apenas quatro safras (TABELA 17). Além das usinas tradicionais a região passou a contar com a Destilaria Lagoa Dourada; a partir da safra 1982/83 passou a contar com 3 (três) novas destilarias autônomas, ficando duas em Ibaté, Santa Helena e São Gregório. A destilaria São Gregório veio ocupar o vazio deixado pela Usina Tamoio, devido à proximidade e também pelo fato de ter sido grande fornecedora de cana desta; além da Destilaria Contendas (Taquaritinga), reaparecendo no cenário agro-industrial canavieiro, agora na produção de álcool.

Sintetizando o que foi o desempenho comparativo entre a evolução do crescimento açucareiro e alcooleiro verificado no Estado de São Paulo e a região canavieira de Araraquara, FIGURA 15, temos que, o desempenho da produção açucareira foi melhor na safra 1960/61, desde então decaindo constantemente até chegar a um patamar negativo na safra 1984/85. Por outro lado, o nível de crescimento açucareiro da região de Araraquara quase sempre acompanhou a evolução do Estado, superando-o nas safras 1960/61 e 1980/81.

Para a produção alcooleira, as safras de 1960/61 e 1970/71, verificamos que os níveis de crescimento do Estado de São Paulo e da região canavieira de Araraquara são proporcionais, ocorrendo na safra 70/71 uma

FIGURA 17.



FONTE : IAA • USINAS E DESTILARIAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA.
 * : (MOREIRA , 1979 - 135 / 136).

pequena vantagem para a região de Araraquara. Entretanto, nas safras de 1960/61 e 1980/81, o índice de crescimento maior por parte do Estado girando em torno de 400 e 500, respectivamente ; tendo como justificativa o grande número de usinas e destilarias anexas que se instalaram no final da década de 50, e na implantação do Programa Nacional do Alcool, justificando na safra 1980/81 o elevado índice de produção alcooleira, bem superior ao da região canavieira de Araraquara (N).

(N). Em novembro de 1985, começa a funcionar em caráter experimental, na cidade de Matão, a destilaria anexa da Citro suco Paulista, utilizando como matéria-prima o bagaço de laranja. Foram realizados na época investimentos em torno de US\$ 2,5 milhões e a destilaria produzirá 10 milhões de litros/ano nas modalidades de álcool hidratado, anidro, cirúrgico-hospitalar e para a indústria de bebidas finas.

3.3. A evolução da produção alcooleira na região canavieira de Araraquara.

A região sucro-alcooleira de Araraquara encontra-se totalmente localizada na área não prioritária do Proálcool no Estado de São Paulo, existindo um novo dispositivo baixado pelo Conselho Estadual de Energia através das "Diretrizes para a Análise de Projetos do Proálcool no Estado de São Paulo" - 04 de julho de 1984 - que em suas normas gerais, ítem primeiro, estabelece: "Limitar a instalação de novas unidades ou ampliação das já existentes na área definida como não prioritária pelo Pro-Oeste (confirmando o SAA/GSAA nº 777/81), quaisquer que sejam as origens dos financiamentos para a execução do projeto. (grifo nosso). Nesta área só admitir-se-á a instalação das novas unidades ou ampliação das já existentes em casos absolutamente excepcionais ou, onde já constatada a total falta de opções agrícolas para o município. Idênticos critérios serão adotados na análise de projetos de transformação de fábricas de aguardente em destilarias de álcool" (Diretrizes para a Análise de Projetos do Proálcool no Estado de São Paulo, 1984; 03).

Com essa norma as regiões tradicionais canavieiras do Estado de São Paulo (FIGURA 16), pós 04 de junho de 1984 - não puderam ter o aumento de sua capacidade produtora de álcool, visto ter sido vetado todo e qualquer tipo de ampliação da capacidade fabril, trazendo como principal consequência a estagnação da área plantada com cana-de-açúcar (mesmo que tardiamente).

Uma proposta de nova destilaria na região canavieira de Araraquara - Destilaria São Lucas Ltda

município de Rincão, propriedade de Francisco Antonio de Laurentz e Moacir Fauzer Castelli, com capacidade para 60.000 litros/álcool/dia, foi a primeira a ter parecer desfavorável pelo Conselho Estadual de Energia (reunião de 20/08/84). Motivo apresentado - elevada concentração de usinas e cana-de-açúcar na área (de acordo com Diretrizes para a Análise de Projetos do Proálcool).

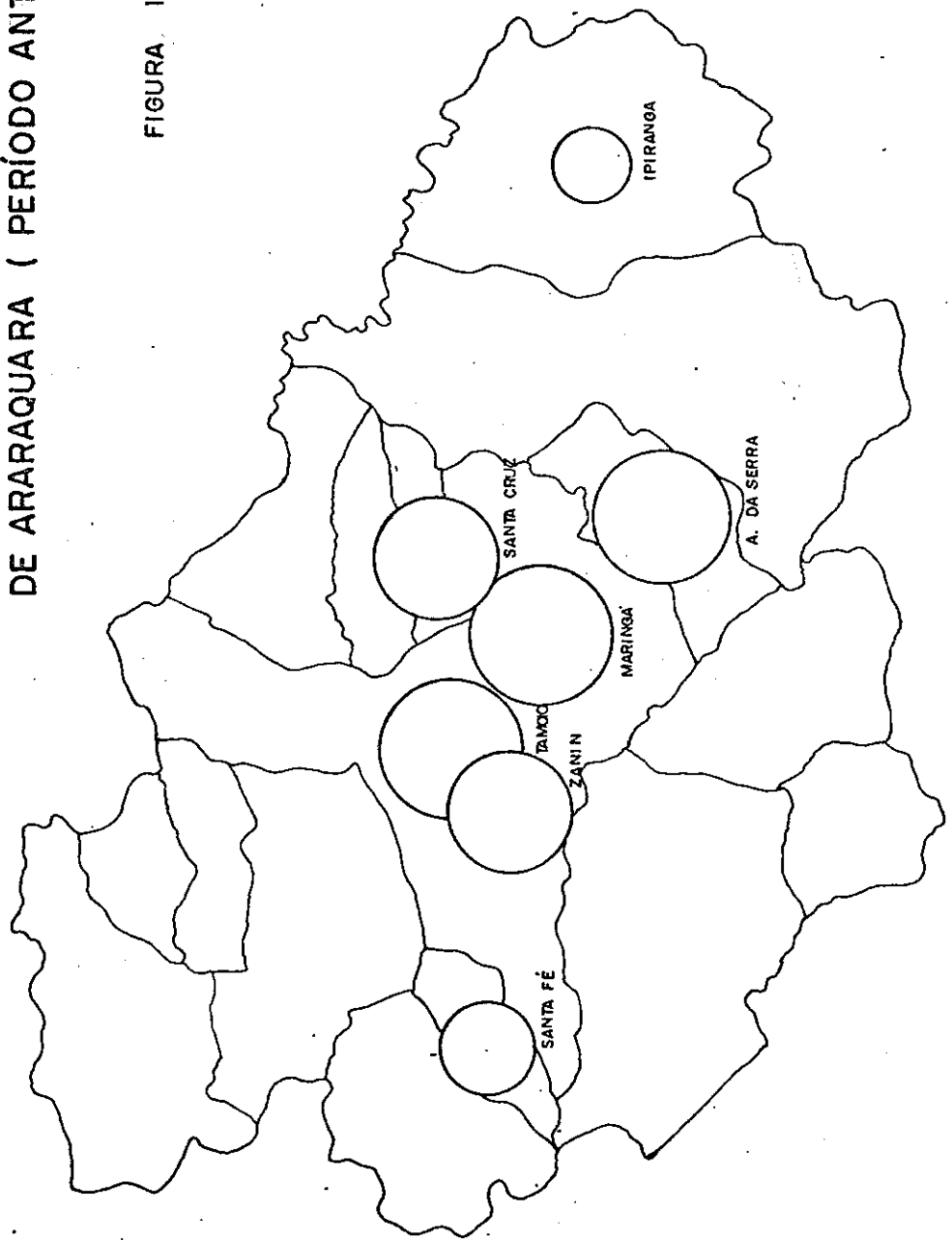
A região canavieira de Araraquara, anteriormente à implantação do Programa Nacional do Álcool, possuía 8 (oito) usinas (destilarias anexas) com capacidade de produção alcooleira estimada em 460.000 l/álcool/dia, correspondendo os maiores índices às Usinas Tamoio e Maringá (100.000 litros/álcool/dia); havendo decréscimo de quotas até os 15.000 litros/álcool/dia da Usina Ipiranga, culminando com a Usina Santa Luiza, que não possuía uma produção regular de álcool (FIGURA 18).

A FIGURA 19 corresponde a primeira fase do Proálcool na região canavieira de Araraquara, com ampliação prevista de 1.042.000 litros/álcool/dia, distribuídas pelas agro-indústrias da região. Apenas a Usina Tamoio não aumentou a sua quota de produção de álcool, as demais tiveram ampliação, cabendo às Usinas Santa Cruz e Maringá, as maiores ampliações da produção alcooleira, respectivamente, 305.000 e 242.000 litros/álcool/dia. A região passou a contar com uma destilaria autônoma no município de Dobrada; tratava-se da Destilaria Lagoa Dourada, com capacidade inicial de 90.000 litros/álcool/dia, repetindo-se o mesmo processo verificado no Estado, no qual as destilarias anexas foram mais beneficiadas que as autônomas (1ª fase do Proálcool).

Já na segunda fase do Proálcool

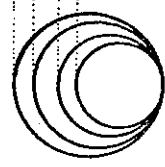
CAPACIDADE DE PRODUÇÃO ALCOOLEIRA NA REGIÃO CANAVIEIRA
DE ARARAQUARA (PERÍODO ANTERIOR AO PRÓ-ÁLCOOL)

FIGURA 18



LITROS ALCOOL / DIA :

- 100.000
- 60.000
- 30.000
- 15.000



ESCALA 1 : 1.270.000

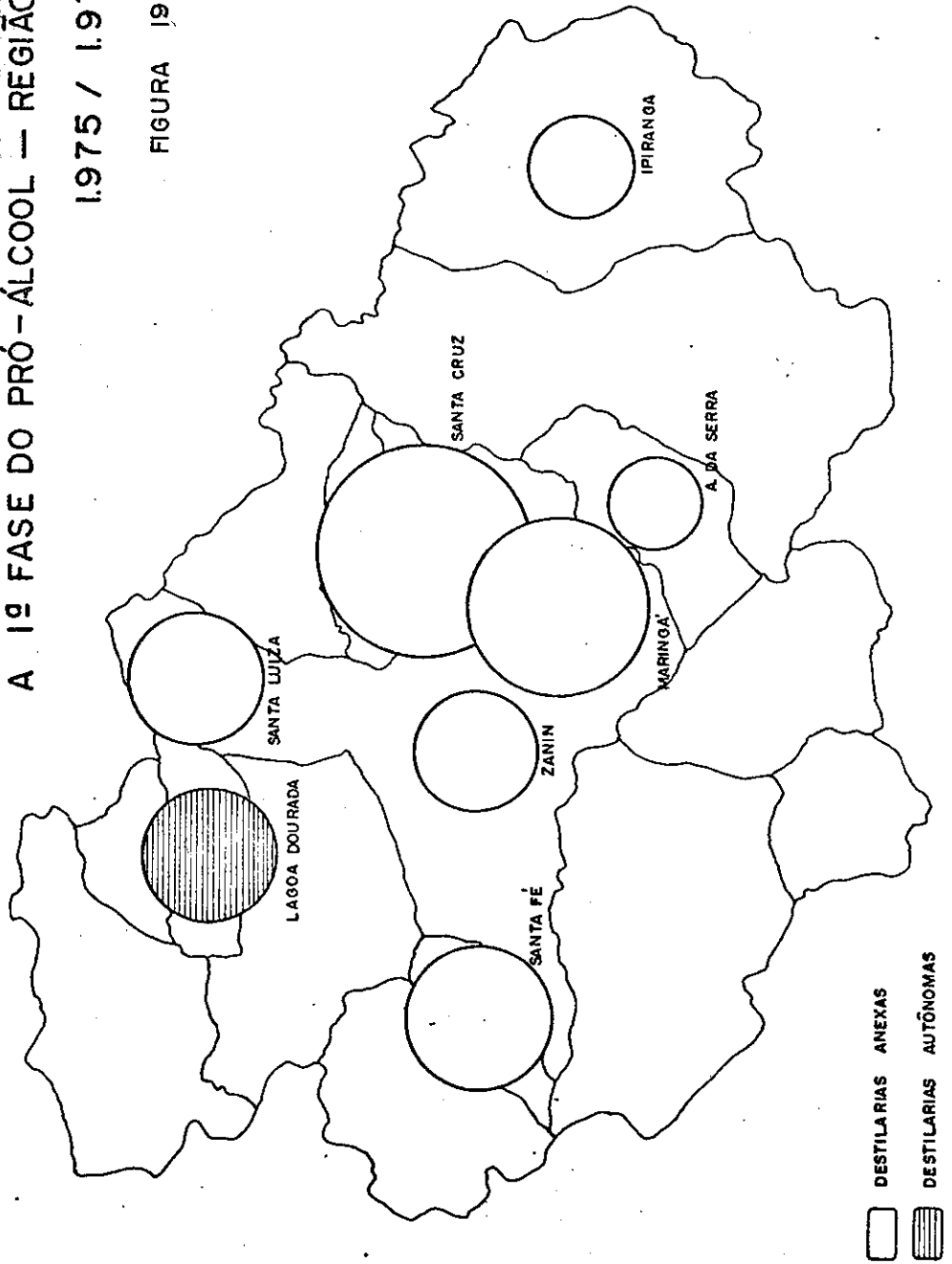
FONTE : TRABALHO DE CAMPO.

ORGANIZADO POR : ENÉAS R. FERREIRA / DESENHO: AKEMI SHIMASAKI

AMPLIAÇÃO DE QUOTAS ALCOOLEIRAS CORRESPONDENTES
 A 1ª FASE DO PRÓ-ÁLCOOL — REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

1.975 / 1.979

FIGURA 19



(1980/1984) - FIGURA 20 - acompanhando a tendência verificada em todo o Estado, os investimentos ocorreram com maior frequência nas destilarias autônomas do que nas anexas (ver TABELA 15). Além da ampliação da destilaria Lagoa Dourada surgiu no município de Ibaté as destilarias São Gregório e Santa Helena e, retornando as atividades, a destilaria Contendas, município de Taquaritinga, agora direcionada apenas para a produção do álcool. As maiores ampliações foram efetuadas nas destilarias autônomas Lagoa Dourada e São Gregório (em torno de 200.000 litros/álcool/dia cada). As destilarias anexas Santa Luiza, Santa Fé, Açucareira da Serra, Ipiranga e Zanin tiveram ampliações menores, ficando a Zanin com a maior ampliação no período (100.000 litros/álcool/dia).

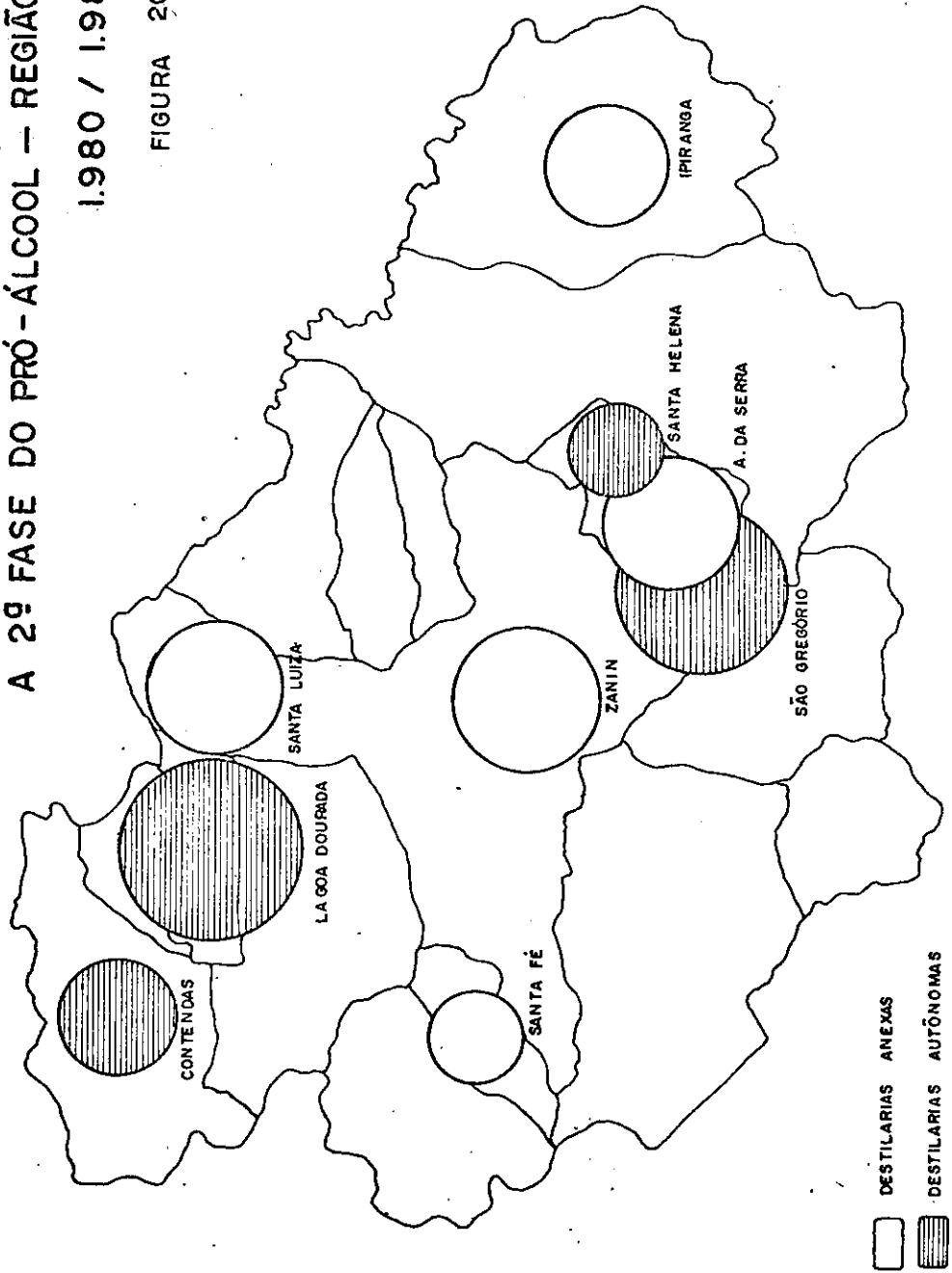
Na safra 1984/85, além do contingente de produção normal dos períodos anteriores, representados pelo somatório das três figuras anteriores, 18, 19 e 20 - produção autorizada pelo IAA - verificou-se uma produção extra-quota em seis destilarias da região (Santa Cruz, Maringá, Açucareira da Serra, Lagoa Dourada e Contendas). Dentre estas ampliações ilegais de produção, o exemplo mais singular foi o da Usina Santa Cruz, apresentando uma produção extra-quota superior à capacidade oficial da empresa (respectivamente 425.000 sobre os 475.000 litros/álcool/dia, produção extra-quota (FIGURA 21).

Globalizando os totais da capacidade alcooleira da região canavieira de Araraquara (FIGURA 22), aparecia a Usina Santa Cruz com capacidade de 900.000 litros/álcool/dia, seguida pela Maringá com 500.000 litros/álcool/dia. Por parte das destilarias autônomas, destacavam-se as destilarias Lagoa Dourada e São Gregório, respectivamente

AMPLIAÇÃO DE QUOTAS ALCOOLEIRAS CORRESPONDENTES
A 2ª FASE DO PRÓ-ÁLCOOL – REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

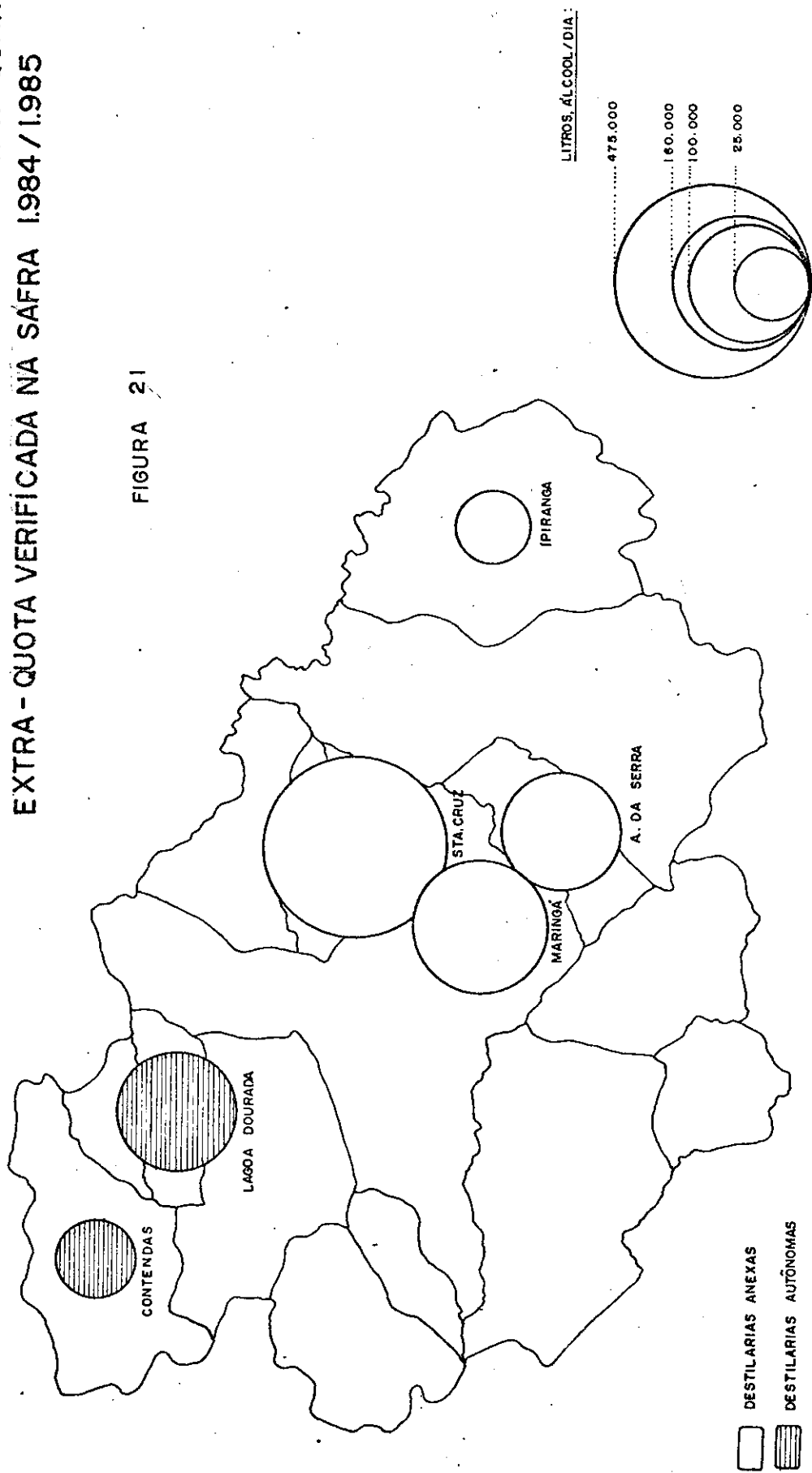
1.980 / 1.984

FIGURA 20



PRODUÇÃO ALCOOLEIRA - REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA
EXTRA - QUOTA VERIFICADA NA SAFRA 1.984 / 1.985

FIGURA 21



ESCALA 1 : 1.270.000

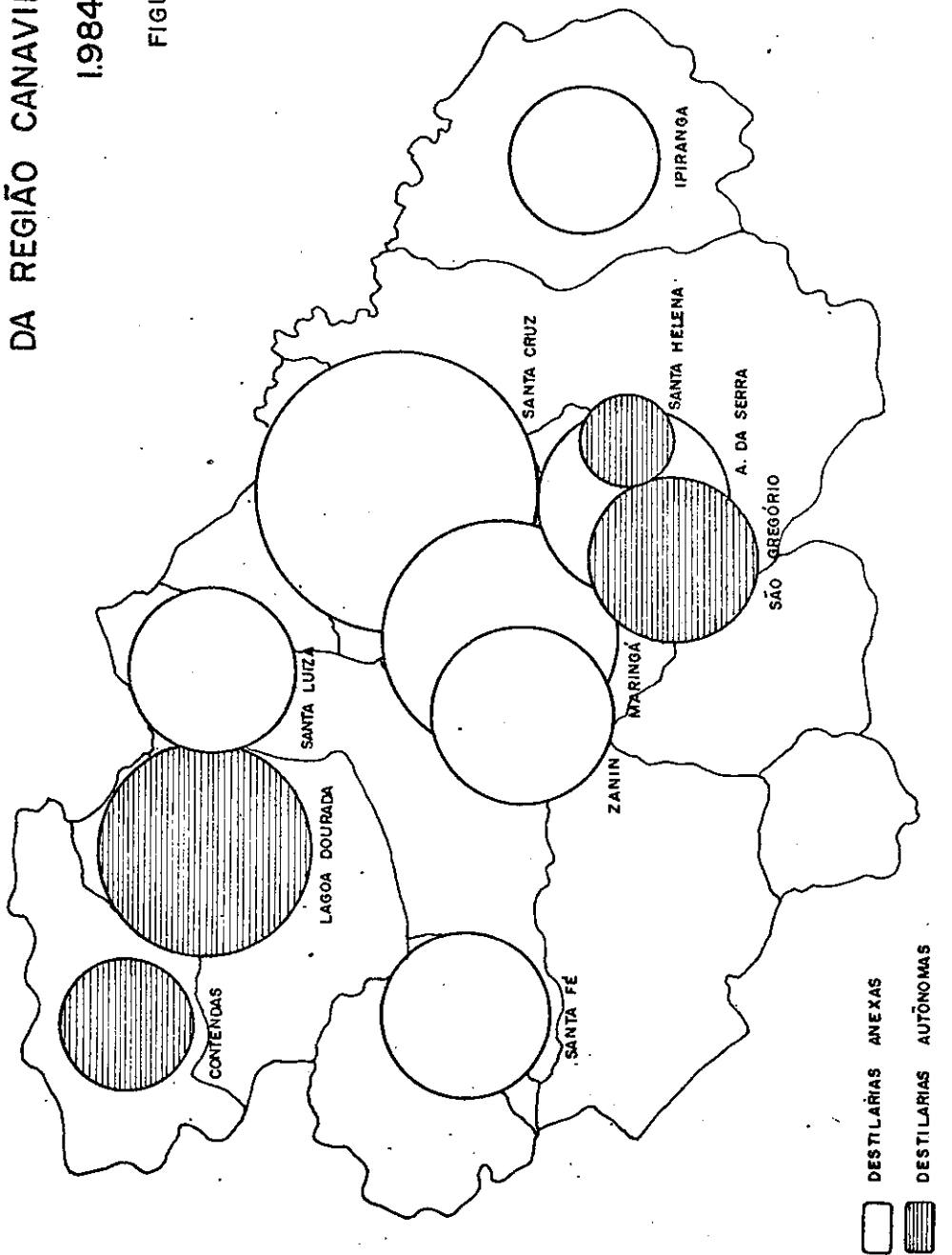
FONTE : IAA - PLANA SUCAR.

ORGANIZADO POR : ENÉAS R. FERREIRA / DESENHO: AKEMI SHINASAKI.

CAPACIDADE TOTAL ALCOOLEIRA DAS DESTILARIAS DA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA

1.984 / 1.985

FIGURA 22



ESCALA 1:1.270.000

FONTE: IAA-PLANALSUCAR.

ORGANIZADO POR: ENÉAS R. FERREIRA / DESENHO: AKEHI SHIMASAKI.

390.000 e 180.000 litros/álcool/dia, representando significativas alterações em uma década após a implantação do Programa Nacional do Álcool, apresentando produção de 3.235.000 litros/álcool/dia (2.355.000 oficial e 880.000 litros/álcool/dia-produção extra-quota), superior em sete vezes a quota inicial anterior ao Proálcool.

A realidade verificada na Usina Santa Cruz nos pareceu extremamente gritante, tendo em vista, uma produção oficializada em 425.000 litros/álcool/dia, quando na realidade produziu-se 900.000 litros/álcool/dia de maneira não oficializada, ficando a produção extra-quota 475.000 litros/álcool/dia) superior à produção autozizada pelo CENAL.

Verificadas as condições existentes na área em estudo levantamos as seguintes questões: 1) Como o governo do Estado permite a expansão de uma agro-indústria canavieira em área sabidamente não prioritária, após inclusive ter negado uma nova destilaria autônoma no município Rincão (Destilaria São Lucas)? 2) Através de quais formas aquela agro-indústria chegou nesse ponto, sendo que existe, periodicamente, inspeção dos órgãos específicos do Governo Federal?

A versão do IAA/PLANALSUCAR e diretores da referida Usina, foi relativa à substancial melhora na qualidade das espécies plantadas nas últimas safras, possibilitando aumento do teor de sacarose na matéria-prima empregada na produção de açúcar e álcool, fazendo com que a Usina não necessitasse ampliar suas áreas plantadas ou, recebesse maior quantidade de cana de fornecedores, ou ainda necessitasse de um número maior de terras arrendadas.

Concomitantemente a esse processo

so, a Usina Santa Cruz firmou convênio com o Governo do Estado (Secretaria de Agricultura e Abastecimento e CEAGESP) e Prefeitura Municipal de Américo Brasiliense, cuja meta prevista era plantar anualmente 690 alqueires a partir de 1984/85, distribuídos em 90 alqueires de amendoim, 33 de soja, 500 de milho e 67 alqueires de arroz, prevendo-se uma colheita de 2.500 sacas de arroz, 60.000 sacas de milho, 5.919 sacas de amendoim e 2.500 sacas de soja. Este plano fazia parte do "Programa de Estímulo à Produção e Distribuição de Alimentos Consorciados à Lavoura de Cana-de-açúcar" - setembro de 1984 - envolvendo produção de alimentos com grupos usineiros paulistas.

Em termos gerais, o objetivo a ser perseguido por este projeto era o de estimular o aumento das culturas alimentares em áreas onde a lavoura de cana-de-açúcar era fator de domínio na esfera da produção agrícola. Especificamente o projeto procurava:

- 1) possibilitar a implantação e/ou aumento da produção de culturas intercaladas à lavoura de cana-de-açúcar;
- 2) estimular a implantação e/ou expansão de produtos hortigranjeiros em áreas ociosas (renovação, reforma, etc.) existentes na lavoura de cana;
- 3) estimular a cultura de grãos em áreas inaceitas pela lavoura canavieira;
- 4) favorecer o aumento da produtividade do trabalho através de um melhor consumo alimentar;
- 5) estimular mudanças nos métodos de produção agrícola, visando o aumento de produção e redução dos custos operacionais;
- 6) atuar no sentido de suprir as carências de nutrientes, amplamente diagnosticadas nas famílias dos trabalhadores ru

rais;

- 7) favorecer uma múltipla utilização da área da Usina para produção de hortigranjeiros, culturas de grãos, leguminosas e de pequenos animais (P.E.P.D.A.C.L.C., 1984; 6/7).

Para efetivação desta proposta seriam necessários esforços das 3 (três) entidades envolvidas. O Estado entraria com Cr\$ 5.731.250.000, mais assessoria técnica; a Prefeitura de Américo Brasiliense teria de dispendir Cr\$ 74.783.800.000, em despesas de insumos, implementos, maquinários e área de produção e, cabendo à Usina Santa Cruz uma despesa de Cr\$ 39.909.784.000, que se subtraíssemos o preço da terra que já fazia parte de seus pertences (estes preços são relativos ao mês de outubro de 1984) (TABELA 18).

A produção iria ser destinada ao programa "sacolões" da CEAGESP, fornecendo alimentos a um preço baixo (sem intermediário) à população carente, e matéria-prima para a "vaca mecânica" (leite de soja), fazendo parte de um outro convênio mantido com a Prefeitura de Américo Brasiliense. Além do consumo direto da população, nos casos de arroz, amendoim e hortigranjeiros, o milho iria ser trocado com granjas particulares, sendo que esta forneceria frangos e ovos, enquanto o Estado forneceria o milho, objetivando melhoras protéicas na merenda escolar.

Com essas informações podemos levantar algumas reflexões e interrogações a respeito da Usina Santa Cruz:

- 1) É verdade que após a cana-de-açúcar começar a ser paga pelo teor de sacarose e tonelagem, existiu uma tendência de de plantar espécies que satisfizessem ambos critérios, havendo um melhor aproveitamento do espaço sem a necessidade

PROGRAMA DE PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS
FIRMADO ENTRE PREFEITURA MUNICIPAL DE AMÉRICO BRASILIENSE
SAA - CEAGESP E USINA SANTA CRUZ

TABELA 18

RECURSOS FINANCEIROS (Em \$ 1.000) Valores de 10/84

| ITENS DE DISPÊNDIO | SAA-CEAGESP | PREF. MUNICIPAL | OMETTO-PAVAN S/A | TOTAL |
|------------------------------|------------------|-------------------|-------------------|--------------------|
| 1. Insumos | | | | |
| Matéria-prima | | 5.900.000 | | 5.900.000 |
| Material químico | | | 2.230.000 | 2.230.000 |
| 2. Implementos | | | | |
| Material irrigação (Alq) | | 25.000.000 | | 25.000.000 |
| Pulverizador | | 144.000 | | 144.000 |
| Outros | | 867.800 | | 867.800 |
| 3. Maquinário | | | | |
| Trator | | 27.000.000 | 6.064.784 | 33.064.784 |
| 4. Área para produção | | | | |
| Terra / ha | | 15.972.000 | 31.515.000 | 47.487.000 |
| 5. Assessoria técnica | | | | |
| Programa operacional | 5.731.250 | | | |
| TOTAL GERAL | 5.731.250 | 74.783.800 | 39.809.784 | 120.324.830 |

Fonte : Programa de Estimulo à Produção e Distribuição de Alimentos Consorciados à Lavoura de Cana-de-Açúcar ; página 32.

de ampliar a área cultivada;

- 2) O grupo Ometto possuía somente no Estado de São Paulo 20 (vinte) usinas de açúcar e álcool. Se realmente suas intenções foram as apresentadas nos itens anteriores, seria lógico que o programa se expandisse para as demais empresas do Grupo (usinas e destilarias);
- 3) A Usina Santa Cruz poderia estar retirando o álcool em grande quantidade do "bagaço de cana", normalmente empregado na caldeira da agro-indústria e, o restante, abandonado ao tempo;
- 4) Devido à grande produção de álcool verificada na safra 1984/85 pela Usina Santa Cruz, e na expectativa de regulamentar seu problema de produção extra-quota, estaria sendo firmado esse acordo com o Governo do Estado, no qual ambos sairiam lucrando;
- 5) No caso do Programa de Estímulo à Produção e Distribuição de Alimentos Consorciados à Lavoura de Cana-de-açúcar, não ficou claro em nenhuma parte os benefícios que a agro-indústria obteria se entrasse no referido programa.

Nossas críticas são direcionadas ao não cumprimento do Programa de Implantação e Ampliação de Destilarias no Estado de São Paulo, cujos objetivos principais eram: coibir a expansão das destilarias anexas nas áreas tradicionais do Estado e direcionar as destilarias autônomas para o Oeste do Estado. Somente na região de Araraquara, o Conselho Estadual de Energia teria de resolver os problemas de mais de 5 (cinco) destilarias com produção extra-quota totalizando 405.000 litros/álcool/dia, sobretudo levando-se em consideração o poder político dos usineiros, onde qualquer solução drástica seria prejudicial. O Estado, por sua vez, tentan-

do tirar proveito da situação e necessitando de alimentos a baixo custo, reverteria os benefícios para a população carente, contando com o apoio dos usineiros e trabalhadores rurais. (ANEXO 05).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Antes de apresentarmos os resultados a que chegamos, gostaríamos de deixar bem claro o papel direcionador que o Estado brasileiro sempre teve em relação a canavicultura nacional. A própria criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (1933), do Estatuto da Lavoura Canavieira (1941) do Plano de Racionalização da Agro-indústria Canavieira (1971) e do Programa Nacional do Alcool (1975), são exemplos desta intervenção direta no setor.

Exemplo disto, foi o IAA ter exercido papel preponderante na distribuição de quotas para a produção de açúcar nas primeiras duas décadas após sua criação, protegendo o açúcar nordestino e dificultando a expansão de novos grupos nos Estados do Centro-Sul do país. O Estado de São Paulo, e por sua vez, a Região de (Araraquara^{São}) foram favorecidos após a 2ª Guerra Mundial, quando quatro novas usinas puderam instalar-se na Região (Chibarro, Maria Izabel, Santa Cruz e Zanin).

No campo sócio-econômico tivemos no início da década de 40 o Estatuto da Lavoura Canavieira, responsável pelo fortalecimento da classe dos fornecedores de cana. Entretanto, as conclusões de alguns estudiosos foram que, ele também serviu a classe dos usineiros, podendo estes fazer investimentos no setor industrial e deixarem o setor agrícola (considerado de risco) para os fornecedores.

Retomando os aspectos pertinentes à Região canavieira de Araraquara, verificamos que o processo de extinção gradativa dos fornecedores é um processo irreversível, caso seja mantido as mesmas condições vigentes

na atualidade, visto que, está cada vez mais difícil para um pequeno produtor arcar com o ônus de uma plantação mecanizada e moderna. Para um futuro bem próximo, só permanecerão os grandes fornecedores de cana-de-açúcar, que se agrupam em associações de fornecedores cujos únicos beneficiados são eles mesmos (vide Associação dos Fornecedores de Cana - Araraquara).

Em relação ao número de fornecedores, a região dispunha na safra de 1974/75 de 722 fornecedores e, na safra 1984/85 passa a contar com 474, ou seja, 248 fornecedores a menos (-34,3%). Se compararmos os dados brutos, a diferença torna-se mais significativa. Dos 3.348.227 t. de cana esmagadas em 1974/75, 1.214.355 t. eram de fornecedores (36,3%), e na safra 1984/85, dos 8.491.832 t. de cana esmagadas 1.811.420t. eram de fornecedores, correspondendo apenas a 21,4% do total de cana esmagada (redução de 14,9% em 10 anos safras).

No início da década de 50, quando as questões protecionistas para com o açúcar do nordeste do Brasil foram resolvidas, o Estado de São Paulo, por estar equipado e dispor de um amplo mercado consumidor toma a dianteira na produção de açúcar. A região de Araraquara consolida-se nesta década com a implantação de mais seis usinas (Da Serra, Ipiranga, Santa Ernestina, Santa Luiza e Storani).

Após esse período de livre iniciativa, tivemos no início da década de 70, o Decreto lei nº 1186, estabelecendo o Plano de Racionalização da Agro-indústria Canavieira, demonstrando a vontade do Estado no sentido de baratear o custo do açúcar e racionalizar a produção, eliminando as agro-indústrias de pequeno porte. Este empreendimento foi financiado pelo próprio Estado, através do Fundo Especial

de Exportação. Na região de Araraquara tivemos neste período a absorção de cinco pequenas usinas - Contendas, Santa Ernestina, Storani, Maria Izabel e Itaquerê. ^{- Famoso -}

A concentração de terras verificada nas agro-indústrias canavieiras nos primeiros 10 (dez) anos de Proálcool, foi a 137% (FERREIRA, 1986; 27). Na região, somente as terras sob o domínio das indústrias, passaram de 66.000 ha em 1974/75 para 133.000 em 1984/85. Este crescimento verifica-se em sua maior parte nas destilarias anexas às usinas, cabendo às destilarias autônomas uma área de 20.000 de cana própria, mostrando que os investimentos nas usinas tradicionais foram superiores aos das destilarias anexas.

No intuito de acompanhar a modernização ocorrida no setor agro-industrial, tomamos por base os dados referentes ao Rendimento Industrial (RI) de cada agro-indústria nos dez anos após o Proálcool. Os resultados mostraram que em 1974/75 as oito usinas da região canavieira de Araraquara tiveram um RI de 97,2 Kg. de açúcar por tonelada, ao passo que o Estado de São Paulo teve um RI médio de 94,98 Kg. Na safra 1984/85 a situação fica mais marcante, visto que na região de Araraquara o RI foi de 106,7 Kg. e o do Estado foi de 103,6 Kg. de açúcar por tonelada, ampliando a diferença entre ambos em 0,9 Kg. de açúcar por tonelada.

Seguindo neste raciocínio, verificamos que não foi somente a cana-de-açúcar que possuiu um expressivo crescimento em área plantada nos quinze anos analisados (1970/1985) - 100.000 ha, contudo, também a cultura de citrus obteve significativo acréscimo - 75.000 ha -. Chegamos a alguns números interessantes a respeito das culturas de

subsistências, no mesmo período retraíram em 12.000 ha, ou seja, as culturas de exportação expandiram mais em áreas de pastagens e matas (cerrado e reflorestamento), cuja redução de ambas ultrapassaram a 300.000 ha, do que em áreas de culturas alimentícias, cuja atividade já era de pouca expressão no início da década de 70.

Ao nosso ver, as medidas tomadas pelo governo do Estado de São Paulo, a partir da década de 80 - Bases para um Plano de Desenvolvimento do Oeste do Estado de São Paulo - Programa de Expansão da Canavicultura para a Produção de Álcool no Estado de São Paulo - Diretrizes para Análise de Projetos do Proálcool no Estado de São Paulo - Aferição Preliminar das Fontes de Dados sobre a Capacidade de Produção de Álcool do Estado de São Paulo -, não estão conseguindo conter os usineiros, no tocante à expansão da área plantada, ampliação da produção e aumento da agro-indústria. Os empresários rurais possuem um poder de pressão muito grande e bem ou mal, geram um grande número de empregos e subempregos com os quais coagem o Estado, caso este venha a tomar medidas mais drásticas, no sentido de reduzir a produção canavieira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- Álbum de Araraquara. Araraquara, 1948. SP.
- ALCÂNTARA FILHO, J.B. e SILVA, J.G. Uma alternativa não concentradora para o Proálcool: A Pequena Unidade de Produção e a Micro/Mini-destilaria. Reforma Agrária -ABRA, Campinas, 11. (1) : 37/44, 1981.
- ANDRADE, M.C. Estado, Capital e Industrialização do Nordeste. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- _____, M.C. Comércio Internacional e Distribuição Espacial da Produção de Açúcar no Brasil. Boletim Paulista de Geografia. (51) : 15-30, jun. 1976.
- Banco Mundial. Produção de Álcool de Biomassa nos Países em Desenvolvimento. 1818 H Street, N.W. Washington D.C. 20433, USA. 1981.
- BORGES, J.M.M. Viabilidade Econômico-Social do Programa Nacional do Álcool. São Paulo, 1º Congresso Brasileiro de Alcoolquímica. 1981.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Divisão do Brasil em micro-regiões homogêneas. 1968. Rio de Janeiro, IBGE, 1970.
- BRAY, S.C. As políticas do Instituto do Açúcar e do Álcool e do Programa Nacional do Álcool e suas influências na área açucareira-alcooleira de Catanduva. Geografia, Rio Claro, 10(20) : 99-123, 1985
- _____, S.C. Proálcool: a fórmula milagrosa no processo de desenvolvimento capitalista da agro-indústria açucareira-al

cooleira nacional. ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 1, Águas de São Pedro(SP), 1987.

_____, S.C. A questão da formação do capital na agroindústria açucareira paulista nos fins do século XIX e início do século XX: o caso da Usina London. ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 7, Belo Horizonte, 1986.

_____, S.C. Agricultura Energética. 4º Encontro Nacional de Geografia Agrária, Universidade Federal de Uberlândia, M. G. 1983.

_____, S.C. A Cultura da Cana-de-Açúcar no Vale do Paranapanema. Tese de Doutorado, F.F.L.C.H. da USP. 1980.

BRUM, A.J. Modernização da agricultura no planalto gaúcho. Ijuí, FIDENE, 1983.

BUENO, R. PROÁLCOOL: Rumo ao Desastre. Petrópolis, Vozes, 1980.

BURBACH, R. & FLYNN, P. Agroindústrias nas Américas. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

CASALECCHI, J.E. Da Companhia Industrial, Agrícola e Pastoral D'Oeste de São Paulo à Cambuhy Coffee and Cotton Estates: 1912-1933. (contribuição ao estudo da presença inglesa na estrutura agrária do Estado de São Paulo). Tese de Doutorado, F.F.C.L.A., Araraquara. 1973.

CERON, A.O.; POLTRONIERI, L.C. e QUEIROZ, M.H. Hierarquia dos Desmembramentos Municipais no Estado de São Paulo a partir de 1940. Boletim de Geografia Teorética. Rio Claro, 8,(15) : 17-44. 1978.

CONSELHO ESTADUAL DE ENERGIA. Aferição preliminar das fontes de dados sobre a capacidade de produção de álcool no

Estado de São Paulo. São Paulo, 1985. (mimeogr.).

CORADINI, O. L. & FREDERICO, A. A agricultura, cooperativas e multinacionais. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

COSTA, A.M.F. da Agro-indústria na Região de Ribeirão Preto: O caso de Araraquara. Tese de Doutorado. F.F.C.L.A. Araraquara, 1973.

FERRANTE, V.L.S.B. Tamoio: olha! tem nó na cana. São Paulo, Perspectivas, 7: 31-40, 1984.

FERREIRA, E.R. Considerações preliminares sobre a política alcooleira nacional: a questão da produção extra-quota. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 1, Águas de São Pedro(SP), 1987.

_____, E.R. A implantação do proálcool e o aceleramento do processo de concentração da terra no espaço agrário paulista. Rio Claro, IGCE/UNESP, 1986. (Exame de qualificação de mestrado - Inédito).

_____, E.R. As políticas Açucareiras e Alcooleiras do País e seus Reflexos no Setor Canavieiro de Araras. Estágio de Especialização, Departamento de Planejamento Regional, IGCE, UNESP, Campus de Rio Claro, 1983.

_____, E.R. & BRAY, S.C. Influência do proálcool e do pró-oeste nas transformações das áreas canavieiras do Estado de São Paulo. Geografia, Rio Claro, 9(17-8):101-13 1984.

_____, E.R. & _____, S.C. O monopólio da produção canavieira paulista pelos grupos usineiros a partir de 1970: a diminuição dos fornecedores de cana. In: Encontro Nacional de Geografia Agrária, 5, Santa Maria (RS), 1984. Anais

... Santa Maria(RS), 1984, p. 143-49.

_____, E.R. & _____, S.C. As Agro-indústrias e a Formação do Setor Canavieiro de Araras. Boletim de Geografia Teorética, Rio Claro, 13(25) : 57/68, 1983.

_____, E.R. & _____, S.C. O Proálcool e o Proeste, e as transformações nas áreas canavieiras do Estado de São Paulo. Comunicações, 4º Encontro Nacional de Geografia Agrária. U.F. Uberlândia: 46/52, 1983.

FIGUEIREDO, V. Desenvolvimento dependente brasileiro, classes sociais e Estado. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

FRANÇA, A. Álbum de Araraquara. Araraquara, s.c.p., 1915.

GRAZIANO NETO, F. Questão Agrária e Ecologia: Crítica da Moderna Agricultura. São Paulo, Brasiliense, 1982.

GUACCARINI, J.C.A. Estado, Ideologia e Ação Empresarial na Agro-Indústria Açucareira do Estado de São Paulo. Tese de Doutorado, F.F.L.C.H. da USP, 1972.

GUARNIERI, L.C. & NUNES, E.R.F. Alternativas de demanda de álcool com relação à capacidade instalada. São Paulo, Conselho Estadual de Energia, 1986. 52p.

IANNI, O. Origens agrárias do estado brasileiro. São Paulo, Brasiliense, 1984.

LACERDA, M. Questões Açucareiras. Brasil Açucareiro - IAA, Ano XIV, Vol. XXVII, nº 2, Rio de Janeiro, pp. 128/131, 1946.

LANGONI, C.G. O Programa do Alcool, o Setor Privado e o Estado. Diagnóstico APEC nº 4. Rio de Janeiro. Ed. S.A., 39/48, 1980.

LORENZO, H.C. Origem e Crescimento da Indústria na Região

- "Araraquara-São Carlos" (1900-1970). Dissertação, F.F.L. C.H. da USP, São Paulo, 1979.
- MENDES, C. Debates do Simpósio sobre Sócio-Economia Canavieira. Jaboticabal, Anais da FCAVJ/UNESP, 113/148, 1978.
- MELO, F.H. Energia e Agricultura: Aspectos Alocativos e Distribuição. Reforma Agrária. ABRA, Campinas, 11(1) : 2/15, 1981.
- _____, F.H. e FONSECA, E.G. PROÁLCOOL, Energia e Transporte. Estudos Econômicos, São Paulo, FIPE/PIONEIRA, 1982.
- NEVES FILHO, A. Programa de estímulo à produção e distribuição de alimentos consorciados à lavoura de cana-de-açúcar. São Paulo, SAA/CEAGESP, 1984. 44p. mimeogr.
- OLIVEIRA, A.U. Agricultura e Indústria no Brasil. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, 58:5/64, 1981.
- PETRONE, M.T.S. A Lavoura Canavieira em São Paulo: Expansão e Declínio (1765-1851). São Paulo, Difel, 1968, 241 p.
- PLANO DIRETOR DE AMÉRICO BRASILIENSE. Américo Brasiliense, Prefeitura Municipal, s.d. mimeogr.
- I PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO (PND). Brasília, 1971.
- PRADO Jr., C. História Econômica do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 15. ed., 1972.
- QUEDA, O. A Intervenção do Estado e a Agricultura Açucareira Paulista. Tese de Doutorado. Piracicaba, ESALQ / USP, 1972.
- RAMOS, P. Um Estado da Evolução e da Estrutura da Agroindústria Canavieira do Estado de São Paulo (1930/1982). Dissertação de Mestrado, Fundação Getúlio Vargas, 1983.

RAMOS, P. & BELIK, W. A intervenção estatal e a agro-indústria canavieira no Brasil. Campinas, PIPSA, 1987.

Revista de Araraquara. Araraquara, 1974.

RUAS, D.G.G. & GEMENTE, A.C. Rendimento agrícola e industrial das unidades de produção de açúcar e álcool nas regiões canavieiras do Estado de São Paulo, safras de 1977/78 a 1982/83. Sacarum, São Paulo, 7(31):36-48.

SAINT, W.S. A agricultura energética: Opções Sociais no Programa Nacional do Álcool no Brasil. Reforma Agrária. Campinas, 11(1):16/31, 1981.

SAMPAIO, R.R. As agroindústrias do setor açucareiro e alcooleiro de Porto Feliz: estágio de especialização. Rio Claro, UNESP, 1984.

SAMPAIO, S.S. Geografia Industrial de Piracicaba: um exemplo de Integração Indústria-Agricultura. Série Teses e Monografias nº 21, São paulo, IGEOG/USP, 1976.

SAWYER, F.H. Estudo sobre a indústria açucareira no Estado de São Paulo. 2.ed. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1908.

Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Governo do Estado de São Paulo. Bases para um Plano de Desenvolvimento do Estado de São Paulo - Pro-Oeste, 1980.

SILVA, J.G. A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

Sindicato da Indústria da Fabricação do Álcool no Estado de São Paulo. Subsídios para uma Política de Mistura Combustível, 1972.

Sindicato da Indústria da Fabricação do Alcool no Estado de São Paulo e Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar do Estado de São Paulo. O potencial da Mistura Carburante na Solução da Crise de Combustíveis, 1974.

SINGER, P.I. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. São Paulo. Nacional, 1968.

SORJ, B. Estado e classes sociais na agricultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

_____, B.; POMPERMAYER, M.T.; CORADINI, O.L. Camponeses e agro-indústria, transformação social e representação política na avicultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

SZMRECSÁNYI, T. O Planejamento da Agro-Indústria Canavieira no Brasil (1930-1975). Tese de Doutorado. São Paulo, UNICAMP/HUCITEC, 1979.

_____, T. O IAA como órgão de planejamento e controle, atuação e redirecionamento. In: Simpósio sobre Sócio-Economia Canavieira, Jaboticabal, 1978. Anais da FCAVJ... Jaboticabal, UNESP, 1978, p. 31-73.

THOMAZ Jr., A. As agroindústrias canavieiras em Jaboticabal e a territorialização do monopólio. Terra Livre - A.G.B. São Paulo, 01(01):20/25, 1986.

_____, A. As Agro-indústrias e as propriedades fornecedoras de Cana-de-açúcar no município de Jaboticabal. Estágio de Iniciação Científica, Departamento de Planejamento Regional, IGCE - UNESP, Campus de Rio Claro, 1983.

VEIGA FILHO, A.; GATTI, E.U.; MELO, N.T.C. O Programa Nacional do Alcool e seus Impactos na Agricultura Paulista. Go

verno do Estado de São Paulo, Secretaria da Agricultura,
I.E.A., 1980.

ANEXO HUM

Questionário sobre a modernização da agro-indústria açucareira
alcooleira e aguardenteira do Estado de São Paulo.

A) DADOS REFERENTES À AGRO-INDÚSTRIA

1. Nome da Empresa.
2. Em que ano foi fundada a Agro-Indústria. Grupo Fundador.
3. Grupo Atual? Outras Empresas do grupo? Quais os nomes.
4. Quais os fatores que influenciaram a Implantação da Agro Indústria no local.
5. Existia atividades correlacionadas à produção canavieira no local? (Alambiques, engenhos, etc...)
6. Quais as variedades de cana utilizadas e de onde procedem?

B) O CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA AGRO-INDÚSTRIA

7. Qual a área (ha) das terras da Empresa (anexar se possível, mapas da Agro-indústria).

| <u>PERÍODO</u> | <u>TERRAS PRÓPRIAS</u> | <u>TERRAS ARRENDADAS</u> |
|----------------|------------------------|--------------------------|
|----------------|------------------------|--------------------------|

a) 1940/41

b) 1950/51

c) 1960/61

d) 1970/71

e) 1975/76

f) 1983/84

8. A propriedade da Usina é explorada totalmente, arrendada ou parcialmente arrendada?

9. Qual a área ocupada pela cana e demais culturas, pastagens e matas?

| <u>PERÍODO</u> | <u>CANA (HA)</u> | <u>PASTAGENS (HA)</u> | <u>MATAS (HAS)</u> | <u>OUTRAS CULTURAS</u> |
|----------------|------------------|-----------------------|--------------------|------------------------|
|----------------|------------------|-----------------------|--------------------|------------------------|

| <u>PERÍODO</u> | <u>CANA(HA)</u> | <u>PASTAGENS(HA)</u> | <u>MATAS(HAS)</u> | <u>OUTRAS CULTURAS</u> |
|----------------|-----------------|----------------------|-------------------|------------------------|
| 1940/41 | | | | |
| 1950/51 | | | | |
| 1960/61 | | | | |
| 1970/71 | | | | |
| 1975/76 | | | | |
| 1983/84 | | | | |

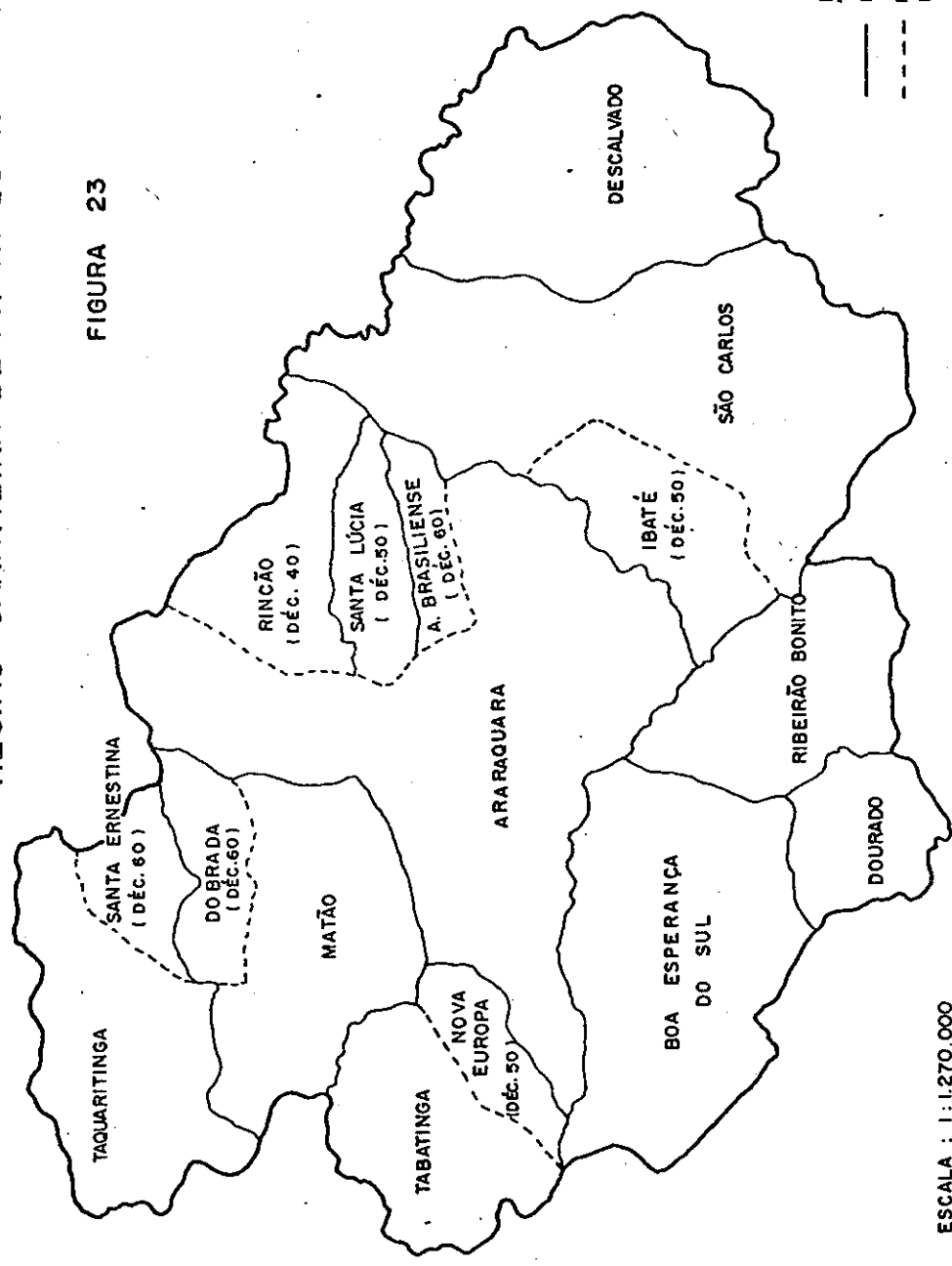
10. Como é realizado o arrendamento?
11. Quais os benefícios recebidos pela Usina na época do Fundo Especial de Exportação e do Proálcool?
12. Quantos fornecedores tem a Usina?
13. De os municípios que fornecem matéria prima à Usina?
14. Dados referentes à tecnologia?
15. Dados referentes a quantidade de tratores, motocana, caminhões, arados a partir de 1970.
16. Dados referentes á quantidade de: Adubos, Inseticidas, Herbicidas, fungicidas, a partir de 1970.
17. Existe equipamento apropriado na Usina para o beneficiamento do Vinhoto? Que tipo de Equipamento?
18. Qual o nº de trabalhadores empregados nas safras de:

| | |
|---------|---------|
| 1970/71 | 1975/76 |
| 1970/80 | 1983/84 |
19. Qual o aumento dos equipamentos industriais, tanto para a produção de álcool como do açúcar (a partir de 1970).

ANEXO DOIS

FORMAÇÃO DE NOVOS MUNICÍPIOS NA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA A PARTIR DE 1.940

FIGURA 23



LEGENDA:
 ——— LIMITE MUNICIPAL
 - - - - MUNICÍPIO DO QUAL FOI DESMEMBRADO

ESCALA : 1 : 1.270.000

FONTE: GERON, POLTRONERI E QUEIROZ / PP. 17/43.
ORG.: ENÉAS R. FERREIRA / DES.: AKEMI SHIMASAKI.

ANEXO TRÊS

PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES AGRÍCOLAS NA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA - 1970

(em hectares)

TABELA 19

| | ALGODÃO | ARROZ | MILHO | FEIJÃO | CANA | CAFÉ | CITRUS | AMEN- DOIM | MANDIO- CA | MATA | PASTA |
|-----------------|---------|--------|--------|--------|--------|-------|--------|---------------|---------------|---------|---------|
| ARARAQUARA | 800 | 2.300 | 7.300 | 500 | 15000 | 720 | 10.340 | — | — | 22.510 | 55000 |
| A. BRASILENSE | — | 500 | 800 | 1000 | 10000 | 220 | 538 | — | — | 1.800 | 2000 |
| SANTA LÚCIA | — | 200 | 700 | — | 7000 | 200 | 525 | — | — | 500 | 32000 |
| RINCÃO | — | 2.000 | 1.500 | — | 2400 | 52 | 158 | — | — | 15000 | 19000 |
| IBATÉ | — | 200 | 400 | 200 | 6000 | 320 | 85 | — | — | 5.600 | 11000 |
| SÃO CARLOS | 100 | 1000 | 2000 | 700 | 4.300 | 500 | 245 | — | — | 37.600 | 52000 |
| DESCALVADO | 600 | 1.200 | 3.000 | 250 | 2.200 | 360 | 590 | — | — | 31.650 | 50000 |
| RIB. BONITO | 242 | 190 | 1.200 | 130 | 2.800 | 224 | 100 | — | 400 | 19.520 | 29000 |
| DOURADO | 2.700 | 400 | 1.000 | 200 | 2.000 | 479 | 150 | — | — | 6.078 | 5000 |
| B.E. DO SUL | 1.452 | 726 | 1.210 | 121 | 1.700 | 400 | 1.000 | — | 484 | 16.710 | 31000 |
| NOVA EUROPA | — | 130 | 600 | — | 2.500 | 425 | 500 | — | — | 2.400 | 5000 |
| TABATINGA | 234 | 1.100 | 1.000 | — | 400 | 1050 | 3.150 | — | — | 6.000 | 35000 |
| MATÃO | 350 | 480 | 3.388 | — | 2.712 | 1.185 | 2.250 | — | — | 4.610 | 58000 |
| DOBRADA | — | — | 200 | — | 4.950 | 220 | 1.000 | — | — | 680 | 10000 |
| SANTA ERNESTINA | — | 200 | 200 | — | 4.500 | 80 | 5.000 | — | — | 2.700 | 30000 |
| TAQUARITINGA | 242 | 4.500 | 7.500 | 600 | 4.200 | 950 | 7.850 | — | — | 5.000 | 31000 |
| TOTAL | 6.720 | 15.126 | 31.998 | 3.701 | 72.662 | 7.385 | 33.481 | 6.266 | 884 | 178.358 | 430.000 |

PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES AGRÍCOLAS NA REGIÃO CANAVEIRA DE ARARAQUARA-1975
(em hectares)

TABELA 20

| | ALGODÃO | ARROZ | MILHO | FEIJÃO | CANA | CAFÉ | CITRUS | SOJA | AMEN- DOIM | MANDIO- CA | PASTO |
|-----------------|---------|--------|--------|--------|---------|--------|--------|-------|---------------|---------------|-------|
| ARARAQUARA | 150 | 3.000 | 7.000 | — | 26.000 | 1.900 | 21.000 | — | — | — | 45. |
| A. BRASILENSE | — | 200 | 1.000 | — | 8.500 | 400 | 2.000 | — | — | — | — |
| SANTA LÚCIA | 150 | 200 | 500 | — | 8.700 | 210 | 1.100 | — | — | — | 4. |
| RINCÃO | — | 2.000 | 1.500 | — | 3.500 | 120 | 800 | 380 | — | — | 14. |
| IBATÉ | 127 | 100 | 600 | — | 7.150 | 500 | 375 | — | — | — | 9. |
| SÃO CARLOS | 200 | 1.100 | 4.200 | 300 | 5.700 | 2.800 | 260 | 1.000 | — | — | 55. |
| DESCALVADO | 600 | 1.400 | 5.000 | 200 | 4.500 | 800 | 1.625 | 600 | — | — | 35. |
| RIB. BONITO | 250 | 300 | 1.500 | 80 | 4.600 | 238 | 175 | — | — | — | 26. |
| DOURADO | 2.500 | 400 | 3.000 | 300 | 1.200 | 736 | 72 | — | — | — | 7. |
| B. E. DO SUL | 800 | 1.200 | 1.600 | 60 | 3.000 | 733 | 2.550 | — | — | 140 | 30. |
| NOVA EUROPA | 300 | 150 | 400 | — | 4.731 | 570 | 2.500 | — | — | — | 2. |
| TABATINGA | 20 | 1.500 | 760 | — | 1.700 | 2.455 | 6.210 | 240 | — | — | 30. |
| MATÃO | 200 | 1.500 | 1.000 | — | 7.500 | 3.665 | 7.500 | 175 | 50 | — | 36. |
| DOBRADA | 100 | 200 | 400 | — | 5.000 | 520 | 3.000 | 200 | — | — | — |
| SANTA ERNESTINA | — | 250 | 220 | — | 5.000 | 90 | 3.000 | — | 450 | — | 3. |
| TAQUARITINGA | 400 | 3.500 | 6.000 | 1.000 | 6.000 | 1.570 | 16.500 | — | 7.000 | — | 20. |
| TOTAL | 5.797 | 17.000 | 34.680 | 1.940 | 102.781 | 17.307 | 68.667 | 2.595 | 7.500 | 140 | 320. |

FONTE : IEA.

PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES AGRÍCOLAS NA REGIÃO CANAVEIEIRA DE ARARAQUARA - 1.980

(em hectares)

TABELA 21

| | ALGODÃO | ARROZ | MILHO | FEIJÃO | CANA | CAFÉ | CITRUS | SOJA | AMEN- DOIM | MANDIO- CA | PASTA- |
|-----------------|---------|--------|--------|--------|---------|--------|--------|-------|---------------|---------------|--------|
| ARARAQUARA | 70 | 1.700 | 2.500 | 600 | 50.000 | 2.700 | 16.000 | 1.200 | — | — | 27 |
| A. BRASILIENSE | — | 300 | 300 | 300 | 10.545 | 400 | 1.500 | — | — | — | 1 |
| SANTA LÚCIA | — | 145 | 153 | — | 10.650 | 134 | 673 | 190 | — | — | 2 |
| RINCÃO | — | 1.500 | 900 | — | 6.400 | 40 | 2.500 | 500 | — | — | 9 |
| IBATÉ | — | 45 | 960 | 25 | 12.500 | 530 | 305 | — | — | — | 9 |
| SÃO CARLOS | 80 | 1.000 | 7.300 | 150 | 6.000 | 750 | 500 | 1.000 | — | — | 62 |
| DESCALVADO | 850 | 800 | 6.000 | — | 6.400 | 1.200 | 4.500 | 800 | — | 420 | 35 |
| RIB. BONITO | 550 | 200 | 1.000 | 30 | 5.300 | 300 | 1.100 | — | — | 500 | 27 |
| DOURADO | 2.500 | 400 | 3.200 | 400 | 1.300 | 995 | 75 | — | — | — | 6 |
| B. E. DO SUL | 800 | 800 | 1.100 | 100 | 7.800 | 967 | 5.595 | — | — | 100 | 28 |
| NOVA EUROPA | 400 | 200 | 200 | — | 5.650 | 650 | 4.500 | — | — | — | 2 |
| TABATINGA | — | 1.000 | 1.000 | — | 1.500 | 3.700 | 10.095 | — | — | — | 11 |
| MATÃO | 36 | 314 | 2.900 | — | 20.000 | 2.570 | 12.130 | 317 | 108 | — | 28 |
| DOBRADA | — | 250 | 800 | — | 7.500 | 520 | 2.325 | — | — | — | 1 |
| SANTA ERNESTINA | — | 200 | 250 | — | 5.000 | — | 3.190 | — | 450 | — | 3 |
| TAQUARITINGA | 537 | 3.500 | 7.800 | 300 | 8.000 | 1.700 | 19.750 | 1.500 | 7.500 | — | 20 |
| TOTAL | 5.823 | 12.354 | 36.363 | 1.905 | 164.545 | 17.156 | 84.748 | 5.507 | 8.058 | 1.020 | 270 |

FONTE : IEA.

PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES AGRÍCOLAS NA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA - 1.985
(em hectares)

TABELA 22

| | ALGODÃO | ARROZ | MILHO | FEIJÃO | CANA | CAFÉ | CITRUS | SOJA | AMEN- DOIM | MANDIO- CA | MATA | PASTO |
|-----------------|---------|--------|--------|--------|---------|--------|---------|-------|---------------|---------------|--------|-------|
| ARARAQUARA | 70 | 1.500 | 3.400 | 300 | 37.000 | 930 | 21.750 | 1.500 | 1.300 | — | — | 20 |
| A. BRASILIENSE | — | 350 | 420 | — | 7.500 | 300 | 1.465 | — | — | — | — | — |
| SANTA LÚCIA | 90 | 1.500 | 2.000 | — | 9.000 | — | 608 | 1.000 | — | — | 1.250 | 1.0 |
| RINCÃO | — | 3.000 | 1.500 | — | 10.000 | — | 3.120 | 1.500 | — | — | 750 | 2.5 |
| IBATÉ | 61 | 90 | 550 | 20 | 9.500 | 53 | 290 | — | — | — | 5.430 | 95 |
| SÃO CARLOS | 700 | 500 | 6.000 | 200 | 8.500 | 2.850 | 2.015 | 1.000 | — | — | 7.400 | 62 |
| DESCALVADO | 900 | 1.000 | 7.000 | 80 | 7.000 | 1.330 | 9.000 | 250 | — | 300 | 13.400 | 35 |
| RIB. BONITO | 450 | 200 | 1.000 | — | 5.800 | 210 | 2.050 | — | — | 600 | 6.330 | 25 |
| DOURADO | 1.200 | 80 | 1.800 | 20 | 1.000 | 420 | 800 | — | — | — | 3.315 | 11 |
| B. E. DO SUL | 700 | 600 | 700 | 50 | 12.000 | 150 | 11.750 | — | — | 700 | 14.100 | 24 |
| NOVA EUROPA | — | 50 | 170 | — | 6.750 | 570 | 5.500 | — | — | — | 972 | 2 |
| TABATINGA | — | 212 | 368 | — | 2.000 | 2.500 | 11.550 | — | — | — | 685 | 12 |
| MATÃO | — | 800 | 3.000 | — | 23.700 | 2.000 | 14.255 | — | 80 | — | 2.600 | 20 |
| DOBRADA | — | 250 | 800 | — | 10.000 | 270 | 2.450 | — | — | — | 400 | 5 |
| SANTA ERNESTINA | — | 300 | 200 | — | 9.100 | 60 | 1.405 | — | 100 | — | 140 | 1 |
| TAQUARITINGA | 177 | 2.000 | 2.000 | — | 14.500 | 640 | 20.750 | 200 | 1.000 | — | 550 | 17 |
| TOTAL | 4.348 | 12.432 | 30.908 | 670 | 173.350 | 12.283 | 108.758 | 5.450 | 2.480 | 1.600 | 57.322 | 248 |

FONTE : IEA .

COMPARAÇÃO EVOLUTIVA DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES AGRÍCOLAS NA REGIÃO CANAVIEIRA DE ARARAQUARA
1970 - 1.985 (em hectares)

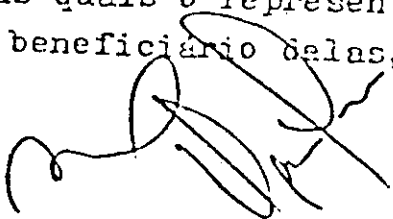
TABELA 23

| | 1970 | Nº índice | 1.975 | Nº índice | 1.980 | Nº índice | 1.985 | Nº índice | Varia Per |
|----------|---------|-----------|---------|-----------|---------|-----------|---------|-----------|-----------|
| ALGODÃO | 6.720 | 100 | 5.797 | - 14 | 5.823 | 00 | 4.348 | - 25 | - |
| ARROZ | 15.126 | 100 | 17.000 | 12 | 12.354 | - 27 | 12.432 | - 1 | - |
| MILHO | 31.998 | 100 | 34.680 | 8 | 36.363 | 5 | 30.908 | - 150 | - |
| FEIJÃO | 3.701 | 100 | 1.940 | -48 | 1.905 | - 2 | 670 | - 65 | - |
| CANA | 72.662 | 100 | 102.781 | 41 | 164.545 | 60 | 173.350 | 5 | 1 |
| CAFÉ | 7.385 | 100 | 17.307 | 134 | 17.156 | 1 | 12.283 | - 28 | - |
| CITRUS | 33.481 | 100 | 68.667 | 105 | 84.748 | 23 | 108.758 | 28 | 2 |
| SOJA | — | 100 | 2.595 | 2595 | 5.507 | 112 | 5.450 | - 1 | 54 |
| AMENDOIM | 6.226 | 100 | 7.500 | 20 | 8.058 | 7 | 2.480 | - 69 | - |
| MANDIOCA | 884 | 100 | 140 | - 84 | 1.020 | 628 | 1.600 | 57 | - |
| MATA | 178.358 | 100 | — | — | — | — | 57.322 | - 68 | - |
| PASTAGEM | 430.270 | 100 | 320.709 | - 25 | 270.705 | - 15 | 248.138 | - 8 | - |

ANEXO QUATRO

partes, de um lado, a FAZENDA PERLA, situada no município e comarca de Itápolis, de propriedade dos Snrs. DR. OSORIO CALIL JUNIOR e DR. JOÃO BATISTA PONGELIUPPE, respectivamente - portadores do C.P.F. 550976008-78 e 442311218-34 neste ato representados por seu procurador, OSORIO CALIL, brasileiro, casado, agricultor, residente e domiciliado nesta cidade de Taquaritinga (instrumentos de mandatos inclusos), portador do C.P.F. - 01233.5808-68 e R.G. nº 4651893, de outro, a COMPANHIA AGRICOLA CONTENDAS, com sede, foro e atividade agrícola comercial, neste município e comarca de Taquaritinga, representada neste ato por seus acionistas Diretores: DR. SERGIO SCHLOBACH SALVAGNI e DR. ESTEVAM SCHLOBACH SALVAGNI, brasileiros, casados, agricultores, residentes e domiciliados nesta cidade de Taquaritinga, respectivamente portadores do C.P.F. 348537588-87, R.G. 5.006.446 e 434.920888-72 e R.G. 5.966.119, têm entre si justo e contratado o seguinte:-

- 1 - Que a Arrendadora se constitui numa propriedade agrícola - pastoril, com área de 100,6581 alqueires mais ou menos, situada no município de Itápolis, distrito de Nova América, encravada na Fazenda Lageadinho, cadastrada no INCRA sob nº 618 101 - 278 360, registrada sob nº 14.368, Protocolo 1-A pág. 85, sob nº 3, do Livro 02 fls. 1 verso e matrícula nº 3.578 de 22 de agosto de 1979, no Cartório do Registro de Imóveis da comarca de Itápolis.
- 2 - Que por este contrato e na melhor forma de direito, a Arrendadora ARRENDA, como de fato arrendado tem, cinquenta e quatro (54) alqueires de terra nua da citada propriedade, em área já delimitada, de acôrdo com o mapa respectivo e anexo ao presente contrato, à Arrendatária, última nomeada. O prazo do presente arrendamento terá vigência a partir da presente data, entre quinze de janeiro de 1980, até trinta de agosto de 1983, ou tres anos, sete meses e quinze dias, quando se dará o seu término.
- 3 - Que o preço certo e convencionado do Arrendamento, é de CR\$ 1.836.000,00 (um milhão oitocentos e trinta e seis mil cruzeiros) os quais deverão ser pagos da seguinte maneira: duas parcelas de CR\$ 270.000,00 (duzentos e setenta mil cruzeiros), cada uma, representadas por duas notas promissórias de emissão da Arrendatária, nesta data de quinze de janeiro de 1980, com vencimento respectivo para o dia quinze de maio de 1980 e quinze de janeiro de 1981, nas quais o representante e procurador Osório Calil, figura como beneficiário delas, entregues a ele neste ato;



tro mil cruzeiros), cada uma, com vencimentos respectivos de trinta de junho de 1981; trinta de janeiro de 1982; trinta de junho de 1982 e trinta de janeiro de 1983, cujo pagamento será feito nas devidas datas de vencimentos, contra recibo, totalizado assim o pagamento ou preço ora fixado e aceito.

4 - Que a Arrendatária terá livre disposição da área objeto do presente contrato, para usá-la no cultivo preferencial de cana de açúcar, obrigada a Arrendatária a todo preparo necessário, isenta a Arrendadora de mão de obra ou qualquer outra responsabilidade.

5 - É fixada a multa penal de CR\$200.000,00 (duzentos mil cruzeiros) a qual será paga pela parte que infringir qualquer cláusula do presente contrato.

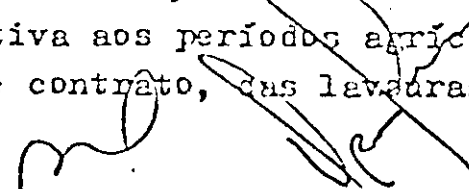
6 - A Arrendatária assume toda responsabilidade pela contratação de empregados, se assim entender necessário, não só com relação a salários, como também pelos encargos previdenciários, acidente de trabalho, Regulamento do Trabalhador Rural, e Consolidação das Leis do Trabalho, isenta a Arrendadora de qualquer responsabilidade.

7 - Todos os tributos incidentes sobre as áreas do Arrendamento, ficam de inteira responsabilidade da Arrendadora, quer sejam municipais, estaduais ou federais, isenta a Arrendatária de pagamento ou responsabilidade.

8 - Caso sejam efetuadas benfeitorias na propriedade ou área objetivadas neste contrato, fica a Arrendadora isenta de pagamento à título de indenização, passando as benfeitorias a integrarem o patrimônio da propriedade, sem direito a retenção, por parte da Arrendatária.

9 - A Arrendadora se obriga a fornecer uma casa da propriedade, para uso da Arrendatária, durante a vigência deste contrato. Fica da mesma forma facultada a ela Arrendatária, permanecer e usufruir a área do Arrendamento até a complementação do último corte de cana, ainda que passe do prazo previsto neste contrato, para o seu termo.

X - Os financiamentos ou transações efetuadas pelos Arrendatários sobre a cultura plantada, safras pendentes ou sobre máquinas e equipamentos agrícolas, terão dos Arrendadores o irrestrito e irrevogável consentimento, desde que não venha a onerar o imóvel, objeto do presente contrato, pelo que os Arrendadores autorizam os aludidos Arrendatários a constituírem quando julgado necessário, junto à Instituições financeiras o penhor da totalidade da safra relativa aos períodos agrícolas que compreender a vigência do presente contrato, das lavouras que venham a ser formadas -



rito na cláusula 2. Esclarecem ainda os arrendadores que a referida autorização com relação ao penhor das safras visa em primeiro lugar a liquidar com o produto vendido dos bens apre- nhado os financiamentos por ventura contraídos pelos Arrendatários.

11 - A Arrendatária terá livre trânsito na propriedade; no sentido de atingir a área do arrendamento, bem como para o escoamento dos produtos do arrendamento, inclusive para veículos - motorizados. A Arrendatária se obriga a devolver a área, no termo do contrato, toda gradeada.

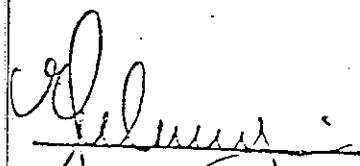
12 - Será observado no presente contrato, o Estatuto da Terra no que concerne ao arrendamento, notadamente no que se refere a preferência, renovação, prorrogação, notificação seis meses anteriores ao termo do contrato e o que mais abranger.

13 - O presente contrato vigirá mesmo que ocorra o falecimento de quaisquer dos Arrendadores, e no caso de venda ou imposição de onus real, fica garantida a permanência dos Arrendatários até o termo final do presente contrato.

14 - Elegem o foro desta cidade e comarca de Taquaritinga, para a solução de qualquer pendência resultante deste contrato, com expressa renúncia de qualquer outro por mais privilegiado que seja.

E, por estarem justos e contratados, mandaram datilografar o presente contrato em duas vias de igual teor, somente no anverso, que vão devidamente assinadas pelas partes contratantes e duas testemunhas a tudo presentes.

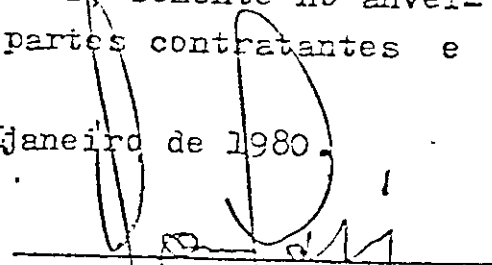
Taquaritinga, 15 de janeiro de 1980.



pela Companhia Agrícola Contendas

Dr. Sergio Schlobach Salvagni


Dr. Estevam Schlobach Salvagni

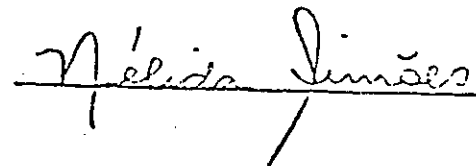


pela Fazenda Perla

Osório Calil

Testemunhas :-





ANEXO CINCO



SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO
COORDENADORIA SÓCIO-ECONÔMICA

CEDA nº 168/84

São Paulo, 26 de março de 1984.

Excelentíssimo Senhor Secretário

A Comissão Especial encarregada de julgar os projetos de destilarias de álcool no Estado de São Paulo vem submeter à apreciação de Vossa Excelência o parecer à Carta Consulta objetivando a ampliação de uma destilaria de álcool de 425.000 para 645.000 litros/dia, da Usina Ometto Pavan S/A., localizada no município de Américo Brasiliense - SP, e que foi submetido a esta Secretaria pela Comissão Executiva Nacional do Alcool - CENAL, conforme ofício CENAL n.º 295 de 23/02/84.

O projeto em pauta situa-se em área classificada como "não-prioritária" à expansão da lavoura canavieira no Estado de São Paulo, conforme estudo elaborado por esta Secretaria: "Bases para um Plano de Desenvolvimento do Oeste de São Paulo - Prô-Oeste".

Até o presente as normas desta Secretaria permitem aumento da capacidade até o limite máximo de 600.000 litros/dia, o que é ultrapassado pela Usina pretendida. Acresce-se ainda que o aumento proposto se faz pelo aumento de área da usina e arrendada que na safra 1983/84 representa 73,15% contra 26,85% dos fornecedores para 74,56% e 25,44% entre própria e de fornecedores na safra 1988/89. Ou seja, reduz-se a participação do fornecedor e torna mais agudo o nível de concentração em área própria quando o desejável seria que fornecedores ti

Excelentíssimo Senhor

DR. NELSON MANCINI NICOLAU

DD. Secretário de Agricultura e Abastecimento

São Paulo - SP.



vessem maior participação.

Alerta-se também que já existem na área usinas e destilarias em nível de concentração exagerada pois a proponente se localiza a 5 Km da Usina Maringá, em Araraquara; 20Km da Usina Zanin em Araraquara ; 32Km da Destilaria São Gregório, em Ibatê; 32Km da Usina Tamoio, em Araraquara e a 42Km da Usina Santa Luiza, em Matão.

E finalmente, conforme ítem 3 das Condições para Enquadramento não é contemplado como projeto prioritário pois não atinge objetivos como "desconcentração industrial e redução das desigualdades regionais" bem como não absorve novas tecnologias desejáveis para níveis da parte da interessada. O parecer da Comissão portanto é negativo.

A Comissão